

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS**

**O MINIZOO DE CANOAS/RS COMO ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO,
REABILITAÇÃO DE FAUNA E MEMÓRIA AMBIENTAL:
EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM URBANA**

DIEGO FLORIANO DA ROCHA

**Canoas
2026**

DIEGO FLORIANO DA ROCHA

**O MINIZOO DE CANOAS/RS COMO ESPAÇO DE PRESERVAÇÃO,
REABILITAÇÃO DE FAUNA E MEMÓRIA AMBIENTAL:
EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM URBANA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle, como requisito para obtenção do título de Douto em Memória Social e Bens Culturais –

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Identidade.
Orientadora: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

**Canoas
2026**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R672m Rocha, Diego Floriano da.
O MiniZoo de Canoas/RS como espaço de preservação, reabilitação de fauna e memória ambiental [manuscrito] : educação e integração na paisagem urbana / Diego Floriano da Rocha. – 2026.
125 f. : il.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) – Universidade La Salle, Canoas, 2026.

“Orientação: Profa. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin”.

1. Memória. 2. Fauna silvestre. 3. Educação ambiental. 4. Preservação.
5. Zoológico Municipal de Canoas/RS. I. Graebin, Cleusa Maria Gomes. II. Título.

CDU: 504:37(816.5)

Bibliotecária responsável: Joana Pereira Bortoluzzi - CRB 10/2959

DIEGO FLORIANO DA ROCHA

**AS IDENTIDADES FORMADAS NOS JOVENS ESTUDANTES DA REDE PÚBLICA
MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE ESTEIO/RS**

Tese **aprovada** para obtenção do título de doutor,
pelo Programa de Pós-Graduação em Memória
Social e Bens Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^a. Mariluci Neis Carelli
Universidade da Região de Joinville

Prof^ª. Dr^a. Fernanda Rabaioli da Silva
Programa de Pós-graduação em Saúde e Desenvolvimento Humano da Universidade La Salle,
Canoas/RS

Prof. Dr. Fábio Chang de Almeida
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof. Dr. Moisés Waismann
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof.^a Dr.^a Cleusa Maria Gomes Graebin
Orientador e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais

Curso: Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 15 de junho de 2026.

AGRADECIMENTOS

Foi um caminho longo até aqui e, às vezes, pego-me pensando: como consegui chegar? A resposta é simples: não cheguei sozinho, pois ninguém consegue caminhar sem amparo. Ao longo dos anos, recebi o auxílio de pessoas que mudaram a minha vida.

À minha família, obrigado por entenderem todas as minhas ausências. Elas nunca foram desculpas, mas sim o foco necessário para trilhar este caminho da melhor maneira. Nunca foi sobre mim, foi sempre sobre nós, sobre o futuro que quero construir para que, juntos, possamos crescer e mostrar o quanto a educação, aliada à família, pode transformar uma vida.

Aos meus irmãos, muito obrigado por me dar os melhores presentes que a vida poderia oferecer: Ana e Théo. Durante essa jornada, pensei em desistir várias vezes, mas era o sorriso e o amor de vocês que me traziam de volta ao eixo. O "tio do passado" deixa registrado aqui o quanto ama vocês e o quanto vocês ressignificaram a palavra amor em minha vida. Mesmo que de uma maneira ínfima, vocês carregam um pedacinho de mim no DNA de vocês e o Didi é imensamente agradecido por isto. Vocês, não são meus filhos, mas sempre vão ter em mim, um lugar para chamar de seu. Com amor tio Didi.

Mãe, uma palavra, vários sentimentos. O que falar? Nem o manuscrito mais perfeito do mundo seria capaz de transcrever o que sinto e o quanto sou grato por ter você em minha vida. Durante nossa história, aprendi sobre vários campos da vida adulta, porém, onde mais aprendi foi no campo do afeto. Em nome dele, você fez revoluções à sua maneira, demonstrando que o seu amor incondicional era capaz de gerar os melhores frutos. Obrigado por ser a melhor mãe solo, amiga e mulher que conheço. Agradeço por todo o apoio nesses 12 anos de vida acadêmica, você nunca duvidou da minha capacidade e sempre me manteve próximo ao meu propósito. Te amo hoje e para todo o sempre.

Ao meu marido, Ricardo, que história linda estamos construindo nesses 12 anos, hein? Quem diria que uma troca de mensagens entre dois jovens inexperientes evoluiria tanto e nos traria a este momento. Com você, escrevi muitos parágrafos de uma história recheada de mistério, suspense, drama, comédia, romance e, acima de tudo, repleta de amor. Lá no "estágio um" do jogo chamado vida, fizemos votos de nos ajudarmos e conquistarmos nossos objetivos grão em grão. Hoje, passadas algumas fases, nós namoramos, noivamos, casamo-nos, adquirimos nossa casa, viajamos, planejamos, sonhamos e aguardamos a realização da paternidade. Saiba que, sem o teu apoio, nada disso seria possível. Que venham mais conquistas tuas, minhas e

nossas. O teu amor me ensina todos os dias; espero que possamos envelhecer assim, com esta parceria e conservando todo este carinho. Desculpe-me pelos surtos de estresse e pelas chatices, mas quem ama está fadado a conviver com isso. Acredite sempre em você; tu és capaz de tudo, meu amor. Te amo mil milhões.

Mauri Floriano (in memoriam), em meados de 1998, você me sentou no sofá e me mostrou uma gaita de boca e uma flauta. Ensinou-me a usá-las e, quando te pedi uma, você disse: "Diego, ela será tua no dia em que fores doutor, pois o vô sabe que tu vais dar muito orgulho para a tua mãe, vô e vô". Ao alcançar o título de doutor, não poderei mais receber de suas mãos essa herança tão estimada. No lugar dela, herdei suas características, que dialogavam muito com o amor e a importância da família. Criar cinco filhos exigiu muito de você, mas, do seu jeito único e irreverente, você nunca deixou de fazer o melhor que pôde. Você foi e sempre será a melhor referência paterna que eu poderia ter. Continue cuidando de mim daí, que seguirei te dando orgulho daqui. Te amo.

Aos meus amigos Flor, Evandro e Gabriela, vocês fizeram toda a diferença neste processo, cada um do seu jeito e em momentos diferentes desta história. Se existe algo que todos possuem em comum, é a paciência para ouvir meus desabafos recheados de insegurança, sempre sem julgamentos. Vocês nunca permitiram que eu desistisse. Os banquetes gastronômicos e as risadas certamente são melhores com vocês. Amo vocês, mesmo com o meu jeitinho de desmarcar em cima da hora.

Paulinha, óbvio que você precisa estar aqui, pois foi a Unilasalle que nos apresentou, o melhor presente vindo da instituição. De uma singela ida à tua sala para buscar impressões até os dias atuais... Nossa, são tantos momentos, né? Foram muitas conversas, risadas frouxas, idas ao Nono, sushi, sopão, jantas em família, comemorações e muito, mas muito companheirismo. Não apenas durante o doutorado, mas também durante o mestrado. Foram tantos desabafos e conversas, lembra? Você sempre ali, ouvindo com toda a paciência do mundo e falando firme que iria me apoiar, não importa o que eu fosse decidir, mas sempre deixando claro que acreditava que eu iria conseguir. E não é que deu certo? Amiga, obrigada por tanto. Tenho orgulho do vínculo que construímos e de poder afirmar que, além de amigas, somos irmãs. Te amo horrores de amar.

Vagner (in memoriam), amigo? Não, você nunca ocupou apenas esse lugar; você sempre foi o meu irmão de outra mãe. Já se passaram vários anos, não é? Mas o vazio segue aqui. Teu lugar nunca será ocupado e você sempre será lembrado com muito amor. Obrigado por me ensinar tanto no tempo em que tive o privilégio de

conviver contigo. Que nossa conexão atravessasse o pós vida e nosso reencontro seja repleto de alegria. Estou aqui hoje, naquele lugar onde você disse que eu chegaria. Foi você quem me apresentou o mundo que me manteria protegido em tantas ocasiões; nos animes e nas nossas conversas longas na calçada, encontrei amparos fundamentais. Nossos jogos de Magic moldaram quem sou. Obrigado por tudo, irmão. Para sempre no meu coração.

Agradeço à professora Moema Hansen (in memoriam): sem a senhora, nada desta jornada seria possível. Você depositou em mim todo o amor que em ti transbordava. Foram muitos anos de conversas na calçada, ouvindo-me e orientando-me sobre as questões da vida. Moema, você estará para sempre em meu coração. Meu mais sincero obrigado.

À professora Cristina Vargas Cademartori, minha eterna orientadora, obrigado por acreditar em mim quando nem eu mesmo conseguia. Você faz a diferença na vida de todos que toca. Nos momentos em que pensei em desistir, você não desistiu de mim. Quando perguntei "por que eu?", um aluno que não tirava as melhores notas, você olhou com serenidade nos meus olhos e disse: "Diego, a nota não significa nada. Um aluno com notas excelentes pode não ser tão bom quanto aquele que se dedica, mas fica na média; afinal, estudar apenas para tirar nota é possível para todos". Obrigado por me transformar no profissional que sou.

À minha querida orientadora, professora Cleusa Graebin, antes de qualquer coisa, muito obrigado pela paciência em trilhar este caminho comigo. A senhora tornou o final desta caminhada menos doloroso. Lembrarei sempre com carinho por nunca ter feito julgamentos, acolhendo-me e auxiliando-me para que eu concluísse, mesmo quando eu realmente desejava desistir. Pessoas como a senhora dão um novo significado à vida. Que a sua luz siga transbordando a todos que você ama.

À CAPES, pela concessão da bolsa integral, sem a qual este estudo não teria sido realizado. Espero que outros pesquisadores também tenham essa oportunidade.

À Universidade La Salle, por estes doze anos entre graduação, mestrado e doutorado.

"Se você decidiu fazer algo, dedique-se a isso até o fim. Não importa quão impossível pareça, a perseverança é o que transforma o impossível em realidade."
— Shinobu Kocho

RESUMO

Esta tese insere-se na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle, investigando o Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo) sob a ótica de um espaço híbrido que articula preservação, reabilitação de fauna e memória ambiental na paisagem urbana. Os problemas de pesquisa são os seguintes: Quais ações/estratégias são realizadas junto aos visitantes, para a sua sensibilização em relação à proteção da fauna local e ao ambiente como um todo? Quais são os projetos de educação ambiental realizados no MiniZoo de Canoas? Após os animais serem acolhidos, como é feita triagem, tratamento e introdução de volta ao seu habitat natural? Qual é o posicionamento da mídia escrita da Região Metropolitana de Porto Alegre em relação ao Mini Zoo? Seus objetivos são: Verificar ações e estratégias de sensibilização de público visitante relacionadas à preservação da fauna local e ao meio ambiente. Analisar o cotidiano dos profissionais que ali atuam, incluindo tratamento, recuperação e devolução de animais ao ambiente. Verificar projetos de educação ambiental ali realizados. Analisar posicionamentos da mídia escrita da Região Metropolitana de Porto Alegre sobre o MiniZoo e o trabalho de preservação ali desenvolvido. As hipóteses que defendo são: este espaço não se constitui apenas como um local de exposição de animais, mas principalmente, como agente ativo na reabilitação e reinserção de espécies na natureza e de promoção de preservação de fauna; a memória ambiental se entrelaça com a paisagem urbana e o MiniZoo coloca-se como um centro de integração entre o ambiente e a comunidade. A metodologia seguiu uma abordagem qualitativa, englobando pesquisa bibliográfica, documental e de campo. Foi realizada entrevista estruturada com a profissional que atua no MiniZoo e a criação de um ensaio visual como elemento analítico e narrativo. Os resultados revelam que o MiniZoo opera, na prática, como um Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), apresentando um crescimento exponencial no recebimento de animais (saltando de 447 em 2018 para mais de 3.500 em 2025) devido à pressão da expansão urbana. A análise demonstra a consolidação do MiniZoo como um "lugar de memória", onde práticas de educação ambiental e protocolos de bem-estar, como o enriquecimento ambiental, medeiam a relação entre a sociedade e a natureza. Conclui que o MiniZoo transcende a função de exposição, atuando como um agente ativo na reabilitação da fauna nativa e como um patrimônio ecológico e sociocultural indispensável para a memória urbana de Canoas.

Palavras-chave: MiniZoo de Canoas; Fauna Silvestre; Educação Ambiental; Memória Ambiental; Conservação da Biodiversidade.

ABSTRACT

This thesis is part of the “Memory, Culture, and Identity” research track within the Graduate Program in Social Memory and Cultural Heritage at Unilasalle, investigating the Canoas Municipal Zoo (MiniZoo) as a hybrid space that integrates conservation, wildlife rehabilitation, and environmental memory within the urban landscape. The research questions are as follows: What actions/strategies are implemented with visitors to raise their awareness regarding the protection of local wildlife and the environment as a whole? What environmental education projects are carried out at the Canoas MiniZoo? After the animals are taken in, how are they screened, treated, and reintroduced to their natural habitat? What is the stance of the print media in the Porto Alegre Metropolitan Region regarding the MiniZoo? The objectives are: To examine actions and strategies for raising visitor awareness regarding the preservation of local wildlife and the environment. To analyze the daily routines of the professionals working there, including the treatment, rehabilitation, and return of animals to the wild. To examine environmental education projects carried out there. To analyze the stance of the print media in the Porto Alegre Metropolitan Region regarding the Mini Zoo and the conservation work conducted there. The hypotheses I propose are as follows: this space is not merely a venue for displaying animals, but primarily an active agent in the rehabilitation and reintroduction of species into the wild and in promoting wildlife conservation; environmental memory is intertwined with the urban landscape, and the MiniZoo serves as a hub for integration between the environment and the community. The methodology followed a qualitative approach, encompassing bibliographic, documentary, and field research. Structured interviews were conducted with professional working at the MiniZoo, and a visual essay was created as an analytical and narrative element. The results reveal that the MiniZoo operates, in practice, as a Wildlife Screening Center (CETAS), showing exponential growth in the number of animals received (jumping from 447 in 2018 to over 3,500 in 2025) due to the pressure of urban expansion. The analysis demonstrates the consolidation of the MiniZoo as a “space of memory,” where environmental education practices and welfare protocols, such as environmental enrichment, mediate the relationship between society and nature. It concludes that the MiniZoo transcends the role of an exhibition space, acting as an active agent in the rehabilitation of native wildlife and as an ecological and sociocultural heritage indispensable to the urban memory of Canoas.

Keywords: Canoas MiniZoo; Wildlife; Environmental Education; Environmental Memory; Biodiversity Conservation.

RESUMEN

Esta tesis se enmarca en la línea de investigación «Memoria, Cultura e Identidad» del Programa de Posgrado en Memoria Social y Bienes Culturales de la Unilasalle, y analiza el Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo) desde la perspectiva de un espacio híbrido que articula la conservación, la rehabilitación de la fauna y la memoria medioambiental en el paisaje urbano. Las preguntas de investigación son las siguientes: ¿Qué acciones o estrategias se llevan a cabo con los visitantes para sensibilizarlos respecto a la protección de la fauna local y del medio ambiente en su conjunto? ¿Cuáles son los proyectos de educación ambiental que se llevan a cabo en el MiniZoo de Canoas? Una vez acogidos los animales, ¿cómo se lleva a cabo su selección, tratamiento y reintroducción en su hábitat natural? ¿Cuál es la postura de la prensa escrita de la Región Metropolitana de Porto Alegre con respecto al MiniZoo? Sus objetivos son: Verificar las acciones y estrategias de sensibilización del público visitante relacionadas con la preservación de la fauna local y el medio ambiente. Analizar el día a día de los profesionales que trabajan allí, incluyendo el tratamiento, la recuperación y la devolución de los animales al medio natural. Evaluar los proyectos de educación medioambiental que allí se llevan a cabo. Analizar las posturas de la prensa escrita de la Región Metropolitana de Porto Alegre sobre el MiniZoo y la labor de conservación que allí se desarrolla. Las hipótesis que defiende son: este espacio no es solo un lugar de exposición de animales, sino, sobre todo, un agente activo en la rehabilitación y reinserción de especies en la naturaleza y en la promoción de la conservación de la fauna; la memoria medioambiental se entrelaza con el paisaje urbano y el MiniZoo se erige como un centro de integración entre el medio ambiente y la comunidad. La metodología siguió un enfoque cualitativo, que abarcó la investigación bibliográfica, documental y de campo. Se llevó a cabo una entrevista estructurada con la profesional que trabaja en el MiniZoo y se elaboró un ensayo visual como elemento analítico y narrativo. Los resultados revelan que el MiniZoo funciona, en la práctica, como un Centro de Clasificación de Animales Silvestres (CETAS), y presenta un crecimiento exponencial en la acogida de animales (pasando de 447 en 2018 a más de 3.500 en 2025) debido a la presión de la expansión urbana. El análisis demuestra la consolidación del MiniZoo como un «lugar de memoria», donde las prácticas de educación ambiental y los protocolos de bienestar, como el enriquecimiento ambiental, median en la relación entre la sociedad y la naturaleza. Se concluye que el MiniZoo trasciende la función de exposición, actuando como agente activo en la rehabilitación de la fauna autóctona y como patrimonio ecológico y sociocultural indispensable para la memoria urbana de Canoas.

Palabras clave: MiniZoo de Canoas; fauna silvestre; educación ambiental; memoria ambiental; conservación de la biodiversidad.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capão do Corvo (1910).....	15
Figura 2 – Parque Getúlio Vargas (Década de 2020).....	16
Figura 3 – Parque Getúlio Vargas, Canoas – Captura de tela da localização	17
Figura 4 - Eixos temáticos matérias jornalísticas sobre o MiniZoo de Canoas.	24
Figura 5 – Espaço de passeio público Minizoo Canoas.....	73
Figura 6 – Recintos primatas, Minizoo Canoas.....	74
Figura 7 – Recinto das Ara ararauna e Ara macao, Minizoo Canoas.....	75
Figura 8 – Recinto <i>Rampharos dicolors</i> , Minizoo Canoas.....	75
Figura 9 – Recinto <i>Mazama gouazoubira</i> , Minizoo Canoas.....	76
Figura 10 – Recinto <i>Trachemys dorbigni</i> , Minizoo Canoas.....	76
Figura 11 – Sala de tratamento dos filhotes, Minizoo Canoas.....	77
Figura 12 – Sala de Nutrição, Minizoo Canoas.....	78
Figura 13 – Escritório dos biólogos e veterinários, Minizoo Canoas.....	78
Figura 14 – Entrada para o setor extra, Minizoo Canoas.....	79
Figura 15 – Ação de educação ambiental, Minizoo Canoas.....	80
Figura 16 – Ambulatório, Minizoo Canoas.....	80
Figura 17 – Sala de ambulatório, Minizoo Canoas.....	81

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Algumas Manchetes relevantes sobre o MiniZoo.....	19
Quadro 2 – Relação entre ensaio visual, objetivos e categoria de análise.	72
Quadro 3 – Articulação entre o ensaio visual e o referenciamento teórico.	82

LISTA DE ABREVIações E SIGLAS

AGAPAN	Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
CETAS	Centro de Triagem de Animais Silvestres
EA	Educação Ambiental
FBCN	Fundação Brasileira para Conservação da Natureza
IBAMA	Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICMBio	Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MAPE	Movimento Arte e Pensamento Ecológico
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PNMA	Política Nacional de Meio Ambiente
PPMSBC	Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais
RS	Rio Grande do Sul
SEMA	Secretaria Especial de Meio Ambiente
SEFIC	Semana Científica da Unilasalle
UPN	União Protetora da Natureza
UNILASALLE	Universidade La Salle

SUMÁRIO

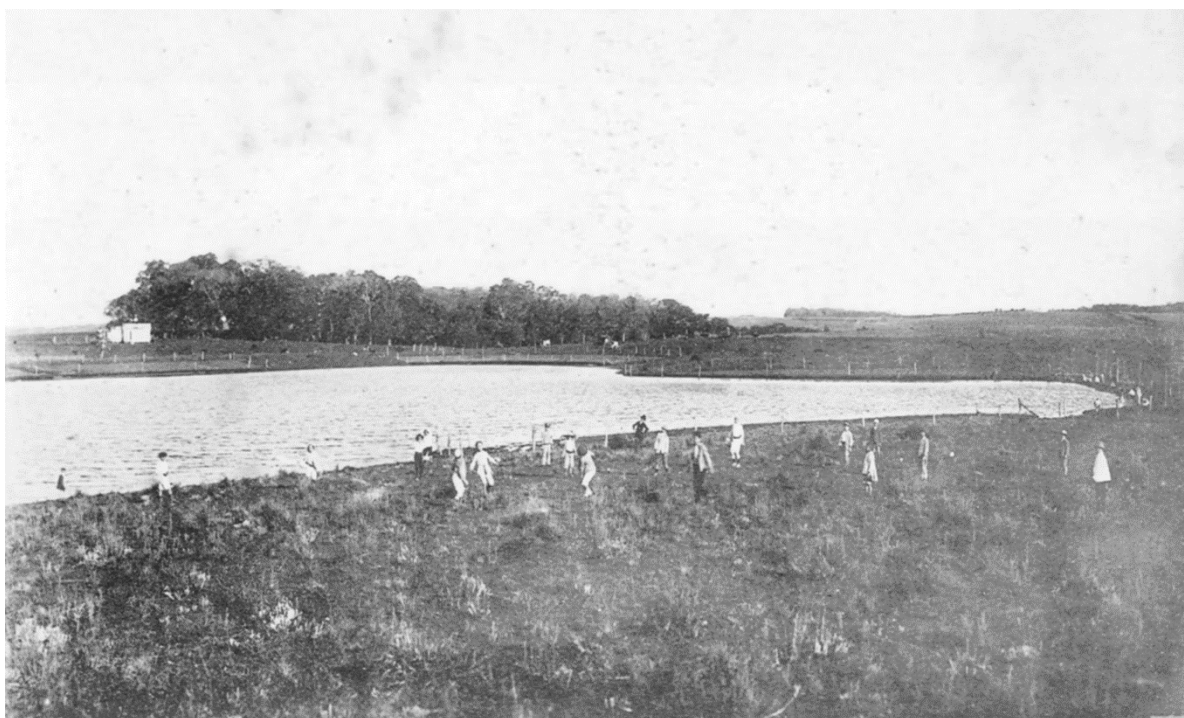
1 INTRODUÇÃO	17
1.1 LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O MINIZOO	20
1.2 PROBLEMAS, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA	29
1.2.1 Problemas	27
1.2.2	
Objetivos	307
1.2.3 Justificativa	28
1.3 MEMORIAL	364
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	397
2.1 O MINIZOO DE CANOAS COMO ESPAÇO DE CONSERVAÇÃO, REABILITAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ANALÍTICA	39
2.2 ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE ESTUDOS REFERENTES A MINIZOOS	431
2.3 MEMÓRIA AMBIENTAL	497
2.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL	50
2.5 ZOOLOGICOS E CETAS	531
2.6 MINIZOOLOGICOS, ZOOLOGICOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL	553
3 METODOLOGIA	59
3.1 ÁREA DE ESTUDO	59
3.2 PESQUISA QUALITATIVA	62
3.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	60
3.4 PESQUISA DOCUMENTAL	631
3.5 ENTREVISTA ESTRUTURADA	642
3.6 ENSAIO VISUAL COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO	66
4 MINIZOO CANOAS – “FAUNA SILVESTRE EM MEIO URBANO”	708
4.1 O MINIZOO EM IMAGENS – CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA AMBIENTAL	71
4.2 O MINIZOO DE CANOAS ENTRE CONSERVAÇÃO, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL	853
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	920
REFERÊNCIAS	953
ANEXOS	1031

1 INTRODUÇÃO

O trabalho insere-se na Linha de Pesquisa Memória, Cultura e Identidade, do Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPGMSBC), da Universidade La Salle (Unilasalle) e tem como tema, o Minizoo – Zoológico Municipal de Canoas (Rio Grande do Sul). Este situa-se no interior do Parque Municipal Getúlio Vargas, inaugurado em 13 de dezembro de 1980.

De acordo com o Livro Memorial do Instituto São José (1908-1949), o espaço do Parque era de propriedade dos Irmãos Lassalistas, religiosos do Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, os quais chegaram a Canoas em 1908, fundando uma escola para meninos — O Instituto São José. O local era conhecido como Capão do Corvo (Figura 1) e a partir de 1980, Parque Getúlio Vargas (Figura 2).

Figura 1 – Capão do Corvo (1910)



Fonte: Livro Memorial do Instituto São José – 1908 a 1949. Acervo do Museu Histórico La Salle.

Figura 2 – Parque Getúlio Vargas (Década de 2020)



Fonte: Acervo do Museu Histórico La Salle (2022).

O Parque é um dos remanescentes de capões de mato, que de acordo com Viegas, Relly e Graebin (2021, p. 329):

[...] tem origem na palavra oriunda do tronco tupi-guarani caa-apoam, que significa algo como “mata circular”, caracterizando ilhas de vegetação dispersas em áreas campestres. Além disso, consta que os atuais Bairros Brigadeira e Industrial, que integravam a Fazenda Brigadeira¹, foram outrora denominados “Campos de Baixo” e “Campos de Cima”. Existiam, ainda, o Capão das Laranjeiras (Bairro Brigadeira), o Capão da Cruz, o Capão do Meio, o Capão Pequeno e o Capão das Capivaras (Bairro Industrial).

A ampliação da urbanização com a abertura de ruas, condomínios verticais e horizontais cercaram o Parque, com prejuízos ambientais e mudanças na paisagem. A imagem a seguir, traz uma visão da localização do Parque Getúlio Vargas, circulado com linha vermelha e o MiniZoo, circulado em lilás.

¹ Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul. Saturnino Mathias Velho e Júlia de Souza Velho – Processos de Inventário nº 619 e nº 2513 de 1924 e 1929, respectivamente, Porto Alegre -RS.

Figura 3 – Parque Getúlio Vargas, Canoas – Captura de tela da localização



Fonte: Google Maps, 2024.

A criação do MiniZoo remonta, inicialmente, à Lei nº 4777, 29 de agosto de 2003, a qual autorizava o município de Canoas a:

[...] celebrar Convênio com a Sociedade de Zoológicos do Brasil, objetivando a adesão ao Programa de Interiorização do Parque Zoológico do Rio Grande do Sul com parceria de benefícios ao Parque e Implantação de um mini-zoológico no Parque Getúlio Vargas [...] contemplando a implantação de ambientes cercados para cisnes, capivaras, tartarugas, marrecos, araras, macacos, pavão e outros animais de pequeno porte cedidos pelo Parque Zoológico do Estado (Câmara Municipal de Canoas, 2024, s/p.).

Posteriormente, em 2005, foi inaugurado o MiniZoo de Canoas. O plantel conta com 110 animais de 40 espécies diferentes, 43 recintos, 28 dos quais para exposição dos animais ao público e 15 no setor “extra”. O espaço conta com 1 ambulatório/internação com 17 baias e uma quarentena com 7 baias. Este espaço é destinado aos animais que excedem no plantel, estão em quarentena, tratamento e para ser utilizado quando um ou mais recintos estão sob reforma. Vale ressaltar que todos os animais que residem no minizoológico e estão em exposição, são aqueles que, por algum motivo, estão impossibilitados permanentemente de poder retornar ao seu habitat natural. O local tem como objetivo principal receber animais exóticos, tratá-los e devolvê-los aos seus habitats.

É importante ressaltar também, que o espaço recebe animais de aproximadamente 34 cidades do Rio Grande do Sul e Região Metropolitana de Porto Alegre, sendo o município de Canoas o único responsável por mantê-los. O MiniZoo oferece projetos de educação ambiental, que visam a conscientizar escolares e o público em geral, sobre a importância da preservação das espécies e os locais onde essas residem. O plantel recebeu aproximadamente 347 estudantes para realizar seus estágios obrigatórios entre os anos de 2018 e 2025 dos cursos de Biologia, Medicina Veterinária e Zootecnia de mais de 25 universidades do país. O MiniZoo conta com estrutura necessária para o tratamento dos animais, bem como técnicas de enriquecimento ambiental que visam a diminuir o estresse e melhorar a qualidade de vida de animais que vivem em cativeiro.

Aos finais de semana, o movimento no Parque se intensifica, pois a população procura oportunidades de lazer e, conseqüentemente, acaba visitando o local, onde conhece os animais e têm a oportunidade de aprender sobre seus comportamentos, habitats e os motivos que os levaram a estar expostos nos recintos. Este trabalho é realizado por veterinários e biólogos que ali trabalham, os quais buscam, através dessas trocas de informações, conscientizar as pessoas acerca da problemática da conservação de espécies nativas da cidade.

Também, apresento a seguir, buscando melhor explicitar a contextualização do objeto desta tese, rastros da presença do MiniZoo na mídia escrita.

1.1 LEVANTAMENTO DE MATÉRIAS JORNALÍSTICAS SOBRE O MINIZOO

Ao buscar rapidamente o termo “MiniZoo de Canoas” no Google, deparei-me com conteúdo abrangendo os mais diversos assuntos acerca do espaço. Em se tratando de matérias jornalísticas, algumas foram veiculadas em jornais de grande importância no estado como o jornal Zero Hora-ZH e o Portal G1 de notícias, ambos pertencentes a uma das emissoras mais importantes do Brasil o que demonstra a relevância que o local tem, não só para a cidade de Canoas, mas também para o Estado. O recorte temporal foi definido após conversa com a bióloga responsável pelo MiniZoo de Canoas, que relatou que foi a partir de 2017 que o próprio espaço passou a atribuir maior importância ao armazenamento de materiais divulgados na mídia. Segundo a profissional, os documentos preservados correspondem àqueles considerados de maior relevância para o local.

Apresento a seguir as manchetes que tratam sobre educação ambiental, conservação da biodiversidade local e matérias que corroboram a importância do Minizoo como um espaço que recebe, tria, trata, reabilita e reintegra os animais na natureza (Quadro 1).

Quadro 1 – Algumas Manchetes relevantes sobre o MiniZoo

PERIÓDICO	MANCHETE	LOCALIZAÇÃO	DATA
Diário de Canoas	Os órfãos da natureza	Anexo 1	15/03/17
Diário de Canoas	Parece um gatinho, mas é um Maracajá	Anexo 2	25/10/17
Diário de Canoas	Macacos febre amarela: nada a ver	Anexo 3	29/01/18
Jornal do Almoço	Gato-maracajá é atração do MiniZoo de Canoas	https://globoplay.globo.com/v/6498366/	13/02/18
G1	Equipe de TV japonesa grava reportagem sobre gato-maracajá no Rio Grande do Sul	https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/equipe-de-tv-japonesa-grava-reportagem-sobre-gatos-maracaja-no-rio-grande-do-sul.ghtml	13/08/18
Diário de Canoas	As cobras estão à solta na cidade	Anexo 4	14/08/18
Diário de Canoas	Curado, Tucano-de-bico-verde está livre para voar de novo	Anexo 5	16/07/20
GZH	Zoo de Canoas reabre as portas	Anexo 6	27/09/20
Diário de Canoas	Ouriço volta para casa após tratamento vip no Minizoo	Anexo 7	30/10/20
Diário de Canoas	Minizoo abriga dois ilustres pacientes	Anexo 8	09/11/20
Timoneiro	Gavião-carijó é devolvido à natureza após tratamento	Anexo 9	28/01/21
Diário de Canoas	Animais silvestres de volta ao habitat natural	Anexo 10	09/02/21
Jornal Prefeitura	Zoo de Canoas tem novidade	Anexo 11	21/02/21
Jornal VS (ABC+)	Filhotes dão cara de berçário ao diversificado MiniZoo de Canoas	chrome-extension://efaidnbmninnnibpcajpcgclefin dmkaj/https://www.upf.br/Media/20210318030351-16463993_162503.pdf	18/03/21
Diário de Canoas	Filhotes de furão, veado e quati dão cara de berçário ao nosso Minizoo	Anexo 12	17/03/21
Jornal VS (ABC+)	Tudo para uma vida saudável	Anexo 13	16/05/21
Revista News	MiniZoo de Canoas recebeu 13 mil visitantes após reabertura	https://revistanews.com.br/2021/06/18/minizoo-de-canoas-recebeu-13-mil-visitantes-apos-reabertura/	18/06/21
Diário de Canoas	Campanha pela água leva tintas e cores para os bueiros de Canoas	Anexo 14	08/10/21
GZH	Corujas são devolvidas	Anexo 15	20/10/21

	à natureza após reabilitação		
Paco Editorial	MiniZoo realiza seminário com acadêmicos de biologia e medicina veterinária	https://editorialpaco.com.br/minizoo-realiza-seminario-com-academicos-de-biologia-e-medicina-veterinaria/	12/07/22
GZH	Tamanduá-mirim em Canoas	Anexo 16	15/07/22
Jornal NH (ABC+)	Animais silvestres são resgatados pelo MiniZoo de Canoas	https://www.jornaldegramado.com.br/noticias/regiao/2022/10/04/animais-silvestres-sao-resgatados-pelo-minizoo.html	04/10/22
Diário de Canoas	O espaço ecológico mais querido de Canoas reabriu	Anexo 17	02/02/23
Jornal Cidades	MiniZoo de Canoas é reaberto ao público após consertos	https://www.jornaldocomercio.com/jornal-cidades/2023/02/883635-minizoo-de-canoas-e-reaberto-ao-publico-apos-consertos.html	03/02/23
Site Prefeitura de Canoas	Animais do MiniZoo recebem enriquecimento ambiental	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/animais-do-minizoo-recebem-enriquecimento-ambiental/	15/04/24
G1	Animais do zoológico de Canoas ganham presentes de Dia das Mães	https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/05/15/fotos-e-video-animais-do-zoologico-de-canoas-ganham-presentes-de-dia-das-maes.ghtml	15/05/23
Jornal Prefeitura	Minizoo conta com novo ambulatório para reabilitação de animais silvestris	Anexo 18	30/05/23
Vale Notícia	MiniZoo, em Canoas, realiza atividade de sensibilização ambiental surpresa com os visitantes	https://valenoticia.jor.br/canoas/minizoo-em-canoas-realiza-atividade-de-sensibilizacao-ambiental-surpresa-com-os-visitantes	25/06/23
Terra	MiniZoo de Canoas recebe filhote de gato- maracajá	https://encurtador.com.br/AKXvE	15/07/23
Diário de Canoas	Visitação é bem-vinda, mas não pode estressar os bichos	Anexo 19	18/07/23
Diário de Canoas	Urubu resgatado se recupera no Minizoo de Canoas	Anexo 20	09/08/23
Diário de Canoas	Mudança do Clima altera rotina no Minizoo	Anexo 21	14/08/23
G1	Filhote de gato-do-mato é o novo morador do Zoológico Municipal de Canoas	https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2023/08/15/filhote-de-gato-do-mato-e-o-novo-morador-do-zoologico-municipal-de-canoas-video.ghtml	15/08/23
Jornal Prefeitura	Minizoo de Canoas recebe filhotes de coruja-suindara	Anexo 22	18/09/23
GZH	MiniZoo de Canoas devolve curicacas à natureza após reabilitação	https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2023/09/video-minizoo-de-canoas-devolve-curicacas-a-natureza-apos-reabilitacao-cln2daagz00hc015n0a3gr0y2.html	27/09/23

ABC+	Quatro corujas filhotes são soltas pelo Minizoo de Canoas; entenda o motivo	https://www.abcmmais.com/brasil/rio-grande-do-sul/vale-do-rio-dos-sinos/canoas/minizoo-de-canoas-solta-quatro-corujas-apos-trabalho-de-reabilitacao-das-aves/	07/11/23
Jornal Prefeitura	Minizoo de Canoas realiza soltura de corujas	Anexo 23	20/11/23
Vale Notícia	MiniZoo de Canoas realiza soltura de gavião-chimango	https://encurtador.com.br/URgz6	04/01/24
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo de Canoas realiza soltura de Falcão Quiriquiri	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-de-canoas-realiza-soltura-de-falcao-quiriquiri/	17/02/24
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo alerta para cuidado com animais silvestres atingidos pelas enchentes	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-alerta-para-cuidado-com-animais-silvestres-atingidos-pelas-enchentes/	27/05/24
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo de Canoas reabre para visitação	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-de-canoas-reabre-para-visitacao/	14/06/24
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo de Canoas reforça pedido para doação de jornais durante o inverno	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-de-canoas-reforca-pedido-para-doacao-de-jornais-durante-o-inverno/	22/06/24
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo de Canoas está aberto � visitação de terça-feira a domingo	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-de-canoas-esta-aberto-a-visitacao-de-terca-feira-a-domingo/	23/07/24
GZH	Com enchente, sobe número de animais silvestres resgatados por Zoológico de Canoas	https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2024/07/com-enchente-sobe-o-numero-de-animais-silvestres-resgatados-por-zoologico-de-canoas-clz1nfd7i007m013ptjjayxkr.html	25/07/2024
Jornal Prefeitura de Canoas	MiniZoo reforça o pedido para doações de jornais	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-reforca-o-pedido-para-doacoes-de-jornais/	23/08/24
Jornal Prefeitura de Canoas	Halloween no Zoo desvenda mitos sobre os bichos	Anexo 24	08/11/24
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo de Canoas devolve duas corujas à natureza após reabilitação	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-de-canoas-devolve-duas-corujas-a-natureza-apos-reabilitacao/	04/12/24
Site Prefeitura de Canoas	Zoológico Municipal de Canoas é fechado temporariamente por precaução sanitária	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/zoologico-municipal-de-canoas-e-fechado-temporariamente-por-precaucao-sanitaria/	16/05/25
Correio do Povo	Zoológico Municipal de Canoas é fechado temporariamente por precaução sanitária	https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/rural/zool%C3%B3gico-municipal-de-canoas-%C3%A9-fechado-temporariamente-por-precau%C3%A7%C3%A3o-sanit%C3%A1ria-1.1610393	20/05/25
Instagram	Local acolhe e trata animais antes de devolver à natureza	https://www.instagram.com/reel/DKf5fIFOYKI/	04/06/25

Site Prefeitura de Canoas	Zoológico Municipal de Canoas reabre para visitação pública a partir desta quinta-feira	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/zoologico-municipal-de-canoas-reabre-para-visitacao-publica-a-partir-desta-quinta-feira-5/	05/06/25
Site Prefeitura de Canoas	Crianças e adolescentes do Serviço de Acolhimento de Guaíba visitam o Mini Zoo de Canoas	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/criancas-e-adolescentes-do-servico-de-acolhimento-de-guaiba-visitam-o-mini-zoo-de-canoas/	28/07/25
Site Prefeitura de Canoas	Seis corujas-suindaras são devolvidas à natureza após reabilitação no Zoológico de Canoas	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/seis-corujas-suindaras-sao-devolvidas-a-natureza-apos-reabilitacao-no-zoologico-de-canoas/	26/08/25
Site Prefeitura de Canoas	MiniZoo de Canoas celebra 20 anos dedicados à preservação e ao cuidado com a fauna silvestre	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/minizoo-de-canoas-celebra-20-anos-dedicados-a-preservacao-e-ao-cuidado-com-a-fauna-silvestre/	21/10/25
ABC+	Minizoo completa 20 anos de cuidados com os animais silvestres em Canoas	https://www.abcmais.com/brasil/rio-grande-do-sul/vale-do-rio-dos-sinos/canoas/minizoo-completa-20-anos-de-cuidados-com-os-animais-silvestres-em-canoas/	22/10/25
RBS	Canoas celebra 20 anos do MiniZoo	https://globoplay.globo.com/v/14036630/	23/10/25
Site Prefeitura de Canoas	Mini-Zoo de Canoas recebe mão-pelada vítima de interferência humana	https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/mini-zoo-de-canoas-recebe-mao-pelada-vitima-de-interferencia-humana/	29/10/25

Fonte: Produzido pelo autor (2025).

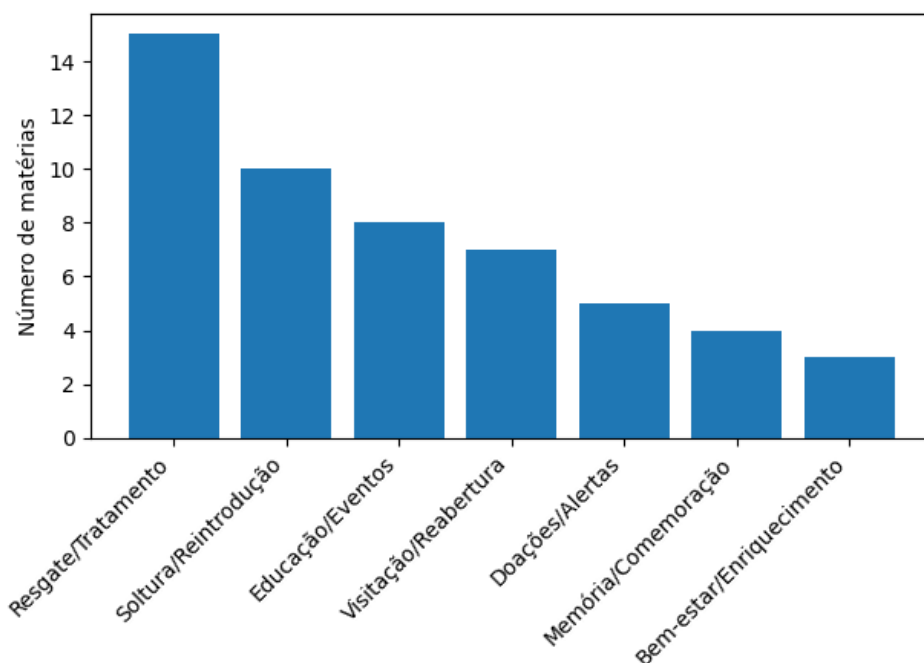
A análise das matérias evidencia uma predominância de conteúdos relacionados ao resgate, tratamento e soltura de animais, o que reforça a representação do MiniZoo como um espaço técnico voltado à gestão da fauna silvestre em contexto urbano. Temas como bem-estar animal e problematização das causas estruturais da degradação ambiental aparecem de forma menos recorrente, indicando uma tendência conservacionista no discurso midiático. A presença de matérias relacionadas à memória institucional, comemorações e vínculo afetivo com a população aponta para a consolidação do MiniZoo como um lugar de memória ambiental, no qual se articulam práticas de conservação, produção de sentidos e construção simbólica da relação entre sociedade e natureza.

Ao todo, foram identificadas e examinadas produções midiáticas publicadas entre os anos de 2017 e 2025, totalizando 52 matérias provenientes de diferentes veículos de comunicação, jornais locais, portais digitais, mídia televisiva e canais

institucionais da Prefeitura, todo este arcabouço documental demonstra ser relevante para a compreensão da relação entre comunicação, memória e educação ambiental.

A partir de uma leitura criteriosa do conteúdo dessas matérias, foi possível categorizá-las em sete eixos temáticos principais: (1) resgate, acolhimento e tratamento de fauna; (2) soltura e reintrodução de animais à natureza; (3) educação ambiental e atividades educativas; (4) visitação, reabertura e funcionamento do espaço; (5) campanhas, doações e alertas ambientais; (6) memória, identidade e comemoração; e (7) bem-estar e enriquecimento ambiental. Como ilustrado na Figura 4 a seguir.

Figura 4 - Eixos temáticos de matérias jornalísticas sobre o MiniZoo de Canoas



Fonte: Produzido pelo autor (2025).

Ao aprofundar a análise das matérias preservadas no acervo interno do próprio MiniZoo, é possível ir além de uma leitura descritiva e reconhecer esses registros como documentos de memória institucional e ambiental, que evidenciam práticas concretas de cuidado com a fauna silvestre. Esses materiais, ao serem selecionados e arquivados pela equipe técnica, não apenas informam sobre eventos pontuais, mas constroem uma narrativa contínua que legitima o espaço como um agente ativo no ciclo de acolhimento, triagem, tratamento, reabilitação e, quando possível, reintrodução de animais à natureza. O espaço torna-se, portanto, uma referência

nesse campo, uma vez que diversas matérias ressaltam sua importância não apenas para a fauna atendida, mas também para a sociedade.

Nesse sentido, os documentos analisados revelam que o MiniZoo opera com a lógica dos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), na medida em que recebe indivíduos provenientes de diferentes contextos: tráfico, atropelamentos, perda de habitat e eventos climáticos extremos. As matérias jornalísticas funcionam, portanto, como vestígios dessa atuação, ao registrar episódios de soltura, tratamentos bem-sucedidos e ações emergenciais, permitindo compreender o fluxo desses animais dentro da instituição. Além disso, tais registros contribuem para a construção de memória ambiental compartilhada, na medida em que tornam visível à sociedade o percurso desses animais e os impactos das ações humanas sobre a fauna. Ao contar histórias de resgate e reabilitação, as matérias não apenas informam, mas produzem sentido, sensibilizam o público e reforçam o papel do MiniZoo como mediador entre sociedade e natureza. Essa mediação é fundamental, pois traz a luz a percepção do espaço de um local de exposição para um ambiente de cuidado, ciência e responsabilidade socioambiental.

Ao longo do ano, são desenvolvidas diferentes atividades de educação ambiental, que visam conscientizar a população sobre a importância da preservação ambiental e da convivência harmônica com a natureza.

O MiniZoo de Canoas também ganha destaque nas redes sociais e nos canais digitais institucionais da Prefeitura Municipal, que atuam como importantes meios de comunicação pública e de aproximação com a comunidade. Evidências desse processo podem ser identificadas nas publicações oficiais que divulgam campanhas de arrecadação de insumos, como toalhas, jornais e cobertores, especialmente em períodos de maior demanda, como o inverno ou épocas de aumento no número de resgates de animais silvestres. Além disso, os canais institucionais digitais são utilizados para divulgar atividades educativas e eventos promovidos pelo MiniZoo, como ações de sensibilização ambiental com visitantes, visitas guiadas, campanhas temáticas (por exemplo, relacionadas a datas comemorativas ou à desmistificação de espécies) e iniciativas voltadas ao bem-estar animal. Tais práticas são evidenciadas em registros de notícias institucionais que destacam atividades de educação ambiental realizadas no espaço, reforçando seu papel como ambiente de educação não formal e de interação entre sociedade e natureza.

Outro elemento que reforça essa visibilidade digital é a frequência com que o MiniZoo aparece em conteúdos publicados pela Prefeitura, incluindo informes sobre

reabertura do espaço após eventos climáticos, divulgação de solturas de animais reabilitados e atualizações sobre melhorias na infraestrutura, como a implementação de ambulatorios e práticas de enriquecimento ambiental. Essas publicações, ao circularem nas redes sociais, contribuem para a construção de uma imagem institucional pautada na transparência, no cuidado com a fauna e na promoção da educação ambiental.

Dessa forma, as redes sociais e os canais digitais institucionais não apenas ampliam a visibilidade do MiniZoo, mas também funcionam como dispositivos de produção e circulação de memória ambiental, ao registrar e compartilhar com a população as práticas, desafios e conquistas relacionadas à preservação da fauna silvestre em contexto urbano.

As notícias jornalísticas analisadas, publicadas entre 2017 e 2025, apresentam o MiniZoo (Zoológico Municipal de Canoas) como um equipamento público voltado à reabilitação da fauna silvestre, à educação ambiental e à sensibilização da população. O discurso institucional enfatiza o cuidado com os animais, a realização de solturas e o desenvolvimento de atividades educativas com escolas e visitantes.

Essa caracterização dialoga com o artigo 13 da PNEA, que prevê o desenvolvimento de ações de educação ambiental não formal, compreendendo práticas educativas realizadas fora do sistema escolar, em espaços como parques, zoológicos e unidades de conservação (BRASIL, 1999).

Entretanto, ao analisar essas ações à luz da Educação Ambiental Crítica, observo que o enfoque predominante nas notícias está associado a uma educação ambiental de caráter conservacionista, centrada na proteção da natureza, na sensibilização ecológica e na mudança de atitudes individuais. Embora tais práticas sejam relevantes, Loureiro (2007) alerta que elas tendem a limitar-se à dimensão comportamental quando não problematizam as relações sociais, econômicas e políticas que estruturam a crise ambiental.

Um aspecto central das notícias analisadas refere-se ao aumento significativo do número de animais silvestres resgatados pelo MiniZoo durante as enchentes que atingiram Canoas e a região metropolitana de Porto Alegre em 2024. As matérias descrevem o deslocamento da fauna para áreas urbanas, o atendimento emergencial e o posterior processo de reabilitação e soltura.

Sob a ótica da Educação Ambiental Crítica, esses eventos não podem ser compreendidos apenas como desastres naturais. Conforme Loureiro (2013), a crise ambiental expressa contradições do modo de produção capitalista, da ocupação

desigual do território e das políticas urbanas excludentes. Nesse sentido, a educação ambiental deveria contribuir para explicitar tais conflitos, promovendo a compreensão da relação entre desigualdade social, degradação ambiental e vulnerabilidade climática.

No entanto, a cobertura jornalística analisada tende a enfatizar a resposta técnica e emergencial do MiniZoo, sem aprofundar as causas estruturais da crise socioambiental. Essa abordagem reforça o que Freire (1987) denomina de leitura ingênua da realidade, na qual os fenômenos são apresentados de forma fragmentada, descolados de suas determinações históricas e sociais.

A Educação Ambiental Crítica compreende a educação como práxis, isto é, como unidade entre reflexão e ação transformadora. Segundo Loureiro (2003, p. 42): “Não há educação ambiental crítica sem participação social, sem enfrentamento dos conflitos ambientais e sem a problematização das relações de poder que estruturam a sociedade”.

Nesse sentido, embora o MiniZoo de Canoas seja apresentado como espaço educativo, as notícias analisadas não evidenciam práticas sistemáticas de participação comunitária, gestão democrática ou debate crítico sobre os conflitos socioambientais locais. As ações educativas divulgadas concentram-se em visitas guiadas, campanhas informativas e atividades lúdicas, o que revela um distanciamento dos princípios emancipatórios defendidos pela PNEA e pela literatura crítica. A própria PNEA estabelece, em seu artigo 4º, que a educação ambiental deve estimular a participação individual e coletiva na defesa da qualidade do meio ambiente, o que pressupõe processos educativos voltados à cidadania ativa e à transformação social (BRASIL, 1999).

As notícias de 2025 sobre o fechamento temporário do MiniZoo por precaução sanitária, em razão do risco de gripe aviária, evidenciam a articulação entre meio ambiente, saúde pública e gestão ambiental. Do ponto de vista normativo, essas ações dialogam com o princípio da precaução, amplamente reconhecido nas políticas ambientais contemporâneas.

Contudo, mais uma vez, o potencial educativo desses episódios é pouco explorado na narrativa jornalística. A Educação Ambiental Crítica propõe que situações de crise sejam utilizadas como oportunidades pedagógicas para discutir ciência, riscos ambientais, governança e desigualdades, fortalecendo a consciência crítica da população (LOUREIRO, 2014).

1.2 PROBLEMAS, OBJETIVOS E JUSTIFICATIVA

O MiniZoo de Canoas/RS, apesar de trazer em seu nome a abreviação de “zoológico”, opera, como um Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), classificado como zoológico de classe C e não como um zoológico mais estereotipado (exposição de animais exóticos). Este local recupera animais da fauna nativa, muitas delas, pertencentes a fauna local que ocorre em áreas verdes urbanas. Muitas dessas espécies são “familiares” à população da cidade, uma vez que a malha urbana se expande mais rápido do que o tempo que leva para a fauna se realocar a um outro local. A partir das reflexões apresentadas, proponho os seguintes problemas, objetivos e as justificativas para a pesquisa de tese.

1.2.1 Problemas

Os problemas de pesquisa são os que seguem:

Quais ações/estratégias são realizadas junto aos visitantes, para a sua sensibilização em relação à proteção da fauna local e ao ambiente como um todo?

Quais são os projetos de educação ambiental realizados no MiniZoo de Canoas? Estes atendem à diversidade do público visitante?

Após os animais serem acolhidos, como é feita triagem, tratamento e introdução de volta ao seu habitat natural?

Qual é o posicionamento da mídia escrita da Região Metropolitana de Porto Alegre em relação ao Mini Zoo?

1.2.2 Objetivos

Seus objetivos são:

Compreender o MiniZoo de Canoas/RS como espaço de preservação, conservação e educação ambiental;

Analisar o cotidiano dos profissionais que ali atuam, incluindo tratamento, recuperação e devolução de animais ao ambiente. Verificar posicionamentos da mídia escrita da Região Metropolitana de Porto Alegre sobre o MiniZoo e o trabalho de preservação ali desenvolvido;

Analisar as relações entre humanos, animais e espaço institucional

Identificar o MiniZoo como lugar de memória e bem cultural;

Analisar a organização espacial e simbólica do MiniZoo;

Articular imagem memória e educação ambiental.

As hipóteses que defendo são as de que este espaço não se constitui apenas como um local de exposição de animais, mas também, como agente ativo na reabilitação e reinserção de espécies na natureza e de promoção de preservação de fauna. O trabalho também busca comprovar como a memória ambiental se entrelaça com a paisagem urbana e o posicionamento do MiniZoo como um centro de integração entre o meio ambiente e a comunidade. Na sequência, apresento justificativa para a realização da pesquisa.

1.2.3 Justificativa

A tese possui relevância uma vez que trata de questões ambientais importantes, pois trata da vida animal dentro do meio urbano, onde nós seres humanos estamos inseridos e necessitamos ter acesso à informação sobre estes animais e os cuidados com o ambiente.

Os problemas ambientais atuais, tais como variações climáticas acentuadas, conservação da biodiversidade e sustentabilidade ambiental têm seu princípio sempre no passado, de maneira que podem indicar vários caminhos e alternativas para o enfrentamento dos desafios atuais (Crumley, 1993). A pesquisa sobre o papel de um espaço como o MiniZoo na recuperação e reinserção destes animais, leva à compreensão da importância da preservação de áreas onde vivem e precisam retornar. A colaboração da educação ambiental como ferramenta de conscientização é de extrema importância, pois desta forma conseguimos entender de que forma as pessoas que passam pelo espaço propagam essa informação e realmente a utilizam nas suas vidas. O espaço se faz presente na mídia com os mais diversos tipos de reportagens e informações, o local é reconhecido pela cidade como modelo para outros municípios e estados.

É possível encontrar na bibliografia vários documentos que narram o funcionamento dos minizoológicos, atividades adotadas para enriquecimento ambiental, comportamentos estereotipados, reprodução em cativeiro, importância destes espaços para conservação da biodiversidade, porém não temos uma análise minuciosa das ações que lá são levadas a termo. O fato de ser utilizado para realizações de estágios e trabalhos acadêmicos, já aponta que é reconhecido como Minizoológico modelo.

O espaço é de fácil acesso para a comunidade acadêmica, possibilitando através de reuniões previamente agendada o acesso as informações pertinentes a diversos objetos de pesquisa. No arquivo local, podemos encontrar diversos registros fotográficos, atas, documentos, plantas baixas, registro de recebimento e soltura de animais e atividades de educação ambiental. A facilidade no acesso a estas informações de grande valor para pesquisas na área acadêmica uma vez que muitas informações como estas, são de difícil acesso quando procuradas em arquivos públicos ou mesmo em bancos de dados na internet.

A memória ambiental possibilitará conhecer como um dia foi a composição florística e principalmente faunística do local estudado, e suas transformações ao longo do tempo, como resultado da interação das comunidades que ali vivem com a paisagem, contribuindo para o melhor entendimento das consequências do crescimento urbano para a fauna do município. A utilização de espaço não formal de aprendizagem, como o Minizoo de Canoas possibilita através das espécies carismáticas que ali residem, alcançar a simpatia da sociedade, ao mesmo tempo em que nos permite avaliar a importância deste espaço para a preservação da vida silvestre nos grandes centros. É fundamental entender quais os objetivos destes lugares no que tange o bem estar dos animais que ali residem, se há ações que buscam introduzir as espécies em seus habitats e quando não há a possibilidade, qual é a qualidade de vida que estes animais têm, o que é realizado para que minimize o stress ocasionado entre a convivência animal dentro de um parque que está localizado em um bairro densamente urbanizado na cidade. Seu conceito quanto ao abrigo de espécies silvestres e importância ecológica, possibilita adotar medidas através da educação ambiental para conscientização e mudança de hábitos a fim de melhorar satisfatoriamente a relação da sociedade com estes espaços de importância tanto ambiental quanto cultural.

O carisma de muitas espécies poderiam ser elemento catalisador de uma maior percepção das pessoas quanto a importância destes espaços para a vida animal, servindo como uma ferramenta de informação importante sobre a fauna existente nas cidades e qual o verdadeiro papel dos CETAS neste trabalho de recuperação e posteriormente soltura dos animais. A partir disso, podemos pensar sobre como estes espaços impactam na vida da fauna e se todos os locais procuram realmente reabilitá-los ou apenas utilizá-los como uma ferramenta para gerar entretenimento e dinheiro.

Quando falamos em Mini-zoológicos, Zoológicos ou Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), é preciso entender que estes locais não podem apenas

receber animais, eles precisam ter condições básicas para poderem se recuperar, adaptar e posteriormente serem devolvidos a seu habitat natural e estas condições devem ser oferecidas por estes espaços. Rogers Brambell, foi um médico veterinário, que em 1965 traz a luz a importância de que os animais mantidos em cativeiro possam usufruir de um bem-estar animal, que só pode ser aplicado uma vez que se entenda a biologia de cada um deles, pois cada um apresenta necessidades específicas de acordo com suas características (Bromm, 1986). Em 1965, é formado um comitê e neste mesmo ano geram o “Relatório Brambell”, documento que discursava sobre os animais possuírem direito de expressar comportamentos, como levantar, esticar-se e lavar-se, indicando assim que os animais estavam mantidos sob bons cuidados (Mcculloch, 2012).

Em 1979, a comissão ainda presidida por Brambell edita a Declaração Universal de Bem Estar Animal, incluindo o termo As Cinco Liberdades, que são elas: Liberdade Fisiológica - visa garantir a ausência de fome e sede através da disponibilidade de uma dieta balanceada e água fresca, Liberdade Ambiental - ausência de desconforto térmico ou físico através da oferta de um ambiente apropriado as suas peculiaridades, incluindo abrigo e área de descanso, onde o mesmo não seja perturbado, Liberdade Sanitária – ausência de doenças, através de diagnóstico rápido para tratamento de qualquer injúria, Liberdade Comportamental – os animais devem ser livres para expressar seus comportamentos normais através de espaços amplos que possibilite estes comportamentos e vivência com seus semelhantes, Liberdade Psicológica – o animal não deve ser exposto a situações que gere estresse e desconforto emocional (FAWC, 2010).

Há vários anos, estes locais não são mais utilizados apenas com objetivo comercial da venda de ingressos, o que muitas vezes levava a uma cadeia de exploração animal sem fim. Atualmente (ano de 2024), os espaços como parques zoológicos são amplamente utilizados em parcerias com universidades para a proposta de estudos dos mais variados, envolvendo os animais (Pires, 2011). Os minizoológicos são locais que muitas vezes atuam como CETAS, pois recebem animais silvestres de outros zoológicos ou mesmo da população local, nos quais irão triar, tratar e devolver estes indivíduos à natureza. Os animais da fauna silvestre, que por uma série de fatores não apresentarem condições de voltar a seu habitat, serão mantidos nestes espaços com os objetivos de serem cuidados e auxiliarem nas diversas temáticas da educação ambiental por possuírem apelo carismático para os visitantes.

Segundo diversas diretrizes existentes, espaços como zoológicos, não podem mais ser locais que apenas mantenham animais para visitação do público ou conservação. A maioria já conta com ações de educação ambiental que tem como objetivo desmistificar os zoológicos como locais que apresentam animais em celas, para locais que preservam e conscientizam a população (Telles et al., 2002).

Assim, os parques zoológicos evoluíram de meros espaços de exposição de animais para importantes ambientes educacionais não formais, com foco em conservação, bem-estar animal e educação ambiental (Abrão; Santos, 2021). Essas instituições oferecem potencial significativo para promover a alfabetização científica e a conscientização ambiental entre os visitantes (Abrão; Santos, 2021; Rodrigues et al., 2023).

Estudos têm mostrado que os zoológicos podem, efetivamente, apoiar o aprendizado sobre o comportamento animal, integrando teoria com prática por meio de metodologias ativas (Prado; Teotonio, 2020). Atividades educacionais em zoológicos, como acampamentos de férias para crianças, demonstraram impactos positivos na compreensão dos participantes sobre os papéis dos zoológicos e no pensamento crítico sobre questões ambientais (Rodrigues et al., 2023).

No entanto, pesquisas sugerem que as práticas de educação ambiental em zoológicos geralmente se alinham com abordagens conservacionistas e pragmáticas, refletindo sua função de conservação da biodiversidade (Rodrigues et al., 2020). Para aumentar seu impacto educacional, os zoológicos devem considerar a incorporação de perspectivas mais críticas de educação ambiental em seus programas (Rodrigues et al., 2020).

Observo que, com a grande concentração da população em áreas urbanas e o crescimento constante das cidades, há diminuição de áreas verdes dos grandes centros, o que ocasiona o desconhecimento da população sobre a fauna local, pois os avistamentos ficam cada vez mais raros. Desta maneira, os zoológicos, são espaços que proporcionam a aproximação entre a população e a fauna através da visitação da população a estes espaços (Mergulhão, 1997). A partir desta perspectiva, os zoológicos destinam áreas dentro da sua infraestrutura para receber e aplicar atividades de educação ambiental, com o objetivo de informar e conscientizar a população (Telles, 2002).

A Associação Mundial de Zoológicos e Aquários, estima que em 2015 mais de 700 milhões de pessoas visitaram zoológicos no mundo inteiro (Waza, 2015). Através desta informação, posso confirmar a importância dos zoológicos na conscientização

sobre as questões da fauna mundial. Os maiores zoológicos do Brasil, possuem programas de educação ambiental robustos com objetivo de ampliar a consciência ambiental dos visitantes, não focando apenas em crianças, mas sim em todo o público que visita estes locais, logo estes espaços desempenham importante papel para divulgação científica e educação ambiental (Costa, 2012).

Assim, não há como falar da interação do homem com a natureza, sem antes citar eventos importantes que levaram a população mundial a reflexões sobre o uso indiscriminado dos bens naturais do planeta. O Dia da Terra, em 22 de abril de 1970, reuniu mais de 300 mil americanos nas ruas de Washington, Nova York e Portland cobrando do governo por políticas públicas que tivessem como pauta causas ambientais. A conferência de Estocolmo em 1972, reuniu 113 países garantindo bases de políticas ambientais e foi marcada pelo surgimento de duas correntes ambientalistas, os “zeristas” e “marxistas”. Zeristas apostaram em previsões sobre recursos naturais e fome a nível mundial. Já os marxistas têm o capitalismo como principal responsável pelos danos ao planeta (Estevam et al., 2008).

O movimento ambientalista no Brasil tem sua origem significativa no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1933, ocorreu a primeira reunião nacional que tratava de políticas ambientais, reunindo cientistas do país inteiro com o objetivo de discutir questões de proteção do meio ambiente. Este movimento serviu como base para a criação do Código Florestal Brasileiro de 1934 (Estevam et al., 2008). Em 1958, foi criada a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN), com a missão de promover a conservação dos recursos naturais, difundindo informações importantes para a sociedade da época, através de boletins informativos (Jacobi, 2003). Em São Paulo, o primeiro evento importante envolvendo as questões ambientais aconteceu no ano de 1973, quando Emílio Miguel Abellá, artista plástico, desfilou no centro da cidade manifestando-se contra a poluição desenfreada na cidade, utilizando máscara de gás. A manifestação do artista ganhou notoriedade ao sair em diversos jornais e revistas da época (Junqueira, 2016).

Em resposta a estes posicionamentos surge o Movimento Arte e Pensamento Ecológico (MAPE) ganhando apoio de diversos artistas (Jacobi, 2003). No mesmo ano aconteceu a fundação da Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), um dos objetivos da secretaria era a discussão e implantação da educação ambiental no Brasil através da criação da Coordenadoria de Comunicação Social e Educação Ambiental, confirmando a importância da divulgação do conhecimento científico a sociedade, não ficando apenas restrito às universidades (Dias, 2010).

Um dos eventos mais importantes que marcam as discussões sobre meio ambiente no Brasil e no mundo, ocorreu em 1992 conhecido como Rio-92. O evento aconteceu na cidade do Rio de Janeiro e recebeu um total de 182 países, reunindo 103 chefes de estado. Nessa conferência foram aprovados cinco acordos entre os países participantes: Agenda Rio 21, Declaração das florestas, Convenção sobre mudanças climáticas, Declaração sobre meio ambiente e desenvolvimento e Convenção sobre diversidade biológica. Durante a Rio-21 o governo realizou um workshop no que culminou na aprovação de um documento chamado “Carta Brasileira para a Educação Ambiental”. Este documento fala sobre a importância e a urgência da ação do governo através da educação básica e superior para que se trabalhe a educação ambiental de modo imediato em todos os níveis de ensino (MEC, 1992). Em 2007 em meio à polêmica gerada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ao negar a licença ambiental prévia para a construção de duas hidrelétricas no rio Madeira em Rondônia, levou a população a se questionar sobre as tomadas de decisões no que tange às licenças ambientais (Loureiro; Saisse, 2014).

Em resposta às polêmicas geradas, o governo federal através do Ministério do Meio Ambiente decidiu dividir o IBAMA em duas autarquias através da Medida Provisória nº 366/07 (BRASIL, 2007), criando assim o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A autarquia, ficaria então responsável pelas unidades de conservação no Brasil e posteriormente, por políticas e ações de educação ambiental. No cenário atual (2024), existem diversos projetos nas unidades de conservação, em sua grande maioria, executados por pesquisadores de diferentes universidades. Assim, as unidades de conservação servem como ferramentas de educação ambiental e aprimoramento na formação de profissionais das áreas ligados ao meio ambiente.

No Rio Grande do Sul, Henrique Roessler, fundou em 1955 a primeira entidade em defesa do meio ambiente, a União Protetora da Natureza (UPN), situada na cidade de São Leopoldo. Outro pesquisador foi Balduino Rambo, padre, professor e pesquisador na área da botânica, personalidade importante para o cenário da proteção ambiental no estado, pois em suas obras alertava para o risco iminente de devastação das florestas sul-rio-grandenses. Rambo, dedicou seus esforços à criação de instituições de pesquisas na área ambiental e parques naturais. Ambos foram de grande importância para os movimentos ambientalistas que estariam por vir na década de 1970. Em 1971, surgiu a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente

Natural (AGAPAN), influenciando na criação de entidades de proteção na capital e demais regiões do estado (Pereira, 2018).

Em 1984, pelo Decreto 478/1984, a Prefeitura de Canoas declarava a ASCAPAN-Associação Canoense de Proteção ao Ambiente Natural, como entidade de utilidade pública, para fins de preservação do ambiente natural. A entidade, ao longo do tempo, tem atuado na prevenção e no combate a acidentes ambientais na cidade, bem como na proposição de planejamento integrado de desenvolvimento sustentável. A cada ano, a ASCAPAN divulga o que chama de Lista Suja, com ameaças ambientais em Canoas e nas cidades próximas: depósitos de agrotóxicos, dutos que conduzem nafta petroquímico para o Polo Petroquímico de Triunfo, transporte de produtos perigosos, vazamento de amônia, entre outros (Arruda, 2009).

Um dos órgãos regulatórios mais importantes do estado na área ambiental foi criado em 1999, ou seja, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), possuindo como seu primeiro titular Cláudio Langone. A Criação da Sema possibilitou um grande avanço na área ambiental no estado (Rio Grande do Sul, 2005).

Ainda, com caráter de justificativa da realização deste trabalho, está a minha formação profissional e interesse pessoal, como descrito no Memorial a seguir.

1.4 MEMORIAL

Atuo na área ambiental desde o meu estágio na Secretaria de Meio Ambiente de Canoas (2014-2016), onde trabalhei diretamente no setor de arborização urbana, responsável por realizar vistorias em indivíduos arbóreos nas residências, calçadas, parques, praças e demais espaços públicos, visando à autorização para poda ou supressão. Participei da elaboração de projetos para reflorestamento dentro dos limites do município, implantação de plantios ordenados com espécies nativas, bem como de ações que assegura que as figueiras nativas não fossem suprimidas na cidade, por se tratar de espécies ameaçadas de extinção e protegidas por lei (art. 33 da lei nº 9.519/92, que proíbe, em todo o RS, o corte das espécies nativas de figueiras do gênero *Ficus*, que devem ser monitoradas, preservadas e protegidas).

Trabalhei, também, como técnico responsável pelo herbário da Universidade La Salle (2017/2019), onde fui encarregado de organizar, manter e receber exemplares novos para incorporação ao acervo, receber turmas, estagiários e professores, auxiliando-os nas questões ligadas ao acervo da instituição. Durante alguns anos fui monitor de diversas disciplinas do curso de Ciências Biológicas,

sempre trabalhando com questões e atividades envolvendo grupos da flora, bem como auxiliando alunos na identificação de espécies arbóreas e métodos para coleta de dados em campo.

Atuo, como professor da rede básica de ensino do estado desde 2024, ministrando aulas na disciplina de ciências para os anos finais do ensino fundamental e biologia para o ensino médio. Desenvolvendo projetos interdisciplinares com outras áreas do conhecimento e incentivando as turmas ao letramento científico através das feiras de ciências que acontecem anualmente. Ministro aulas também em uma escola de ensino técnico para os cursos de enfermagem e administração, nas disciplinas da área da saúde e ambiental, vínculo este que iniciou no ano de 2022.

Desta maneira, avalio que minhas experiências profissionais até o momento me dão o suporte necessário para trabalhar com as demandas que envolvem o meio ambiente e a sociedade. Particularmente, minhas vivências durante o estágio na Secretaria de Meio Ambiente de Canoas, possibilitaram-me um amplo conhecimento sobre as características ambientais do município, o que será muito importante na perspectiva da pesquisa de doutorado aqui proposta.

Cursei Licenciatura em Ciências Biológicas na Universidade La Salle (2012-2017). Fui aluno bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), atuando em questões relacionadas ao ensino de ciências em escolas parceiras do projeto. Durante a graduação, tive a oportunidade de participar do SEFIC com o trabalho intitulado: Comportamento de *Ara Ararauna* e *Ara Macao* (Linneus, 1758) em cativeiro. Este estudo ocorreu no MiniZoo de Canoas e enriqueceu meu conhecimento sobre a importância de locais que recebem, tratam e recuperam estes e outros animais, bem como entender como funciona a dinâmica destes espaços e como eles buscam melhorar a qualidade de vida dos animais. Posteriormente, fui aluno de iniciação científica da professora Cristina Vargas Cademartori, período em que atuei em diversos projetos e auxiliei nas atividades de campo de vários trabalhos de conclusão de curso. Nesse percurso, adquiri experiências e conhecimentos técnico-científicos, imprescindíveis ao exercício da profissão de biólogo, conhecimentos estes que agregaram muito a minha formação e crescimento profissional. A graduação culminou em uma produção bibliográfica, um artigo publicado com o título de “Jogo didático como facilitador para o ensino de biologia no ensino médio”.

Realizei Pós-graduação em Gestão Escolar pela Universidade Positivo (2018-2019). Nesta etapa, adquiri conhecimentos sobre gestão pública e privada de escolas,

bem como sobre metodologias diferenciadas para a gestão de funcionários e professores, com o objetivo de gerar melhores resultados de ensino para alunos e a comunidade escolar.

Sou mestre em Avaliação de Impactos Ambientais pela Universidade La Salle (2019-2021). A pesquisa de mestrado foi realizada no município de Canoas, culminando na dissertação intitulada “Avaliação do estado de conservação de área verde na região metropolitana por meio de bioindicadores: Estudo de caso da Base Aérea de Canoas-RS”. O trabalho consistiu em avaliar, por meio de indicadores ambientais (mamíferos de médio e grande porte, e epífitas), o estado de conservação da área verde da Base Aérea, que se encontra fortemente pressionada pelo avanço da malha urbana. Durante as atividades em campo do projeto de mestrado, fui apresentado a questões históricas que envolviam algumas das áreas analisadas dentro da ALA 3. Memórias e trajetos utilizados na década de 1970 explicavam a presença de escombros em meio ao remanescente florestal local.

Como resultados da pesquisa de mestrado, obtive menção honrosa no XV SEFIC (2019) com o trabalho intitulado “Mastofauna de médio e grande porte com ocorrência esperada na Base Aérea de Canoas, Rio Grande do Sul”. Participei, também, do Simpósio Fluminense de Zoologia com o trabalho “Mastofauna de médio e grande porte com ocorrência em área verde urbana no sul do Brasil”, no ano de 2020. Possuo um artigo científico aceito na revista Iheringia no ano de 2023, intitulado “Ecologia de epífitos vasculares em fragmento florestal urbano na região metropolitana de Porto Alegre”.

A pesquisa ganhou notoriedade com a divulgação de entrevistas em razão do registro de duas espécies ameaçadas de mamíferos no Rio Grande do Sul, nos seguintes veículos de imprensa: contracapa do Diário de Canoas, Jornal o Sul, Zero Hora, Correio do Povo, página da Universidade La Salle, matéria da revista internacional Atlas Obscura com título: Why a Wayward Coati’s Selfie on a Brazilian Airbase Surprised Scientists, nota científica publicada na revista Neotropical e uma parceria com o Zoológico de Chicago. Estas experiências levaram-me a concorrer na seleção para o Doutorado do PPG em Memória Social e Bens Culturais.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

2.1 O MINIZOO DE CANOAS COMO ESPAÇO DE CONSERVAÇÃO, REABILITAÇÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA ANALÍTICA

A seguir, apresento levantamento de obras bibliográficas, as quais tratam sobre o MiniZoo de Canoas, consultando bases como o Portal de Periódicos da CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, Scopus e Web of Science.

O debate contemporâneo sobre zoológicos e minizoológicos urbanos tem se deslocado de uma concepção tradicional de exibição animal para uma compreensão ampliada desses espaços como instituições híbridas de conservação, educação ambiental, pesquisa científica e mediação socioecológica. Nesse contexto, o Zoológico Municipal de Canoas emerge como objeto relevante de investigação interdisciplinar, especialmente por articular práticas de manejo de fauna silvestre, reabilitação de animais vítimas da urbanização e processos de sensibilização ambiental em escala local. A produção acadêmica relacionada ao MiniZoo evidencia a consolidação do espaço como laboratório empírico para pesquisas em biologia, medicina veterinária, etologia, educação ambiental e memória social.

O Trabalho de Conclusão de Curso de Daniela Nicknich, intitulado *O Meio Urbano e os Impactos sobre a Fauna Silvestre: Análise de Dados do Zoológico Municipal de Canoas* (2017), constitui uma das contribuições mais relevantes para compreender o papel do MiniZoo como centro receptor de fauna impactada pela expansão urbana. A autora analisou mais de 1.800 animais acolhidos entre 2014 e 2016, identificando padrões recorrentes de ingresso relacionados a atropelamentos, órfãos, quedas de ninhos, eletrocussões e conflitos entre humanos e fauna silvestre. O estudo revela como a urbanização acelerada da Região Metropolitana de Porto Alegre produz fragmentação de habitats, alterando dinâmicas ecológicas e intensificando a vulnerabilidade de espécies nativas.

A pesquisa de Nicknich (2017) permite interpretar o MiniZoo não apenas como espaço de abrigo, mas como indicador biológico das tensões entre cidade e biodiversidade. Os dados analisados demonstram que a maioria dos animais recebidos resulta de impactos antrópicos diretos, evidenciando a pressão exercida

pelo crescimento urbano sobre ecossistemas locais. Nesse sentido, o zoológico assume função semelhante à de um observatório ambiental, capaz de registrar materialmente os efeitos da urbanização sobre a fauna regional. Tal perspectiva aproxima-se dos debates contemporâneos da ecologia urbana, que compreendem os centros de triagem e reabilitação como dispositivos de monitoramento ambiental e produção de conhecimento sobre os efeitos da antropização.

Além da dimensão ecológica, o estudo também problematiza os limites da reabilitação animal em instituições de pequeno porte. As taxas de soltura, readaptação e mortalidade revelam desafios estruturais relacionados à manutenção de equipes técnicas, infraestrutura veterinária e protocolos especializados. Contudo, a pesquisa demonstra que, mesmo com limitações institucionais, o MiniZoo desempenha papel estratégico na conservação da fauna regional, sobretudo no atendimento emergencial de espécies silvestres vulneráveis.

A dissertação de especialização intitulada *Avaliação do Impacto da visitação sobre o comportamento de duas espécies de primatas, o bugio-ruivo Alouatta clamitans Cabrera, 1940 (Primates, Atelidae) e o macaco-prego Sapajus nigritus Kerr, 1792 (Primates, Cebidae), no Zoológico Municipal de Canoas* (UFRGS, 2012) amplia essa discussão ao focalizar a dimensão etológica da manutenção de animais em cativeiro. O estudo analisa as alterações comportamentais provocadas pela presença humana constante, especialmente em espécies altamente sensíveis à interação com visitantes.

Os resultados evidenciam que o fluxo de visitantes interfere significativamente nos padrões de alimentação, descanso, vocalização e interação social dos primatas observados. O bugio-ruivo, espécie conhecida pela elevada sensibilidade ambiental, apresentou alterações comportamentais associadas ao estresse provocado pela proximidade do público, enquanto os macacos-prego demonstraram maior adaptabilidade, embora também tenham apresentado comportamentos estereotipados em momentos de maior circulação de pessoas. A pesquisa dialoga com estudos internacionais sobre bem-estar animal em zoológicos, reforçando a necessidade de manejo ambiental enriquecido, controle de ruídos e planejamento espacial que minimize estímulos estressantes.

Tal investigação possui relevância especial para minizoológicos urbanos, cuja proximidade física com o público tende a ser maior do que em grandes instituições zoológicas. Nesse caso, o trabalho contribui para a compreensão de que a função educativa dos zoológicos deve ser conciliada com práticas rigorosas de bem-estar

animal, superando modelos expositivos centrados exclusivamente no entretenimento. A presença do visitante deixa de ser concebida como elemento neutro e passa a integrar o próprio ambiente ecológico do cativeiro.

A preocupação com a saúde animal aparece de forma mais específica na pesquisa de Liege Teixeira (2008), *Levantamento de endoparasitas em aves silvestres mantidas no Zoológico Municipal de Canoas*. O estudo evidencia a importância da medicina veterinária preventiva na manutenção de populações animais em cativeiro, especialmente em instituições que recebem constantemente indivíduos oriundos de resgates. Ao identificar diferentes tipos de endoparasitas em aves silvestres, a pesquisa demonstra os riscos epidemiológicos associados à concentração de animais de distintas origens em espaços compartilhados.

A investigação reforça a necessidade de protocolos sanitários permanentes, quarentenas, monitoramento clínico e exames coproparasitológicos regulares. Mais do que um levantamento técnico, o trabalho evidencia a complexidade biológica envolvida na manutenção de fauna silvestre sob cuidados humanos. Em minizoológicos municipais, nos quais frequentemente coexistem funções de exposição, reabilitação e abrigo temporário, os desafios sanitários tornam-se ainda mais relevantes, sobretudo diante da limitação de recursos financeiros e humanos.

Os relatórios técnicos sobre protocolos de reabilitação de corujas e gambás aprofundam essa perspectiva ao documentar metodologias de manejo, tratamento e soltura de animais silvestres. Esses documentos revelam uma crescente profissionalização das práticas de reabilitação, incorporando critérios etológicos, clínicos e ecológicos para avaliação da capacidade de retorno à natureza. As experiências relatadas demonstram que a soltura não constitui etapa meramente final do processo, mas ação complexa que exige avaliação comportamental, capacidade de caça, adaptação locomotora e reconhecimento territorial.

No caso das corujas, os protocolos enfatizam a necessidade de preservação das habilidades de voo e caça, evitando processos de habituação excessiva aos humanos. Já os gambás aparecem como importantes bioindicadores da urbanização, frequentemente vítimas de atropelamentos, ataques domésticos e eletrocussões. Esses relatórios reforçam a compreensão do MiniZoo como espaço técnico-científico de conservação aplicada, ultrapassando a ideia simplificada de recinto expositivo.

A dimensão educativa do Zoológico Municipal de Canoas aparece especialmente nas pesquisas sobre educação ambiental e percepção de visitantes. Esses estudos indicam que a experiência de contato direto com animais silvestres

produz efeitos significativos na sensibilização ecológica da população, especialmente entre crianças e estudantes da rede pública. A observação dos animais, associada a atividades mediadas, favorece a construção de vínculos afetivos com a biodiversidade regional, ampliando percepções sobre conservação ambiental.

Entretanto, as pesquisas também apontam ambiguidades presentes na relação entre público e zoológicos. Parte dos visitantes ainda compreende os animais sob lógica recreativa ou antropocêntrica, o que evidencia limites pedagógicos das instituições. Dessa forma, os estudos defendem a ampliação de estratégias interpretativas, mediação educativa crítica e abordagens que contextualizem os impactos da urbanização sobre a fauna local. O zoológico passa, então, a operar como espaço de alfabetização ecológica, articulando ciência, sensibilização e cidadania ambiental.

Essa dimensão sociocultural é aprofundada na tese de doutorado de Jairo Alberto Vieira Schutz, *Metamorfoses Urbanas em Canoas/RS: Memórias, Transformações e Impactos Socioambientais* (2024), desenvolvida na Universidade La Salle. Embora situada no campo da memória social e dos bens culturais, a tese insere o MiniZoo na história urbana de Canoas como espaço de preservação ambiental, lazer e construção de memórias coletivas.

A abordagem de Schutz desloca o olhar exclusivamente biológico para compreender o zoológico como patrimônio sociocultural da cidade. O MiniZoo aparece articulado às transformações urbanas, às políticas públicas ambientais e às experiências afetivas da população canoense. Nessa perspectiva, os animais, os espaços verdes e as práticas educativas tornam-se elementos constitutivos da memória urbana e da identidade local.

A contribuição central da tese reside em demonstrar que instituições ambientais urbanas não operam apenas na dimensão ecológica, mas também na produção de pertencimento e memória social. O zoológico emerge como espaço simbólico em que natureza e cidade deixam de ser categorias opostas, passando a coexistir em experiências cotidianas de convivência, lazer e educação. Essa leitura aproxima os estudos ambientais das discussões contemporâneas sobre patrimônio natural, memória ecológica e sociobiodiversidade.

Em conjunto, as pesquisas analisadas demonstram que o Zoológico Municipal de Canoas constitui um importante campo de investigação interdisciplinar. Os estudos convergem ao evidenciar três grandes eixos analíticos: a conservação e reabilitação da fauna silvestre impactada pela urbanização; o manejo sanitário e comportamental

de animais em cativeiro; e a função sociocultural do zoológico como espaço de educação ambiental e memória urbana.

Do ponto de vista teórico, o conjunto bibliográfico permite compreender o MiniZoo como instituição liminar entre natureza e cidade, ciência e lazer, conservação e memória. Trata-se de um espaço em que os efeitos da urbanização sobre a biodiversidade tornam-se visíveis e materializados em corpos animais resgatados, em práticas de cuidado e em narrativas públicas sobre preservação ambiental. Assim, o zoológico urbano contemporâneo deixa de ser interpretado apenas como espaço de exposição faunística e passa a ser compreendido como território de mediação ecológica, produção de sensibilidades ambientais e construção de consciência socioambiental.

2.2 ASPECTOS TEÓRICOS SOBRE ESTUDOS REFERENTES A MINIZOOS

Cabe inserir nesta tese, elementos teóricos que fundamentem as discussões sobre os problemas e objetivos anunciados. Desta maneira, passo a apresentar, no capítulo a seguir, o referencial teórico que fundamentará a tese a ser desenvolvida.

Quando se fala em Mini-zoológicos, Zoológicos ou Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS), é preciso entender que estes locais não podem apenas receber animais, os mesmos precisam ter condições básicas para poderem se recuperar, adaptar e posteriormente serem devolvidos a seu habitat natural e estas condições devem ser oferecidas por estes espaços. Rogers Brambell, foi um médico veterinário, que em 1965 traz a luz a importância de que os animais mantidos em cativeiro possam usufruir de um bem-estar animal, que só pode ser aplicado uma vez que se entenda a biologia de cada um deles, pois cada um apresenta necessidades específicas de acordo com suas características (Bromm, 1986). Em 1965, é formado um comitê e neste mesmo ano geram o “Relatório Brambell”, documento que discursava sobre os animais possuírem direito de expressar comportamentos, como levantar, esticar-se e lavar-se, indicando assim que os animais estavam mantidos sob bons cuidados (Mcculloch, 2012).

Em 1979, a comissão ainda presidida por Brambell edita a Declaração Universal de Bem Estar Animal, incluindo o termo As Cinco Liberdades, que são elas: Liberdade Fisiológica - visa garantir a ausência de fome e sede através da disponibilidade de uma dieta balanceada e água fresca, Liberdade Ambiental - ausência de desconforto térmico ou físico através da oferta de um ambiente

apropriado as suas peculiaridades, incluindo abrigo e área de descanso, onde o mesmo não seja perturbado, Liberdade Sanitária – ausência de doenças, através de diagnóstico rápido para tratamento de qualquer injúria, Liberdade Comportamental – os animais devem ser livres para expressar seus comportamentos normais através de espaços amplos que possibilite estes comportamentos e vivência com seus semelhantes, Liberdade Psicológica – o animal não deve ser exposto a situações que gere estresse e desconforto emocional (FAWC, 2010).

Há vários anos, estes locais não são mais utilizados apenas com objetivo comercial da venda de ingressos, o que muitas vezes levava a uma cadeia de exploração animal sem fim. Atualmente (ano de 2024), os espaços como parques zoológicos são amplamente utilizados em parcerias com universidades para a proposta de estudos dos mais variados, envolvendo os animais (Pires, 2011). Os minizoológicos são locais que muitas vezes atuam como CETAS, pois recebem animais silvestres de outros zoológicos ou mesmo da população local, nos quais irão triar, tratar e devolver estes indivíduos à natureza. Os animais da fauna silvestre, que por uma série de fatores não apresentarem condições de voltar a seu habitat, serão mantidos nestes espaços com os objetivos de serem cuidados e auxiliarem nas diversas temáticas da educação ambiental por possuírem apelo carismático para os visitantes.

Segundo diversas diretrizes existentes, espaços como zoológicos, não podem mais ser locais que apenas mantenham animais para visitação do público ou conservação. A maioria já conta com ações de educação ambiental que tem como objetivo desmistificar os zoos como locais que apresentam animais em celas, para locais que preservam e conscientizam a população (Telles et al., 2002).

Assim, os parques zoológicos evoluíram de meros espaços de exposição de animais para importantes ambientes educacionais não formais, com foco em conservação, bem-estar animal e educação ambiental (Abrão; Santos, 2021). Essas instituições oferecem potencial significativo para promover a alfabetização científica e a conscientização ambiental entre os visitantes (Abrão; Santos, 2021; Rodrigues et al., 2023).

Estudos têm mostrado que os zoológicos podem, efetivamente, apoiar o aprendizado sobre o comportamento animal, integrando teoria com prática por meio de metodologias ativas (Prado; Teotonio, 2020). Atividades educacionais em zoológicos, como acampamentos de férias para crianças, demonstraram impactos

positivos na compreensão dos participantes sobre os papéis dos zoológicos e no pensamento crítico sobre questões ambientais (Rodrigues et al., 2023).

No entanto, pesquisas sugerem que as práticas de educação ambiental em zoológicos geralmente se alinham com abordagens conservacionistas e pragmáticas, refletindo sua função de conservação da biodiversidade (Rodrigues et al., 2020). Para aumentar seu impacto educacional, os zoológicos devem considerar a incorporação de perspectivas mais críticas de educação ambiental em seus programas (Rodrigues et al., 2020).

Observo que, com a grande concentração da população em áreas urbanas e o crescimento constante das cidades, há diminuição de áreas verdes dos grandes centros, o que ocasiona o desconhecimento da população sobre a fauna local, pois os avistamentos ficam cada vez mais raros. Desta maneira, os zoológicos, são espaços que proporcionam a aproximação entre a população e a fauna através da visita da população a estes espaços (Mergulhão, 1997). A partir desta perspectiva, os zoos, destinam áreas dentro da sua infraestrutura para receber e aplicar atividades de educação ambiental, com o objetivo de informar e conscientizar a população (Telles, 2002).

A Associação Mundial de Zoológicos e Aquários, estima que em 2015 mais de 700 milhões de pessoas visitaram zoológicos no mundo inteiro (Waza, 2015). Através desta informação, posso confirmar a importância dos zoológicos na conscientização sobre as questões da fauna mundial. Os maiores zoológicos do Brasil, possuem programas de educação ambiental robustos com objetivo de ampliar a consciência ambiental dos visitantes, não focando apenas em crianças, mas sim em todo o público que visita estes locais, logo estes espaços desempenham importante papel para divulgação científica e educação ambiental (Costa, 2012).

Assim, não há como falar da interação do homem com a natureza, sem antes citar eventos importantes que levaram a população mundial a reflexões sobre o uso indiscriminado dos bens naturais do planeta. O Dia da Terra, em 22 de abril de 1970, reuniu mais de 300 mil americanos nas ruas de Washington, Nova York e Portland cobrando do governo por políticas públicas que tivessem como pauta causas ambientais. A conferência de Estocolmo em 1972, reuniu 113 países garantindo bases de políticas ambientais e foi marcada pelo surgimento de duas correntes ambientalistas, os “zeristas” e “marxistas”. Zeristas apostaram em previsões sobre recursos naturais e fome a nível mundial. Já os marxistas têm o capitalismo como principal responsável pelos danos ao planeta (Estevam et al., 2008).

O movimento ambientalista no Brasil tem sua origem significativa no Rio de Janeiro e em São Paulo. Em 1933, ocorreu a primeira reunião nacional que tratava de políticas ambientais, reunindo cientistas do país inteiro com o objetivo de discutir questões de proteção do meio ambiente. Este movimento serviu como base para a criação do Código Florestal Brasileiro de 1934 (Estevam et al., 2008). Em 1958, foi criada a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza (FBCN), com a missão de promover a conservação dos recursos naturais, difundindo informações importantes para a sociedade da época, através de boletins informativos (Jacobi, 2003). Em São Paulo, o primeiro evento importante envolvendo as questões ambientais aconteceu no ano de 1973, quando Emílio Miguel Abellá, artista plástico, desfilou no centro da cidade manifestando-se contra a poluição desenfreada na cidade, utilizando máscara de gás. A manifestação do artista ganhou notoriedade ao sair em diversos jornais e revistas da época (Junqueira, 2016).

Em resposta a estes posicionamentos surge o Movimento Arte e Pensamento Ecológico (MAPE) ganhando apoio de diversos artistas (Jacobi, 2003). No mesmo ano aconteceu a fundação da Secretaria Especial de Meio Ambiente (SEMA), um dos objetivos da secretaria era a discussão e implantação da educação ambiental no Brasil através da criação da Coordenadoria de Comunicação Social e Educação Ambiental, confirmando a importância da divulgação do conhecimento científico a sociedade, não ficando apenas restrito às universidades (Dias, 2010).

Um dos eventos mais importantes que marcam as discussões sobre meio ambiente no Brasil e no mundo, ocorreu em 1992 conhecido como Rio-92. O evento aconteceu na cidade do Rio de Janeiro e recebeu um total de 182 países, reunindo 103 chefes de estado. Nessa conferência foram aprovados cinco acordos entre os países participantes: Agenda Rio 21, Declaração das florestas, Convenção sobre mudanças climáticas, Declaração sobre meio ambiente e desenvolvimento e Convenção sobre diversidade biológica. Durante a Rio-21 o governo realizou um workshop no que culminou na aprovação de um documento chamado “Carta Brasileira para a Educação Ambiental”. Este documento fala sobre a importância e a urgência da ação do governo através da educação básica e superior para que se trabalhe a educação ambiental de modo imediato em todos os níveis de ensino (MEC, 1992). Em 2007 em meio à polêmica gerada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) ao negar a licença ambiental prévia para a construção de duas hidrelétricas no rio Madeira em Rondônia, levou a população a se

questionar sobre as tomadas de decisões no que tange às licenças ambientais (Loureiro; Saisse, 2014).

Em resposta às polêmicas geradas, o governo federal através do Ministério do Meio Ambiente decidiu dividir o IBAMA em duas autarquias através da Medida Provisória nº 366/07 (BRASIL, 2007), criando assim o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio). A autarquia, ficaria então responsável pelas unidades de conservação no Brasil e posteriormente, por políticas e ações de educação ambiental. No cenário atual (2024), existem diversos projetos nas unidades de conservação, em sua grande maioria, executados por pesquisadores de diferentes universidades. Assim, as unidades de conservação servem como ferramentas de educação ambiental e aprimoramento na formação de profissionais das áreas ligados ao meio ambiente.

No Rio Grande do Sul, Henrique Roessler, fundou em 1955 a primeira entidade em defesa do meio ambiente, a União Protetora da Natureza (UPN), situada na cidade de São Leopoldo. Outro pesquisador foi Balduino Rambo, padre, professor e pesquisador na área da botânica, personalidade importante para o cenário da proteção ambiental no estado, pois em suas obras alertava para o risco iminente de devastação das florestas sul-rio-grandenses. Rambo, dedicou seus esforços à criação de instituições de pesquisas na área ambiental e parques naturais. Ambos foram de grande importância para os movimentos ambientalistas que estariam por vir na década de 1970. Em 1971, surgiu a Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN), influenciando na criação de entidades de proteção na capital e demais regiões do estado (Pereira, 2018).

Em 1984, pelo Decreto 478/1984, a Prefeitura de Canoas declarava a ASCAPAN-Associação Canoense de Proteção ao Ambiente Natural, como entidade de utilidade pública, para fins de preservação do ambiente natural. A entidade, ao longo do tempo, tem atuado na prevenção e no combate a acidentes ambientais na cidade, bem como na proposição de planejamento integrado de desenvolvimento sustentável. A cada ano, a ASCAPAN divulga o que chama de Lista Suja, com ameaças ambientais em Canoas e nas cidades próximas: depósitos de agrotóxicos, dutos que conduzem nafta petroquímico para o Polo Petroquímico de Triunfo, transporte de produtos perigosos, vazamento de amônia, entre outros (Arruda, 2009).

Um dos órgãos regulatórios mais importantes do estado na área ambiental foi criado em 1999, ou seja, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (Sema), possuindo

como seu primeiro titular Cláudio Langone. A Criação da Sema possibilitou um grande avanço na área ambiental no estado (Rio Grande do Sul, 2005).

Cabe inserir neste projeto, elementos teóricos que fundamentem as discussões sobre os problemas e objetivos anunciados. Desta maneira, passo a apresentar o referencial teórico que fundamentará a tese a ser desenvolvida.

O campo que estuda a história ambiental é considerado relativamente novo, surgido na década de 1970, juntamente com o início dos movimentos ambientalistas e das conferências mundiais sobre a crise ambiental (Worster, 1990). Conforme o Brasil evoluiu nas questões ambientais, surgia a necessidade de trabalhar a educação ambiental, que buscava ir além das questões informativas, mas também de conscientização e práticas pedagógicas sobre o meio ambiente. Em 1981 foi sancionada a lei nº 6.938 que criava a Política Nacional de Meio Ambiente, popularmente conhecida como PNMA. Este foi um primeiro vislumbre dos esforços coletivos de Ongs e outros movimentos ambientalistas que pressionavam a política da época (Pedrini, 1997).

A Educação Ambiental foi citada pela primeira vez na constituição de 1988, no artigo 225 do capítulo VI do Meio Ambiente, porém ainda dissociada das questões pedagógicas (Pedrini; Pedrini, 1991). Henrique Brandão Cavalcanti, ministro do Meio Ambiente, determinou ao IBAMA que formulasse o Programa Nacional de Educação Ambiental no ano de 1994, dando então caráter pedagógico ao tema e possibilitando a abordagem em todos os níveis de ensino (Pedrini, 1997).

Em resposta a dificuldade em que o homem apresenta de se ver fazendo parte do meio ambiente, emerge a educação ambiental, pois através dela, acredita-se ser possível melhorar a relação dos atores sociais com o meio (Sauvé, 2005). Porém, a educação ambiental aplicada, quase que majoritariamente trata de questões como separação correta de lixo, economia de água, mas quase não se fala em preservação ambiental (Capra, 2005), mascarando por consequência o agravamento das questões ambientais ao decorrer dos anos. A expansão urbana desenfreada acaba por deixar um quadro de esgotamento de recursos naturais.

Com a expansão da malha urbana e fragmentação das áreas verdes, muitos animais silvestres acabam obrigados a se adaptar ao ambiente urbano para conseguir sobreviver, pois as cidades possuem poucos recursos que possibilitam a vida destes animais nos locais adequados que ainda restam, desta maneira muitos aventuram-se a explorar as moradias dos cidadãos em busca de alimento e refúgio (Zoológico Municipal de Canoas, 2017). Este é um dos problemas ambientais dos anos 2020,

juntamente com outros, como variações climáticas acentuadas, perda de biodiversidade, poluição nas suas mais diversas expressões e graus, alterações na ciclagem de nutrientes, produção e consumo de energia, entre outros, têm seu princípio sempre no passado, de maneira que podem indicar vários caminhos e alternativas para o enfrentamento dos desafios atuais (Crumley, 1993).

Duas abordagens poderão auxiliar nos estudos ambientais:

- a) a da memória ambiental, pois permite compreender as “formas pelas quais a experiência de vida urbana em um determinado território expressa, nos fios do tempo, os saberes e fazeres por meio dos quais os sujeitos interagem com o seu ambiente” e a maneira como um determinado ecossistema comporta-se em relação a eles (Nunes et al., 2019);
- b) a da história ambiental, cujo principal objetivo é “[...] aprofundar nosso entendimento de como os seres humanos foram, através dos tempos, afetados pelo seu ambiente natural e, inversamente, como eles afetaram esse ambiente e com que resultados” (Woster, 1991, p. 198).

2.3 MEMÓRIA AMBIENTAL

Consideram-se bens culturais os bens móveis e imóveis que representam testemunho material, com valor de civilização ou de cultura, por serem portadores de interesse cultural relevante. Instituída pela lei nº 310, de 26 de abril de 1964, a Comissão Franceschini definiu, em 1966, que “Pertencem ao patrimônio cultural da Nação todos os bens que tenham referência à história da civilização”. Estão submetidos à lei os bens de interesse arqueológico, histórico, ambiental e paisagístico, arquivístico e bibliográfico, bem como qualquer outro bem que constitua testemunho material com valor de civilização (Alexandrino, 2011).

Massimo Severo Giannini foi um renomado jurista italiano que abordou como se via ou deveria ver os bens culturais e naturais na sociedade e no meio jurídico. Giannini, no seu estudo de 1971, questionou o uso da frase “defesa do ambiente e do patrimônio natural e cultural”, pois, segundo ele, a sociedade está constantemente criando, modificando ou destruindo o ambiente, seu patrimônio cultural e o seu patrimônio natural, o que torna a frase sem sentido. O autor descreve que o papel da humanidade é construção e destruição contínua. Lançado à perspectiva da época, Giannini sinaliza que o aumento da destruição dos bens naturais e culturais se dava principalmente por conta do avanço tecnológico, que permitia ao ser humano realizar

mais atividades sem tanto esforço. O autor aponta, ainda, que em períodos históricos anteriores havia equilíbrio entre construir e destruir, mas com o aumento exponencial da força destrutiva da humanidade, a capacidade de construção foi ultrapassada pela de destruição (Giannini, 1971). Em seus estudos, ele conclui que bens culturais sempre foram objeto de propriedade dividida, pertencentes tanto ao Estado quanto ao setor privado. Giannini dá a primeira noção jurídica para o patrimônio cultural, trazendo real significado ao termo no meio jurídico:

A noção do patrimônio cultural é uma noção que pode ser empírica para o cientista preocupado com a civilização e a cultura, mas para o jurista é simplesmente uma noção aberta, cujo conteúdo é dado por teóricos de outras disciplinas, de vez em quando, ou mesmo por categorias de objetos. Deste modo, a noção de patrimônio cultural enquanto testemunho material com valor civilizatório também pode ser considerado como uma noção juridicamente válida, embora se mantenha a certeza de que se trata de uma noção liminar, ou seja, uma noção à qual a regulamentação jurídica não dá o seu próprio conteúdo, a sua própria definição através de outras características juridicamente definidas, mas funciona por referência a disciplinas não jurídicas (Giannini, 1971, p. 1010).

Através desta denominação e empregando o uso do termo liminar no que tange à jurisprudência, ele atrela aos bens culturais a sua historicidade em uma via legal. O art. 216 da Constituição Federal define como patrimônio cultural brasileiro:

Os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem os seguintes itens: formas de expressão, modos de criar, fazer, viver, criações científicas, artísticas, tecnológicas, as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados a manifestações artístico-culturais, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico” (Brasil, art. 216 da Constituição Federal, 2016, p. 126).

Em 1992, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), adotou o termo paisagem cultural como uma nova forma para classificar os bens culturais. Vinte anos depois, em julho de 2012, o Rio de Janeiro foi reconhecido como a primeira área urbana do mundo a receber a chancela de paisagem cultural. Ainda, a Unesco definiu como paisagem cultural os seguintes

lugares: Aterro do Flamengo, Floresta da Tijuca, Jardim Botânico, Corcovado, Pão de Açúcar, entrada da Baía da Guanabara e a praia de Copacabana. Os bens do estado do RJ incluem também o Parque do Flamengo, Enseada de Botafogo, Forte de Copacabana, Forte e o Morro do Leme e o Arpoador (IPHAN, 2014). Por meio da portaria 127/2009, o Iphan regulamenta, no Brasil, a paisagem cultural, definindo-a como uma porção peculiar do território brasileiro, representada por áreas de interação entre o homem e a natureza.

O Brasil é formado, como poucos países do mundo, por enorme diversidade de paisagens, costumes e lugares. Compõem a paisagem cultural o sertanejo e a Caatinga, o candango e o Cerrado, o Pantanal e o boiadeiro, o gaúcho e os pampas, o pescador e os barcos tradicionais, as tradições da mata e as tribos indígenas. Outros tantos personagens e lugares formam o painel das riquezas culturais brasileiras, destacando-se a relação exemplar entre homem e natureza (IPHAN, 2014, s/p.).

Desta forma, existem outras características fundamentais para o reconhecimento da paisagem cultural, tais como: o convívio harmonioso entre a natureza e espaços urbanizados, os modos de construção, atividades sociais e culturais. Todos estes aspectos devem contribuir para a construção da identidade local. Neste contexto, a biodiversidade é componente inerente às paisagens culturais. Flora e fauna constituem grupos biológicos que evoluíram ao longo da história da vida no planeta, dando origem a milhões de formas aquáticas e terrestres únicas, resultantes de processos evolutivos singulares. Isto já é o suficiente para merecer zelo e proteção, assim como qualquer outro bem cultural (Alves et al; 2002). O Brasil é um dos maiores países da América latina tanto em território quanto em biodiversidade, possuindo o título de um dos países com a maior biodiversidade do planeta (país megadiverso), dispondo de um número aproximado de 116.000 espécies animais e 46.000 espécies de plantas distribuídas por seis biomas terrestres e três grandes ecossistemas marinhos. Essa generosa variedade de formas de vida compreende cerca de 20% do total de espécies conhecidas no mundo. A biodiversidade brasileira é uma das maiores fontes de recursos do País, tornando, assim, extremamente importante a sua conservação, bem como do seu patrimônio genético, por meio do uso sustentável desses recursos (Ministério do Meio Ambiente e Mudanças do Clima, s/d., s/p.).

2.4 EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Como tratado anteriormente, a educação ambiental surge da necessidade de conscientizar a sociedade sobre o uso inadequado dos recursos naturais utilizados pela humanidade sem qualquer tipo de cuidado ou preocupação com o futuro e o equilíbrio ecológico.

Partindo da ideia de que Educação Ambiental pode ser conceituada como “os processos a partir “dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (Brasil, 1999), essa será mais efetiva para aqueles indivíduos que ao longo da sua formação como pessoas experimentaram um contato maior com a natureza. A educação ambiental é um saber construído socialmente e de caráter multidisciplinar, ela deve ser construída através de instrumentos pedagógicos por tratar-se de uma extensão de uma das áreas da educação. Deve-se buscar a mudança de hábitos e comportamentos que levem a melhoria progressiva de problemas identificados nas comunidades alvo (Pedrini, 1997).

Um dos grandes aliados na atualidade para a EA são os espaços não formais, que consistem em locais distintos do âmbito escolares e acadêmico que vão auxiliar na construção e disseminação da educação ambiental. Tais locais possuem uma equipe técnica preparada para trabalhar as questões de cunho ambiental com os membros visitantes da sociedade. Estes espaços trabalham de maneira lúdica, participativa e de interesse da própria pessoa ou também chamada de *free-choice-learning* (Falk; Dierking, 2002), o que difere totalmente dos ambientes escolares.

Dentre os espaços não formais, podemos destacar: museus, reservas florestais, parque zoológicos, MiniZoo, aquários, jardim botânico, planetário e etc. Os espaços não formais utilizam diversas estratégias para desenvolver ações de educação ambiental, como as exposições, podendo ser de curta ou longa duração, tal ferramenta possibilita a apresentação de elementos que sejam pertinentes há alguma situação que trará algum tipo de benefício aos espectadores, como por exemplo, uma exposição sobre morcegos que apresenta as diversas espécies existentes na região, seus comportamentos, alimentação, hábitos e sua importância ecológica, procurando desmistificar algumas crenças populares negativas sobre estes.

Atividades como estas implicarão diretamente na mudança de hábitos e conscientização das pessoas quanto à importância e a preservação destas espécies.

Dentre as atividades também há a possibilidade do ecoturismo ou visitas guiadas por determinadas áreas de importância ambiental, onde um profissional será responsável por guiar um determinado grupo de pessoas e ao decorrer da atividade ele irá trazer informações sobre a biodiversidade local, proporcionando assim as pessoas maior conhecimento sobre o tema e utilizando de algumas espécies como facilitadores da sensibilidade social. A utilização de biodioramas, por parte dos museus, auxilia o público a entender a complexidade para além de animais taxidermizados expostos de maneira linear. O recurso visual tridimensional instiga os visitantes a imaginarem de forma lúdica o ambiente como um todo.

A partir das oficinas o público interage com recursos determinados que os levam a compreender que a natureza também nos fornece recursos que podem ser utilizados como fonte de renda por alguns povos e culturas. Através de contação de histórias ou teatro de bonecos as crianças aprendem de forma lúdica os conceitos e a importância do ecossistema a sua volta. Todas essas ferramentas citadas são amplamente utilizadas por diversos espaços e contribuem para enriquecer ações de educação ambiental, saindo da causalidade das salas de aulas (PARQUE DAS AVES, 2018).

2.5 ZOOLOGICOS E CETAS

Os zoológicos surgiram primeiramente na China e no Antigo Egito há milhares de anos. Há estudos de civilizações antigas que identificaram indícios da existência de animais selvagens em coleções. Inicialmente tais conjuntos de animais serviam para demonstrar riqueza e poder pelos faraós e chefes de outras civilizações (Fa; Funk; O'connell, 2011). Surge então em meados do século XIX, jardins zoológicos com propostas mais modernas para a época, espaços com objetivo de receber visitas públicas com arrecadação de dinheiro através de ingressos. Porém os espaços destinados aos animais eram grandes jaulas de concreto e barras de ferro próximas ao passeio público local. Estas estruturas jamais foram pensadas com o intuito de prover o bem estar da fauna, mas sim de maneira que facilitasse o manejo, limpeza e manutenção das jaulas. Este modelo de entretenimento perdurou por longos anos, finalizando e adotando uma nova postura em meados dos anos 50-60 (Dias, 2003).

Nos séculos XVIII e XIX há um aumento significativo de pesquisas na área da vida animal o que torna os zoológicos um ambiente ideal para a sua realização. Através de pesquisas que investigavam o comportamento da vida animal na natureza,

observou-se a necessidade e a importância da inserção de enriquecimento ambiental nos recintos, pois esta ação melhora a qualidade de vida dos animais. Desta maneira os zoológicos deixam de ser um espaço apenas de lazer, comércio e adota um papel importante para a pesquisa e conservação das espécies ameaçadas (Costa, 2003).

Nos dias atuais (2026), tais espaços como zoológicos e aquários desempenham papéis importantes na conservação das espécies, que diferem totalmente da proposta de milhares de anos atrás. O modelo atual baseia-se em três pilares: ações de conservação, educação ambiental e pesquisa.

Os zoológicos, surgiram no Brasil na década de XIX, seguindo o novo modelo dos Estados Unidos e Europa. O vislumbre inicial de um zoológico deu-se a partir do Museu Emílio Goeldi, no Pará, quando a instituição iniciou uma coleção de animais silvestres da Amazônia, podemos desta forma inferir que ele tenha se tornado o primeiro zoológico do país, mesmo que de uma forma não oficial (Costa, 2012). Em 1888 o Barão de Drummond fundou o primeiro zoológico do país, instalado no Rio de Janeiro no bairro Vila Isabel. Em 2017, existiam 84 zoológicos credenciados no país (Brasil, Ministério do Turismo. 2017). Seguindo o mesmo modelo dos demais zoo do mundo, o Brasil vem utilizando esses espaços como um meio de proteger e manter os animais longe de eventos que possam vir a levá-los à extinção, trabalhando com a conservação e pesquisas que nos levem a mitigar as chances da aniquilação das espécies (IBAMA, 2016).

Assim, são poucas as instituições favoráveis à investigação científica como os zoológicos contemporâneos. Os zoológicos, ao manterem animais selvagens em cativeiro, instituem condições necessárias para a propagação de pesquisas, nas mais diferentes áreas do conhecimento, da zoologia, indo para medicina veterinária, conduta animal e epidemiologia empregada, passando por campos pouco explorados, como arquitetura e design de ambientes (DIAS, 2003).

O Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Renováveis, mais conhecido como IBAMA, é o órgão do governo que possui a responsabilidade de fiscalizar as políticas públicas envolvendo questões ambientais e caso seja necessário tem a autonomia para intervir visando o bem-estar das espécies.

Os centros de triagem de animais silvestres (CETAS) foram institucionalizados em 2008, através de uma instrução normativa (IN) nº 169 (IBAMA, 2008). Os CETAS são definidos como empreendimento destinados a receber, identificar, marcar, triar, avaliar, tratar, reabilitar e destinar os animais silvestres oriundos de ações de fiscalização realizada pelo IBAMA, resgates feitos pelo próprio CETA ou entregas

vindas da população, podendo ser realizados pesquisas científicas, ensino e extensão (Brasil, IBAMA, 2021).

Segundo a IN 169, os CETAS são divididos em três categorias, A, B e C de acordo, principalmente, com a quantidade de animais recebidos por ano e infra-estrutura disponível, sendo o CETAS classificado como A o que recebe acima de 800 animais por ano, possui pelo menos 4 tratadores, 1 Biólogo e 1 Médico Veterinário. O CETAS B recebe abaixo de 800 animais e o CETAS C apresenta estrutura menor, com instalações simples, exclusivas do IBAMA. A IN 169 estabelece ainda os procedimentos para implantação e operacionalização dos centros de triagem por outras Instituições privadas ou públicas (Vilela, 2012, p. 21).

Buscando um trabalho mais eficaz no que diz respeito a recuperação e resgate da fauna os CETAS, trabalham em conjunto com institutos e ONGs que possuem o mesmo objetivo, conservar a biodiversidade e combater o tráfico sistêmico de animais no país. Desta maneira o IBAMA direciona os animais apreendidos por diversos órgãos como: ICMBio, PF, PRF e PMA diretamente aos CETAS (Vilela, 2012).

O Brasil possui aproximadamente 45 CETAS, “destes 23 são administrados pelo IBAMA, sete por órgãos municipais, cinco por órgãos estaduais, quatro por ONGs, quatro pela iniciativa privada e dois por universidades” (Santos et al., 2018). Considerando a extensão territorial do país, observa-se que a quantidade existente de CETAS, não é o suficiente para receber e dar a devida atenção à grande biodiversidade do país. Muitos destes centros encontram dificuldades para a manutenção de seus espaços uma vez que dependem de verbas públicas, a mão de obra muitas vezes não é valorizada o que dificulta que os centros de triagem possuam um quadro consistente de profissionais (Fragoso, 2022).

Dados publicados pelo Ibama apontam que, em 2023, cerca de 60 mil animais foram atendidos nos Cetas do país. A maioria representada por aves (67%), répteis compondo a segunda classe mais recebida (15%), seguida por mamíferos (14%) e os demais grupos representando 4%.

2.6 MINIZOOLOGICOS, ZOOLOGICOS E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para que espaços como zoológicos e minizoo funcionem como local de aprendizagem sobre educação ambiental, todas as equipes e setores que trabalham no espaço precisam estar comprometidos certificando-se que as ações aplicadas

estejam norteadas pela conservação ambiental, aplicando mais que uma ação ao mesmo tempo, caso contrário a atenção e curiosidade das pessoas não será desperta (Barongi et al., 2015). É sabido que a maioria dos zoológicos contam com placas de identificação e informações sobre as espécies de animais que vivem nestes locais, alguns destes espaços contam também com ferramentas tecnológicas com objetivo de facilitar a aprendizagem das pessoas sobre a importância ecológica destes animais e o meio onde eles vivem (Waza, 2015). O esforço coletivo dos setores juntamente com a tecnologia e informação aumentam a probabilidade de os visitantes adquirirem os conhecimentos propostos nas ações de educação ambiental destes locais (Silva, 2018).

Visitas guiadas por responsável técnico treinado, com intuito informativo aliado a curiosidade mostra-se um método eficaz na aprendizagem dentro destes locais (MOSS et al., 2017). Recintos naturais, entende-se como naturais os espaços que possuem áreas gramadas, árvores, corpos d'água artificiais imitando rios e lagos, poleiros, tocas, cupinzeiros e etc. Estes recintos chamam a atenção dos visitantes, quando comparado aos modelos tradicionais (piso cerâmico e barras de ferro). Estes ambientes quando naturais, auxiliam positivamente nas ações de educação ambiental, por proporcionar maior apreço aos animais e mexer com a imaginação das pessoas (Braverman, 2011; Davey, 2006; Fernandez et al., 2019). Desta maneira se faz importante ações de enriquecimento ambiental, pois além de proporcionar aos animais características que os aproxime do seu habitat na natureza, também serve como ferramenta para educação ambiental.

O enriquecimento ambiental (EA) vai além da mera introdução de objetos em um recinto, configurando-se como um princípio dinâmico de manejo que visa aumentar a complexidade biológica e comportamental do ambiente em que animais cativos estão inseridos. Em uma perspectiva neurobiológica, a importância do EA reside na sua capacidade de estimular a plasticidade neural. Estudos demonstram que ambientes complexos promovem um aumento na densidade sináptica e na expressão de fatores neurotróficos, o que resulta em indivíduos cognitivamente mais resilientes e menos vulneráveis aos efeitos danosos do estresse crônico (Young, 2003). Sob a ótica do bem-estar animal, o enriquecimento atua diretamente no equilíbrio entre os estados afetivos positivos e negativos, permitindo que o animal exerça agência e controle sobre seu microambiente. Segundo Shepherdson (1998), a privação de estímulos em ambientes controlados conduz à frustração e ao tédio, estados que frequentemente evoluem para patologias comportamentais, como as

estereotípias motoras, que são interpretadas como tentativas do organismo de lidar com a falta de previsibilidade e desafio (Mason, 2006). É importante destacar que o EA não deve ser visto apenas como uma questão ética, mas como um rigor metodológico: animais mantidos em ambientes enriquecidos apresentam perfis fisiológicos e imunológicos mais estáveis (Mellen & MacPhee, 2001). A implementação estratégica do EA divide-se em cinco categorias principais: social, cognitivo, sensorial, físico e alimentar e sua eficácia depende da compreensão profunda da etologia da espécie-alvo. Ao fornecer oportunidades para forrageamento, interação social intraespecífica e exploração sensorial, o enriquecimento mitiga a hiper-reatividade, garantindo que o bem-estar não seja apenas a ausência de sofrimento, mas a presença de oportunidades para a expressão de comportamentos naturais. Portanto, o enriquecimento ambiental é a peça fundamental da manutenção de animais em cativeiro, garantindo que as necessidades psicológicas e físicas sejam atendidas de forma integrada.

A operacionalização do enriquecimento ambiental fundamenta-se na premissa de que a complexidade do recinto deve espelhar, funcionalmente, os desafios adaptativos encontrados no habitat natural da espécie, permitindo a expressão de comportamentos biologicamente relevantes. O enriquecimento social assume um papel preponderante para espécies gregárias, fornecendo estímulos dinâmicos e imprevisíveis que nenhuma barreira física pode replicar; a formação de grupos sociais estáveis, respeitando a hierarquia e a estrutura demográfica natural, é crucial para a modulação do estresse e para o desenvolvimento de competências sociais, especialmente em primatas e mamíferos marinhos (Price, 2002).

O enriquecimento cognitivo, ou ocupacional, visa a engajar o animal em processos de resolução de problemas e tomada de decisão, utilizando dispositivos que exigem esforço intelectual para a obtenção de recompensas, garantindo que o indivíduo mantenha suas capacidades executivas operacionais mesmo em condições de restrição de espaço (Meehan & Mench, 2007). No domínio do enriquecimento sensorial, a introdução estratégica de estímulos olfativos, auditivos, visuais e táteis busca ativar as vias aferentes do sistema nervoso central, prevenindo a habituação e o tédio sensorial; o uso de essências de presas ou predadores, vocalizações gravadas e texturas diferenciadas no substrato permite que o animal processe informações ambientais de maneira multifatoriais, o que é fundamental para a manutenção da acuidade sensorial e do estado de alerta biológico (Wells, 2009). O enriquecimento físico, por sua vez, foca na arquitetura e na tridimensionalidade do recinto,

incorporando estruturas como plataformas, cordas, troncos e substratos escaváveis que ampliam a área útil e incentivam a locomoção variada; a complexidade estrutural não apenas favorece o exercício físico e a saúde musculoesquelética, mas também oferece zonas de refúgio e barreiras visuais, permitindo que o animal gerencie sua exposição social e evite conflitos agonísticos (Maple & Perdue, 2013). Por fim, o enriquecimento alimentar altera a forma como o alimento é apresentado, transformando o ato passivo de comer em uma atividade de forrageamento ativa e prolongada; ao esconder itens alimentares, utilizar dispersores temporais ou oferecer carcaças inteiras, prolonga-se o tempo dedicado à alimentação, o que reduz drasticamente o tempo ocioso que frequentemente é preenchido por estereotípias orais ou motoras (Hosey et al., 2013). A integração dessas cinco categorias não deve ser estática, mas sim um processo iterativo de "tentativa, observação e ajuste", garantindo que as modificações ambientais continuem a ser percebidas como novidades biológicas e contribuam efetivamente para a homeostase psicológica e a aptidão inclusiva do espécime em ambiente controlado.

O enriquecimento ambiental (EA) é amplamente reconhecido como uma estratégia de manejo voltada ao bem-estar de animais mantidos em cativeiro, porém sua aplicação também possui forte potencial educativo no contexto de zoológicos e minizoológicos. Ao estimular comportamentos naturais e tornar o ambiente dos recintos mais dinâmico e complexo, o enriquecimento ambiental permite que os visitantes observem interações mais próximas daquelas que ocorreriam no habitat natural das espécies. Esse aspecto favorece a construção de processos de aprendizagem e sensibilização ambiental, uma vez que o público passa a compreender melhor as necessidades biológicas e ecológicas dos animais (Shepherdson, 1998; Hosey; Melfi; Pankhurst, 2013).

Segundo Newberry (1995), o enriquecimento ambiental consiste na modificação intencional do ambiente com o objetivo de melhorar o funcionamento biológico do animal, ampliando seu repertório comportamental e reduzindo comportamentos anormais ou estereotipados. Quando aplicado em zoológicos, esse processo torna-se visível aos visitantes, possibilitando que observem comportamentos de forrageamento, exploração, interação social e resolução de problemas. Essa observação direta contribui para que o público compreenda que os animais possuem necessidades físicas e psicológicas específicas, reforçando a importância da conservação das espécies e de seus habitats naturais (Young, 2003).

Além de promover o bem-estar animal, o enriquecimento ambiental pode ser utilizado como um recurso interpretativo dentro das ações de educação ambiental. Programas educativos frequentemente utilizam atividades de enriquecimento demonstrativas, nas quais os visitantes acompanham a preparação e a oferta de estímulos ambientais aos animais. Essas atividades permitem explicar aspectos da ecologia das espécies, seus hábitos alimentares, estratégias de sobrevivência e relações com o ambiente, transformando o recinto em um espaço de aprendizagem ativa (Moss; Esson; Francis, 2010). Nesse sentido, o enriquecimento ambiental atua como um mediador entre ciência, manejo animal e educação ambiental.

Estudos sobre aprendizagem em zoológicos indicam que a observação de comportamentos naturais aumenta significativamente o engajamento dos visitantes e favorece a retenção de informações relacionadas à conservação da biodiversidade (Falk; Dierking, 2013). Ambientes enriquecidos estimulam maior tempo de permanência do público diante dos recintos e despertam curiosidade sobre as espécies observadas, criando oportunidades para interpretação ambiental por meio de mediadores, placas informativas ou tecnologias interativas (Ballantyne; Packer; Falk, 2011).

Outro aspecto relevante é que o enriquecimento ambiental pode ser utilizado para demonstrar na prática conceitos ecológicos e comportamentais. Estratégias de enriquecimento alimentar, por exemplo, permitem explicar os padrões de forrageamento e as adaptações evolutivas das espécies, enquanto enriquecimentos estruturais e sensoriais podem ilustrar aspectos relacionados ao habitat natural e à dinâmica dos ecossistemas. Dessa forma, o visitante passa a perceber os animais não apenas como indivíduos isolados em exposição, mas como organismos inseridos em complexas relações ecológicas (Maple; Perdue, 2013).

Nesse contexto, zoológicos modernos têm buscado integrar programas de enriquecimento ambiental às suas estratégias educativas, reforçando o papel dessas instituições como centros de conservação, pesquisa e educação ambiental. Ao observar animais expressando comportamentos mais próximos daqueles encontrados na natureza, os visitantes desenvolvem maior empatia e compreensão sobre os desafios enfrentados pela fauna silvestre, o que pode contribuir para mudanças de percepção e atitudes em relação à conservação da biodiversidade (Hosey; Melfi; Pankhurst, 2013; Moss; Esson; Francis, 2010).

Assim, o enriquecimento ambiental não se limita a uma prática de manejo voltada exclusivamente ao bem-estar animal, mas configura-se também como uma

importante ferramenta pedagógica nos zoológicos. Ao conectar comportamento animal, ecologia e conservação em experiências observáveis pelo público, essa estratégia amplia o potencial educativo desses espaços e fortalece sua função social na promoção da educação ambiental e na sensibilização para a conservação da fauna.

Ao considerar o enriquecimento ambiental também como um elemento presente na experiência de visita, torna-se possível estabelecer uma aproximação com o campo da memória social. Os zoológicos e minizoológicos não são apenas espaços de manejo da fauna, mas também ambientes de produção de significados, nos quais visitantes constroem lembranças, percepções e narrativas sobre a relação entre seres humanos, animais e natureza. Nesse sentido, as experiências vivenciadas durante a observação dos animais especialmente quando estes expressam comportamentos naturais estimulados por práticas de enriquecimento ambiental podem tornar-se elementos marcantes na formação de memórias individuais e coletivas sobre o contato com a fauna silvestre.

A literatura sobre memória social destaca que as experiências vividas em espaços culturais e educativos contribuem para a construção de lembranças compartilhadas que, ao longo do tempo, passam a integrar a memória coletiva de determinados grupos sociais (Halbwachs, 1990). Assim, quando visitantes observam comportamentos de exploração, forrageamento ou interação social promovidos por práticas de enriquecimento ambiental, essas experiências sensoriais e cognitivas tendem a produzir impressões mais significativas do que a simples observação de animais em ambientes estáticos. A vivência direta desses momentos favorece a criação de recordações duradouras que associam o espaço do zoológico à aprendizagem sobre conservação da biodiversidade.

Além disso, a interação entre visitantes, educadores ambientais e os próprios animais presentes nos recintos pode ser compreendida como um processo de mediação cultural, no qual o conhecimento científico sobre comportamento animal e conservação é reinterpretado e incorporado à experiência cotidiana do público. De acordo com Candau (2011), a memória social se constitui a partir da articulação entre experiências vividas, narrativas e processos de significação coletiva. Nesse contexto, as práticas educativas desenvolvidas em zoológicos incluindo aquelas que envolvem demonstrações de enriquecimento ambiental contribuem para a formação de repertórios simbólicos que reforçam valores associados à preservação ambiental.

Dessa forma, o enriquecimento ambiental ultrapassa sua função inicial de promover o bem-estar dos animais, tornando-se também um componente relevante na construção de experiências significativas para os visitantes. Ao observar animais engajados em comportamentos mais próximos daqueles expressos em ambientes naturais, o público tende a desenvolver maior empatia e compreensão sobre as necessidades das espécies, o que pode influenciar suas percepções sobre a conservação da fauna. Essas experiências, quando compartilhadas e narradas socialmente, passam a integrar um conjunto de lembranças coletivas que contribuem para consolidar os zoológicos e minizoológicos como espaços de aprendizagem, sensibilização ambiental e produção de memória social.

3 METODOLOGIA

A seguir, apresento os aspectos metodológicos da pesquisa.

3.1 ÁREA DE ESTUDO

O município de Canoas/RS está localizado no bioma Pampa, fazendo parte da Região Metropolitana de Porto Alegre, abrangendo uma área de 130,789 km² com 59,6% das vias públicas urbanizadas e 81,9% arborizadas (IBGE, 2010). Possui uma população de 349.728 habitantes, apresentando densidade demográfica total de 2.470,15 hab/km² (IBGE, 2021). O município é o maior da Região Metropolitana de Porto Alegre, possuindo também o quarto maior PIB do estado (IBGE, 2021) e o índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0,75.

Em Canoas estão localizados porções de três bacias do estado (Gravataí, Sinos e Guaíba), sete arroios (Sapucaia, Brigadeira, Garças, Olaria, Araça, Passo do Nazário e Guajuviras) e 34 açudes e reservatórios (GeoCanoas, 2023). A cidade conta com várias praças e parques localizados em diferentes bairros (GeoCanoas, 2023). A Base Aérea de Canoas, somada ao Parque Eduardo Gomes, Parque Getúlio Vargas e Fazenda Guajuviras são as quatro maiores áreas verdes que restam no município. Canoas tem sua economia baseada nas grandes empresas que se situam no município, juntamente com centros de comércio, como é o caso do Canoas Shopping e do Park Shopping Canoas. A Refinaria Alberto Pasqualini e a Base Aérea, também situadas dentro dos limites do município, foram as principais instituições responsáveis pelo seu crescimento econômico de outrora.

O número de áreas verdes preservadas no município de Canoas é baixo, assim como seus tamanhos, em razão da pressão exercida pelo crescimento da malha urbana. A fisionomia original do município era constituída por campos, banhados e capões florestais. O clima é quente e temperado, caracterizado como subtropical úmido, com pluviosidade significativa durante o ano, alcançando a marca anual de 1418 mm; a temperatura média é de 19,4 C° (Köppen, 1936).

3.2 PESQUISA QUALITATIVA

A tese foi desenvolvida a partir de pesquisa qualitativa na qual se observa fenômenos que ocorrem em determinado tempo, local e cultura. Esta irá abordar objetos não quantificáveis, estudando, neste caso relações humanas com seu ambiente. A pesquisa qualitativa possui vários métodos de investigação, entre eles observações e análise de material escrito (Nogueira-Martins; Bógus, 2004). Três perspectivas são importantes para caracterizar uma pesquisa como qualitativa segundo Martins e Bicudo (1989): A primeira é de posição epistemológica, e relaciona-se com a concepção de mundo contida na pesquisa, ou seja, o pesquisador que escolhe desempenhar uma pesquisa qualitativa procura um entendimento subjetivo da experiência humana. A segunda perspectiva relaciona-se a espécie de dado que se ambiciona coletar, ou seja, dados ricos em detalhamento de pessoas, acontecimentos, condições e vivências. E o terceiro tem relação com procedimento de análise, que busca compreender na pesquisa qualitativa o significado e não evidências. Com a abordagem qualitativa, o pesquisador troca as correspondências estatísticas pelas caracterizações e as conexões ocasionais objetivas pelas interpretações.

3.3 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Fiz uso da pesquisa bibliográfica, consultando bases como Portal de Periódicos da CAPES, Scientific Electronic Library Online (SciELO), Google Scholar, Scopus e Web of Science, além de repositórios institucionais de universidades brasileiras. Pesquisas bibliográficas, são aquelas que se realizam através da análise de pesquisas anteriores pautadas na mesma temática, analisando assim a contribuição de diversos autores sobre os temas abordados na pesquisa presente (Severino,

2007). Segundo Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é essencial em todas as produções acadêmicas:

A partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (Fonseca, 2002, p. 32).

Desta forma, foi realizado levantamento bibliográfico sobre zoológico, minizoo, CETAS, educação ambiental e mídia, pois desta maneira irá possibilitar a compreensão dos problemas propostos, uma vez que a comparação de material já publicado é fundamental para a escrita da tese, entendimento dos problemas e análise de dados ao final da pesquisa.

3.4 PESQUISA DOCUMENTAL

A pesquisa documental é uma abordagem metodológica valiosa na pesquisa qualitativa, comumente utilizada para pesquisas na área da educação e administração pública, porém não limitando o uso dela apenas a estas áreas (Fávero; Centenaro, 2019; Garcia et al., 2016). Ela envolve a análise de vários tipos de documentos para compreender a realidade social e produzir conhecimento (Kripka et al., 2015). Desta maneira a pesquisa documental consiste em um processo que utiliza técnicas e métodos para buscar a compreensão e análise dos mais diversos dados a partir de documentos.

A pesquisa documental, age como um meio de complementação a pesquisa bibliográfica, enriquecendo o conhecimento e discussão sobre os temas abordados nas pesquisas (Fonseca, 2002).

De tal maneira, na proposta apresentada pelo projeto de tese a pesquisa documental investigou os seguintes documentos:

- Documentos oficiais como leis para compreensão das medidas adotadas pelo poder público ao passar do tempo em relação ao minizoo;
- Documentos no arquivo local do Minizoo de Canoas;

- Fotografias das estruturas do espaço, realizando uma análise comparativa de antes e depois durante a passagem dos anos, bem como registros fotográficos das diversas ações de educação ambiental e outros realizados no local.
Para a análise de imagens fotográficas, levarei em conta os processos de representação, construção de memórias e aspectos históricos no processo de apropriação dos espaços urbanos, expropriações de populações de humanos e animais, com o fim de utilização do ambiente em uma perspectiva histórica e no campo biológico, buscando em Barthes (1984), elementos teóricos e metodológicos para tal.
- Matérias jornalísticas, sejam elas impressas ou digitais.

3.5 ENTREVISTA ESTRUTURADA

As entrevistas estruturadas constituem uma técnica amplamente utilizada em pesquisas qualitativas e quantitativas, permitindo a coleta sistemática de informações a partir de um roteiro previamente elaborado. Nesse tipo de entrevista, todas as perguntas são definidas antecipadamente e aplicadas de forma padronizada a todos os participantes, garantindo maior comparabilidade entre as respostas e reduzindo possíveis interferências do pesquisador durante o processo de coleta de dados (Gil, 2008).

Embora as entrevistas estruturadas sejam frequentemente associadas a perguntas fechadas, também podem incluir questões abertas, nas quais os participantes têm liberdade para expressar suas percepções, experiências e interpretações sobre o tema investigado. Esse formato possibilita a obtenção de dados mais ricos e detalhados, favorecendo a compreensão de fenômenos sociais, culturais e ambientais a partir da perspectiva dos próprios sujeitos da pesquisa (Minayo, 2014).

No presente estudo, optou-se pela utilização de entrevista estruturada com perguntas abertas, pois essa abordagem permite manter a padronização do instrumento de coleta de dados ao mesmo tempo em que oferece espaço para que os entrevistados desenvolvam suas respostas de maneira mais ampla. Segundo Lakatos e Marconi (2017), esse tipo de entrevista é especialmente útil quando o pesquisador busca comparar respostas entre diferentes participantes, sem perder a profundidade interpretativa característica das abordagens qualitativas.

O roteiro da entrevista foi elaborado com base nos objetivos da pesquisa e nos referenciais teóricos que orientam o estudo. As perguntas foram organizadas de forma sequencial, iniciando com questões de caráter mais geral e avançando gradualmente para aspectos mais específicos relacionados ao objeto de investigação. Esse procedimento visa facilitar o processo de interação entre pesquisador e entrevistado, contribuindo para a construção de um ambiente favorável à expressão livre das respostas (Triviños, 1987).

A entrevista foi realizada com a bióloga do MiniZoo, respeitando os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. A participante foi previamente informada sobre os objetivos da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido conforme orientações estabelecidas pelas normas éticas vigentes para pesquisas científicas.

Durante a coleta de dados, a entrevista foi registrada por meio de gravação em áudio, mediante autorização do participante, e posteriormente transcrita na íntegra para fins de análise. A transcrição literal das falas possibilita preservar a fidelidade das informações obtidas e constitui uma etapa essencial para a análise qualitativa dos dados (Bauer & Gaskell, 2015).

Dessa forma, a utilização da entrevista estruturada com respostas abertas mostrou-se adequada aos objetivos da presente pesquisa, pois possibilitou a obtenção de informações sistematizadas e comparáveis, ao mesmo tempo em que preservou a riqueza interpretativa necessária à compreensão das dimensões sociais e culturais relacionadas ao objeto de estudo.

Durante o período e dentro das possibilidades, uma vez que o MiniZoo esteve fechado em vários momentos entre os anos de 2024 e 2026 em decorrência da enchente e da gripe aviária, foram realizadas sete visitas técnicas para registros fotográficos e observações do funcionamento do espaço, com o objetivo de compreender a dinâmica de trabalho dos funcionários com os animais residentes e a interação com os visitantes.

A entrevista foi realizada no dia 20/08/2024, com duração de 1 hora e 37 minutos. Posteriormente, os dados foram atualizados com a profissional no dia 15/01/2026. A partir do dia 1º de janeiro de 2026, a Prefeitura de Canoas restringiu temporariamente o recebimento de animais apenas ao município de Canoas, até que o contrato com a empresa responsável pela administração do zoológico seja renovado.

Todas as perguntas foram respondidas por uma bióloga, a qual é responsável pelo núcleo de educação ambiental do Zoo. A entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido encontram-se anexados à tese (Anexo 25-29).

3.6 O ENSAIO VISUAL COMO PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

A utilização do ensaio visual nesta pesquisa insere-se no campo das metodologias qualitativas e interpretativas, reconhecendo a imagem como uma forma legítima de produção de conhecimento científico. No âmbito dos estudos sobre memória social, cultura e bens culturais, a imagem não se restringe a um papel ilustrativo, mas constitui-se como documento, narrativa e dispositivo analítico capaz de revelar dimensões simbólicas, afetivas e relacionais dos fenômenos sociais.

A incorporação de um ensaio visual como capítulo da tese demanda compreender a fotografia não apenas como recurso ilustrativo, mas como linguagem metodológica capaz de produzir conhecimento científico. No contexto desta pesquisa, o ensaio visual sobre o Zoológico Municipal de Canoas constitui uma estratégia investigativa voltada à análise das relações entre espaço urbano, fauna silvestre, memória social e sensibilização ambiental. Assim, as imagens produzidas deixam de ocupar posição periférica no texto acadêmico e passam a operar como documentos, narrativas visuais e dispositivos interpretativos.

Conforme apontam os estudos da antropologia visual, a imagem possui um potencial específico para apreender práticas sociais, espacialidades e experiências sensíveis que nem sempre se expressam plenamente por meio da linguagem verbal. Banks (2009) destaca que a produção e a análise de imagens permitem compreender aspectos do cotidiano e das interações sociais a partir de uma lógica própria, na qual o olhar do pesquisador se articula com o contexto cultural observado. Nesse sentido, o ensaio visual assume um papel metodológico central ao possibilitar a construção de narrativas visuais que dialogam com o referencial teórico e com os objetivos da pesquisa.

Em Dados visuais para pesquisa qualitativa, Banks (2009) propõe compreender a imagem como dado socialmente construído e culturalmente situado. Para o autor, a fotografia possui dupla dimensão metodológica: ao mesmo tempo em que documenta práticas sociais, também expressa escolhas do pesquisador, enquadramentos, intencionalidades e formas de observação. Nesse sentido, o ensaio visual não é

concebido como registro neutro da realidade, mas como produção interpretativa atravessada pela subjetividade do olhar e pelas relações estabelecidas em campo.

A perspectiva de Banks permite compreender o ensaio visual do MiniZoo como parte integrante da observação qualitativa realizada durante a pesquisa. As fotografias tornam-se formas de coleta de dados capazes de registrar espacialidades, interações entre visitantes e animais, estruturas de cuidado, marcas da urbanização e elementos simbólicos presentes no ambiente do zoológico. A câmera, portanto, opera como instrumento etnográfico que amplia a capacidade de observação do pesquisador, possibilitando capturar aspectos nem sempre perceptíveis apenas pela escrita descritiva.

Ao mesmo tempo, a pesquisa dialoga com as formulações de Barthes em *A câmara clara* (1984), especialmente no que se refere às dimensões afetivas e subjetivas da imagem fotográfica. Barthes compreende a fotografia como experiência temporal marcada pela presença da memória, da ausência e daquilo que denomina *punctum* — o detalhe que atravessa emocionalmente o observador e rompe a leitura puramente racional da imagem. Diferentemente de abordagens estritamente documentais, Barthes evidencia que toda fotografia carrega densidade afetiva e potencial evocativo.

Sarah Pink (2013) reforça que a pesquisa visual deve ser compreendida como um processo relacional, no qual as imagens são produzidas em interação com o campo e com os sujeitos envolvidos. Assim, as fotografias não são registros neutros, mas construções situadas, atravessadas por escolhas éticas, estéticas e analíticas. Nesta tese, o ensaio visual foi elaborado a partir da observação direta do Minizoo de Canoas/RS, considerando seus espaços, práticas educativas, relações entre humanos e animais e a ambiência institucional que caracteriza o local como espaço de preservação, conservação e educação ambiental.

Metodologicamente, o ensaio visual foi construído a partir de práticas de observação participante e registro sistemático do espaço. A produção imagética buscou contemplar diferentes dimensões do MiniZoo: os recintos animais, os fluxos de circulação de visitantes, os dispositivos educativos, os vestígios da intervenção urbana e as relações entre natureza e cidade presentes no cotidiano institucional. Tal procedimento aproxima-se da antropologia visual defendida por Banks, para quem as imagens devem ser compreendidas como parte de um processo relacional entre pesquisador, sujeitos e ambiente observado.

Essa perspectiva é particularmente relevante para um ensaio visual desenvolvido em um espaço como o Zoológico Municipal de Canoas, cuja existência se relaciona simultaneamente à preservação ambiental, ao lazer urbano e às memórias coletivas da cidade. As imagens produzidas não se limitam a representar animais ou estruturas físicas; elas também evocam experiências sensíveis, relações afetivas com a natureza e narrativas sociais sobre cuidado, abandono, proteção e convivência entre humanos e fauna silvestre.

No plano metodológico, isso significa reconhecer que a leitura das fotografias não ocorre apenas em nível informacional. O ensaio visual foi concebido para produzir uma narrativa imagética capaz de mobilizar percepções, atmosferas e sensibilidades relacionadas ao espaço pesquisado. A composição das imagens — enquadramentos, planos, luminosidade, contrastes e focalizações — integra o próprio processo analítico, uma vez que orienta modos de ver e interpretar o MiniZoo.

A utilização do ensaio visual como capítulo da tese também responde às discussões contemporâneas acerca da legitimidade epistemológica das imagens na pesquisa qualitativa. Em vez de ocupar função meramente ilustrativa do texto escrito, as fotografias assumem autonomia narrativa e analítica. Dessa forma, o ensaio visual é entendido como produção de conhecimento situada entre documentação científica, experiência estética e interpretação sociocultural.

Outro aspecto metodológico relevante refere-se à temporalidade inscrita nas imagens. A fotografia, conforme Barthes, registra sempre algo que “esteve ali”, preservando vestígios de um instante irrepetível. No caso desta pesquisa, as imagens do MiniZoo registram não apenas animais e espaços, mas também processos históricos de transformação urbana, práticas institucionais de conservação e formas contemporâneas de relação entre sociedade e natureza. O ensaio visual converte-se, assim, em arquivo imagético da memória ambiental de Canoas.

Além disso, o caráter visual da pesquisa possibilita evidenciar dimensões frequentemente invisibilizadas em narrativas exclusivamente textuais. Os sinais de desgaste dos recintos, os gestos corporais dos animais, as interações silenciosas entre visitantes e fauna, as paisagens híbridas entre urbano e natural e os dispositivos educativos espalhados pelo espaço constituem elementos cuja potência analítica emerge de maneira singular por meio da imagem fotográfica.

No campo dos estudos da memória, autores como Halbwachs (2006) e Le Goff (2003) evidenciam que a memória é socialmente construída e constantemente atualizada por meio de suportes materiais, simbólicos e narrativos. As imagens, nesse

contexto, funcionam como suportes privilegiados da memória, pois articulam tempo, espaço e experiência. Ao registrar visualmente o Minizoo, o ensaio contribui para a compreensão de como esse espaço se constitui como lugar de memória, no qual se entrelaçam práticas institucionais, discursos ambientais e experiências educativas.

Dessa forma, o ensaio visual integra-se ao percurso metodológico da tese como um procedimento analítico que dialoga com as demais técnicas de pesquisa, ampliando a compreensão do objeto estudado. As imagens produzidas são analisadas em articulação com o referencial teórico e com os dados empíricos, contribuindo para uma abordagem interdisciplinar que reconhece a complexidade dos bens culturais e das práticas de memória.

A metodologia do ensaio visual também pressupõe uma postura ética diante da produção imagética. As fotografias foram realizadas respeitando os limites institucionais do zoológico, evitando interferências diretas no comportamento animal e preservando a integridade dos visitantes registrados. Tal cuidado dialoga com os pressupostos éticos da antropologia visual, que reconhecem a imagem como forma de representação social capaz de produzir sentidos, memórias e interpretações públicas.

Ao incorporar o ensaio visual, a pesquisa reafirma a importância de metodologias sensíveis e plurais na produção do conhecimento, especialmente quando se trata de espaços educativos e culturais como o Minizoo de Canoas/RS. Assim, o uso da imagem fortalece a análise crítica e amplia as possibilidades interpretativas, consolidando-se como uma escolha metodológica coerente com os objetivos e com a natureza do estudo.

Por fim, o ensaio visual presente nesta tese articula-se à compreensão do Zoológico Municipal de Canoas como espaço de mediação entre memória ambiental, conservação da fauna e experiência urbana. As fotografias não operam apenas como complemento do texto escrito, mas como linguagem investigativa que amplia as possibilidades de interpretação do objeto pesquisado. Assim, a imagem fotográfica assume estatuto metodológico central, contribuindo para a construção de uma narrativa científica sensível às dimensões simbólicas, afetivas e ecológicas presentes no cotidiano do MiniZoo.

4 MINIZOO CANOAS – FAUNA SILVESTRE EM MEIO URBANO

A partir de visitas ao MiniZoo de Canoas, entre o segundo semestre de 2023 e o segundo semestre de 2025, foram registradas fotografias e coletadas outras no seu arquivo digital, com o objetivo de levantar informações e dados sobre o espaço físico, número de recintos, funcionamento do local e outras informações técnicas. Durante as visitas, tive a oportunidade de entender como é organizada a rotina do local com os animais e, posteriormente, com os visitantes. Percebi que o MiniZoo agenda de segunda a sexta-feira as visitas de estudantes das escolas do município, as quais têm os objetivos de conscientização e educação ambiental.

Ao organizar as imagens, acabei por agrupá-las em um ensaio visual do espaço, com uma linguagem documentarista, buscando expressar a compreensão de um lugar onde se mesclam várias camadas, ou seja, lazer, educação, usufruto de bens culturais e relações ambientais, humanas e sociais, as quais consegui captar, formando um quadro da realidade, envolvendo a paisagem, a biodiversidade e visitantes e experiências sensíveis que constituem o processo educativo ambiental.

A incorporação do ensaio visual nesta pesquisa está diretamente relacionada à compreensão da educação ambiental como um processo formativo que articula dimensões cognitivas, sensíveis, éticas e simbólicas. Conforme defendem autores do campo da educação ambiental, como Carlos Frederico Loureiro (2003), Isabel Cristina de Moura Carvalho (2025) e Marcos Reigota (2009), a educação ambiental não se restringe à transmissão de conteúdos ecológicos, mas envolve a constituição de sujeitos capazes de compreender criticamente sua inserção no mundo e agir sobre ele.

Nesse sentido, Loureiro (2003) afirma que “não há educação ambiental crítica sem a problematização das relações sociais, econômicas e culturais que estruturam a sociedade”, evidenciando que o processo educativo ultrapassa questões cognitivas e incorpora aspectos éticos e políticos. Complementando a fala do autor citado, Carvalho (2025) reforça que “a educação ambiental implica a formação de um sujeito ecológico, capaz de articular conhecimento, valores e sensibilidades na sua relação com o ambiente”, salientando a necessidade de integrar razão e sensibilidade nos processos formativos.

Ao abordar as representações sociais, Reigota (2009), reitera que educação ambiental deve considerar as diferentes formas pelas quais os sujeitos percebem e

significam o meio ambiente, indicando que os processos educativos são impactados por dimensões simbólicas e culturais. Esta compreensão abre espaço para o uso de linguagens não verbais, como a imagem, enquanto mediadoras do conhecimento e da experiência ambiental.

O conhecimento pertinente deve enfrentar a complexidade, articulando o todo e as partes, o objetivo e o subjetivo (MORIN, 2011), o que implica reconhecer a importância das dimensões sensíveis e simbólicas na construção do conhecimento.

Considerar o uso do ensaio visual como estratégia metodológica, aproxima-se da reflexão de Susan Sontag, para quem “fotografar é atribuir importância” (SONTAG, 2004), indicando que a imagem não é apenas um registro da realidade, mas uma forma de interpretá-la e atribuir-lhe sentido. Dessa forma, o ensaio visual, ao ser incorporado à pesquisa, não se limita a uma função ilustrativa, mas atua como dispositivo de sensibilização, produção de sentidos e construção de memória ambiental.

Os processos educativos voltados às questões ambientais extrapolam a transmissão de conteúdos e envolvem a construção de valores, percepções e vínculos afetivos com o meio ambiente. Nesse contexto, a imagem constitui-se como um recurso metodológico potente para apreender e problematizar tais dimensões.

O ensaio visual permite evidenciar como a educação ambiental se materializa no cotidiano do Minizoo de Canoas/RS, por meio das práticas institucionais, das ações educativas, das interações entre visitantes, profissionais e animais, bem como da organização espacial e simbólica do local. As imagens registram situações que expressam relações de cuidado, preservação e aprendizagem, possibilitando uma leitura crítica sobre os modos como a fauna silvestre é apresentada, interpretada e significada socialmente.

De acordo com Loureiro (2012), a educação ambiental deve promover uma compreensão crítica das relações entre sociedade e natureza, estimulando a reflexão sobre responsabilidade socioambiental. Nesse sentido, o ensaio visual contribui para revelar como essas relações se manifestam concretamente no espaço do Minizoo, permitindo identificar práticas educativas formais e informais, discursos institucionais

A partir da perspectiva da antropologia visual, conforme argumenta Pink (2013), as imagens possibilitam acessar aspectos da experiência que são vividos, sentidos e percebidos no campo, mas que nem sempre são plenamente expressos em entrevistas ou descrições textuais. Assim, o ensaio visual amplia a análise da educação ambiental ao incorporar elementos como gestos, expressões, ambiências e

interações, fundamentais para compreender o caráter formativo do espaço pesquisado.

Além disso, ao dialogar com os estudos da memória social, o ensaio visual contribui para compreender o Minizoo como um espaço de produção de memórias ambientais. As imagens funcionam como suportes de memória, registrando práticas e experiências que reforçam a identidade do local como bem cultural e educativo. Nesse sentido, o ensaio visual articula educação ambiental, memória e cultura, evidenciando como o Minizoo se constitui como um espaço de aprendizagem, preservação e construção de sentidos sobre a relação entre seres humanos e natureza.

A seleção das imagens que compõem o ensaio visual seguiu critérios metodológicos previamente definidos, com o objetivo de garantir coerência analítica, rigor científico e respeito aos princípios éticos da pesquisa. As imagens foram produzidas a partir de observação direta no campo, considerando situações que evidenciassem práticas de educação ambiental, relações entre humanos e animais, organização dos espaços e elementos simbólicos do Minizoo de Canoas/RS.

Como critérios de seleção, priorizei imagens que:

- a) representassem ações educativas formais e informais desenvolvidas no espaço do Minizoo;
- b) evidenciassem interações entre visitantes, profissionais e animais, destacando práticas de cuidado, preservação e mediação educativa;
- c) contribuíssem para a compreensão do Minizoo como lugar de memória, conservação e educação ambiental;
- d) apresentassem potencial analítico, possibilitando leituras críticas e articuladas ao referencial teórico da pesquisa.

As imagens não foram escolhidas por critérios estéticos isolados, mas por sua capacidade de dialogar com os objetivos da pesquisa e com as categorias analíticas construídas ao longo do trabalho. Nesse sentido, assume caráter interpretativo, conforme apontam Banks (2009) e Barthes (1984), reconhecendo que toda imagem carrega intencionalidades, enquadramentos e possibilidades múltiplas de leitura.

No que se refere aos procedimentos, a produção e a utilização das imagens respeitaram os princípios éticos da pesquisa em Ciências Humanas. Foram evitados registros que expusessem indevidamente pessoas, especialmente crianças, preservando sua identidade e integridade. Quando necessário, foram utilizados enquadramentos que impossibilitam a identificação direta dos sujeitos ou privilegiados registros de caráter mais amplo e contextual.

Quanto aos animais, os registros visuais foram realizados de forma a não interferir em seu bem-estar, respeitando as normas institucionais do Minizoo e os princípios éticos relacionados à preservação da fauna. As imagens buscam representar os animais em contextos que reforçam práticas de cuidado, conservação e educação ambiental, evitando qualquer tipo de exploração ou sensacionalismo.

No Quadro 3, a seguir, sistematizo a relação entre ensaio visual, objetivos da pesquisa e categorias de análise, explicitando o papel das imagens no desenvolvimento da investigação.

Quadro 2 – Relação entre ensaio visual, objetivos e categorias de análise			
Procedimento metodológico	Objetivos da pesquisa	Categorias de análise	Contribuição do ensaio visual
Ensaio visual (registro fotográfico)	Compreender o Minizoo de Canoas/RS como espaço de preservação, conservação e educação ambiental	Educação ambiental	Evidenciar práticas educativas formais e informais, mediações pedagógicas e experiências de aprendizagem ambiental
Ensaio visual	Analisar as relações entre humanos, animais e espaço institucional	Relação humano–animal	Registrar interações, práticas de cuidado, observação e sensibilização ambiental
Ensaio visual	Identificar o Minizoo como lugar de memória e bem cultural	Memória social	Captar elementos simbólicos, narrativas institucionais e usos sociais do espaço
Ensaio visual	Analisar a organização espacial e simbólica do Minizoo	Espaço educativo	Evidenciar a materialidade do espaço, sinalizações, recintos e fluxos educativos
Ensaio visual	Articular imagem, memória e educação ambiental	Cultura e identidade	Contribuir para a compreensão do Minizoo como espaço cultural e formativo

Fonte: Elaborado pelo autor (2026).

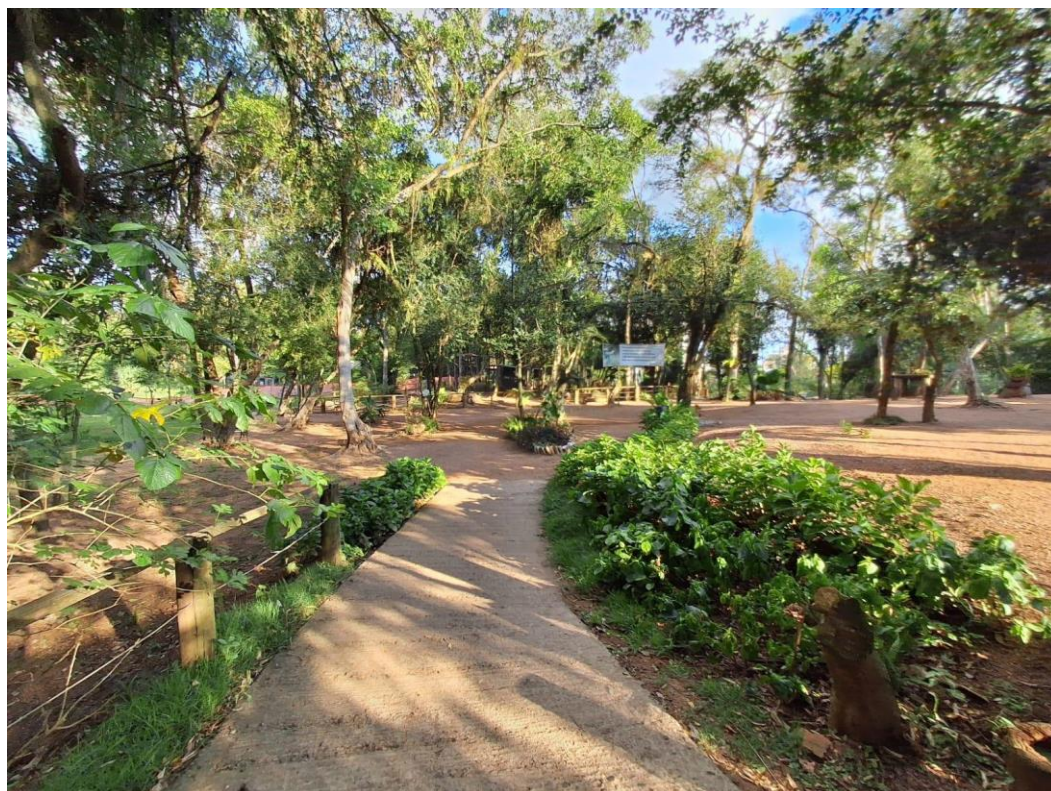
4.1 MINIZOO EM IMAGENS – CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIA AMBIENTAL

O ensaio visual apresentado a partir das Figuras 5 a 17 constitui-se como um elemento de construção de memórias, na medida em que registra, organiza e atribui sentidos a práticas, espaços e relações sociais vinculadas à presença da fauna

silvestre no contexto urbano. As imagens não são tratadas como simples ilustrações, mas como construção de memórias, conforme compreendido por Halbwachs (2006), ao afirmar que a memória coletiva se constrói a partir de quadros sociais que orientam a forma como os grupos percebem, interpretam e lembram o mundo.

Nesse sentido, o ensaio dialoga com o campo da Memória Social ao compreender o MiniZoo de Canoas como um espaço onde se produzem narrativas sobre natureza, cuidado, preservação e responsabilidade coletiva, mediadas por instituições, saberes técnicos e práticas educativas, portanto, como um lugar de memória.

Figura 5 – Espaço de passeio público Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

A Figura 5, ao registrar o espaço de passeio público do MiniZoo no interior do Parque Getúlio Vargas, permite compreender o local como um espaço onde a memória se materializa em função de práticas sociais recorrentes. O MiniZoo emerge, visualmente, como um ponto de articulação entre lazer, cidade e natureza, inserido no cotidiano urbano e dotado de significados compartilhados pela comunidade.

A imagem contribui para a construção de uma memória ambiental urbana, ao associar o espaço não apenas à observação de animais, mas à experiência coletiva de convivência com a fauna silvestre em meio à cidade. Tal perspectiva dialoga com Assmann (2011), ao compreender a memória cultural como um processo sustentado

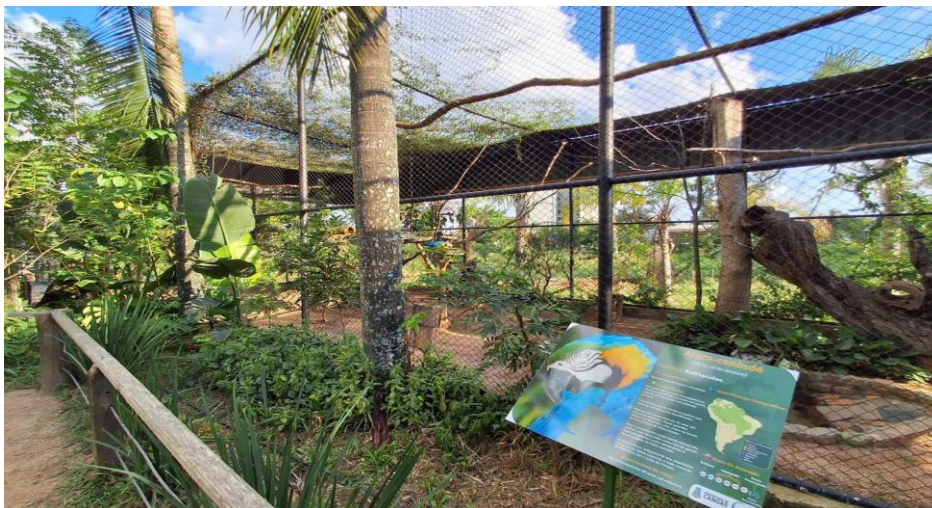
por suportes materiais e simbólicos que garantem a permanência de determinados sentidos no tempo.

Figura 6 – Recintos primatas, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 7 – Recinto das *Ara ararauna* e *Ara macao*, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor

Figura 8 – Recinto *Ramphatos dicolorus*, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 9 – Recinto *Mazama gouazoubira*, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 10 – Recinto *Trachemys dorbigni*, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As Figuras 6 a 10, que apresentam os recintos destinados a diferentes espécies silvestres, evidenciam visualmente, a forma como a sociedade urbana contemporânea

organiza e legitima práticas de cuidado com a fauna. Esses recintos funcionam como marcos materiais de uma memória ambiental institucional, na qual se inscrevem narrativas sobre preservação, perda de habitat e intervenção humana.

Ao mesmo tempo em que delimitam fisicamente o espaço dos animais, essas imagens revelam uma memória marcada por tensões, conforme apontado por autores da memória ambiental, ao evidenciarem que a conservação da biodiversidade, em contextos urbanos, ocorre frequentemente sob condições de contenção e mediação institucional. Assim, os recintos tornam-se espaços simbólicos onde se expressa a ambivalência entre proteção e confinamento, característica das relações contemporâneas entre sociedade e natureza.

Figura 11 – Sala de tratamento dos filhotes, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 12 – Sala de Nutrição, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 13 – Escritório dos biólogos e veterinários, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Figura 14 – Entrada para o setor extra, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As Figuras 11 a 17 deslocam o olhar do visitante do espaço público para os bastidores do MiniZoo, revelando ambientes técnicos e administrativos que sustentam o funcionamento da instituição. Esses registros visuais dialogam diretamente com Halbwachs (2006), ao evidenciar que a memória coletiva não se constitui apenas a partir de eventos visíveis, mas também de práticas cotidianas compartilhadas por grupos específicos.

A sala de tratamento dos filhotes, a sala de nutrição, o escritório dos biólogos e veterinários e o acesso ao setor extra acionam uma memória do trabalho técnico e científico, frequentemente invisibilizada nos discursos públicos sobre zoológicos. Ao tornar esses espaços visíveis, o ensaio visual contribui para a construção de uma memória social que reconhece o MiniZoo como lugar de produção de saberes, práticas profissionais e responsabilidade institucional.

Figura 15 – Ação de educação ambiental, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo do Minizoo.

A Figura 15, que registra uma ação de educação ambiental, evidencia o MiniZoo como espaço privilegiado de transmissão de memórias ambientais, especialmente no campo da educação ambiental não formal. Conforme argumenta Loureiro (2007), a educação ambiental constitui-se como prática social que envolve valores, percepções e modos de compreender a relação sociedade–natureza.

Visualmente, a imagem revela processos de mediação simbólica, nos quais saberes técnicos, experiências sensíveis e narrativas institucionais são compartilhados com o público. Nesse sentido, a ação educativa registrada pode ser compreendida como uma prática memorial, na medida em que contribui para a formação de lembranças, afetos e significados associados à fauna silvestre e à preservação ambiental.

Figura 16 – Ambulatório, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo do Minizoo.

Figura 17 – Sala de ambulatório, Minizoo Canoas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

As Figuras 16 e 17, que apresentam o ambulatório e a sala de ambulatório, encerram o ensaio visual reforçando a dimensão ética e institucional do MiniZoo. Esses espaços simbolizam a materialização de políticas públicas ambientais e de práticas de cuidado, funcionando como suportes de uma memória social associada à responsabilidade coletiva frente à fauna silvestre.

No campo da Memória Social, tais imagens contribuem para consolidar uma narrativa que associa o MiniZoo à ideia de acolhimento, proteção e intervenção humana responsável, especialmente em contextos de intensificação dos impactos urbanos e das crises ambientais, como apontam os estudos contemporâneos sobre memória ambiental. No Quadro 3, trago uma articulação entre o ensaio visual e pressupostos do campo de estudos em memória social

De forma articulada, as Figuras 5 a 17 constroem uma narrativa visual que posiciona o MiniZoo de Canoas como um lugar de memória ambiental urbana, no qual se entrecruzam práticas de preservação, educação, trabalho técnico e vivência

cotidiana. As imagens evidenciam que a memória ambiental não se constitui apenas por meio de registros escritos, mas também por suportes visuais que organizam sentidos, afetos e narrativas sobre a relação entre cidade e natureza.

Quadro 3 – Articulação entre o ensaio visual e o referencial teórico da Memória Social

Eixo do ensaio visual	Figuras	Categoria analítica	Autor(es) de referência	Contribuição teórica para a leitura das imagens
MiniZoo como espaço urbano de convivência	Figura 5	Lugar de memória ambiental urbana	Pierre Nora (2012)	O MiniZoo é compreendido como <i>lugar de memória</i> , no qual práticas sociais recorrentes (lazer, visitação, educação) cristalizam sentidos compartilhados sobre natureza e cidade.
Espaço urbano e memória coletiva	5 e 9	Memória coletiva em contexto urbano	Maurice Halbwachs	As imagens são lidas como parte dos <i>quadros sociais da memória</i> , pois o espaço urbano organiza a forma como o grupo social percebe e lembra a fauna silvestre.
Recintos e exposição da fauna silvestre	Figuras 6 a 10	Materialização da memória ambiental	Jan Assmann (2011)	Os recintos funcionam como suportes materiais da memória cultural, estabilizando narrativas institucionais sobre preservação, cuidado e biodiversidade.
Confinamento	Figuras 11, 14, 16 e 17	Tensão preservação–confinamento	Autores da memória ambiental	As imagens evidenciam a ambivalência entre proteção e limitação da

				liberdade animal, característica das relações contemporâneas entre sociedade e natureza.
Bastidores técnicos e institucionais	Figuras 11 a 14; 16 e 17	Dimensões institucionais e éticas	Autores da memória ambiental	Materialização de políticas públicas ambientais.

Fonte: Produzido pelo autor (2026).

Ao tratar o MiniZoo como lugar de memória, apoio-me em Pierre Nora (2012), o qual indica que os lugares surgem em função de que os meios de memória desaparecem. Ao crescer e urbanizar-se, Canoas verticalizou-se e acelerou o desaparecimento de habitats nativos, gerando um fenômeno conhecido como extinção local. Anfíbios, aves pequenos mamíferos terrestres entre outros, passaram a perambular pela cidade, surgindo o fenômeno da fauna sinantrópica forçada. Isto afeta, também, o cotidiano dos moradores, pois a memória da fauna nativa se esvai.

A criação de um minizoo focado na triagem, reabilitação e soltura monitorada constituiu-se como possibilidade de mitigar os efeitos da urbanização. Assim, foi criado em 2005, no Município de Canoas, o MiniZoo, tornando-se “[...] referência na região quanto à recuperação de espécies da fauna silvestre nativa, educação ambiental e lazer para a comunidade. Além disso, é um local de moradia e passagem para muitos animais silvestres” (Prefeitura Municipal de Canoas, 07/12/2021).

Como lugar de memória, de acordo com Nora (2012), o MiniZoo apresenta três dimensões simultâneas: materialmente é um espaço físico delimitado; garante a continuidade de práticas sociais; tem valor simbólico/afetivo para a comunidade de Canoas e da Região Metropolitana de Porto Alegre, rememorando o vivido pelos moradores e fortalecendo vínculos identitários. Há construção de memória afetiva, implicando, também, em determinados rituais repetidos: visitas de escolares, passeios com familiares, lembranças de avós e seus relatos sobre a fauna da região, entre outros. Como aponta Nora: "Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações [...] porque essas operações não são naturais" (Nora, 2012, p. 13). Trata-se da memória da fauna refugiada no MiniZoo.

Assim, o ensaio visual dialoga diretamente com os pressupostos da Memória Social ao compreender o MiniZoo como lugar de memória e espaço de produção e

transmissão de sentidos sobre a fauna silvestre, contribuindo para a construção de uma memória coletiva que articula natureza, cultura e responsabilidade social.

Na sequência, discuto o resultado de entrevista realizada com a bióloga responsável pelo MiniZoo de Canoas, Flaviana Renata Galtier Goulart.

4.2 O MINIZOO DE CANOAS ENTRE CONSERVAÇÃO, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A entrevista realizada com a bióloga responsável pelo núcleo de educação ambiental do MiniZoo de Canoas constitui um dos principais instrumentos empíricos desta pesquisa, permitindo acessar, a partir de um olhar técnico e institucional, aspectos centrais do funcionamento cotidiano do espaço, de suas práticas educativas e de sua atuação enquanto Centro de Triagem de Animais Silvestres (CETAS).

Embora estruturada a partir de um roteiro previamente definido, a entrevista foi composta por perguntas abertas, o que possibilitou à entrevistada desenvolver suas respostas de maneira aprofundada, articulando dimensões técnicas, pedagógicas e institucionais. Tal escolha metodológica revelou-se adequada aos objetivos da pesquisa, pois permitiu combinar padronização analítica com densidade interpretativa, característica fundamental das abordagens qualitativas.

A posição ocupada pela entrevistada no interior da instituição confere às suas respostas um caráter privilegiado, não no sentido de verdade absoluta, mas como expressão de uma memória institucional e profissional, construída a partir da experiência cotidiana no manejo da fauna, na mediação com o público e na articulação com políticas públicas ambientais.

Um dos eixos centrais que emergem da entrevista refere-se à caracterização do MiniZoo de Canoas como um espaço que extrapola a noção tradicional de zoológico. Conforme indicado ao longo da fala da entrevistada, o MiniZoo opera, na prática, como um Centro de Triagem de Animais Silvestres, recebendo animais oriundos de resgates, apreensões e entregas voluntárias, muitos deles provenientes do próprio contexto urbano.

Essa condição tensiona o imaginário social associado ao termo “zoológico”, frequentemente vinculado à exposição de animais para fins recreativos. A entrevista evidencia que a maior parte dos animais acolhidos pelo MiniZoo chega ao local em situações de vulnerabilidade, como atropelamentos, ataques por animais domésticos, tráfico ou perda de habitat decorrente da expansão urbana.

Nesse sentido, o discurso da entrevistada reforça a compreensão do MiniZoo como um espaço de cuidado e intervenção, cuja função principal é a triagem, o tratamento e, sempre que possível, a reintrodução dos animais ao ambiente natural. A exposição ao público, quando ocorre, aparece como uma consequência secundária, relacionada sobretudo à permanência de indivíduos que não possuem condições de retorno à vida livre.

Outro eixo estruturante da entrevista diz respeito às práticas de educação ambiental desenvolvidas no MiniZoo. A partir da fala da entrevistada, observa-se que a educação ambiental não se restringe a projetos pontuais ou eventos específicos, mas se configura como uma dimensão transversal do cotidiano institucional.

As ações educativas descritas articulam diferentes estratégias, como visitas mediadas, atendimento a grupos escolares, diálogo com visitantes espontâneos e utilização dos próprios animais como mediadores pedagógicos. Nesse contexto, a educação ambiental assume um caráter eminentemente não formal, ocorrendo fora do ambiente escolar tradicional e baseada na experiência direta com o espaço e com a fauna silvestre.

A entrevista evidencia que a diversidade do público visitante — que inclui crianças, adolescentes, adultos e idosos — exige adaptações constantes nas abordagens educativas. Tal aspecto reforça a ideia de que a educação ambiental no MiniZoo não segue um modelo único, mas se constrói de forma situada, relacional e sensível às características dos sujeitos envolvidos.

Um aspecto recorrente nas respostas da entrevistada refere-se à importância da sensibilização como elemento central das ações educativas. Mais do que transmitir informações técnicas sobre as espécies, o trabalho educativo desenvolvido no MiniZoo busca provocar reflexões sobre a relação entre seres humanos e natureza, estimulando empatia, cuidado e responsabilidade.

A presença de espécies carismáticas, mencionada implicitamente ao longo da entrevista, desempenha um papel relevante nesse processo. A observação direta dos animais, aliada às narrativas sobre suas histórias de resgate e reabilitação, contribui para a construção de vínculos afetivos entre visitantes e fauna silvestre, funcionando como um gatilho para processos de aprendizagem e conscientização ambiental.

Sob a perspectiva da memória ambiental, essas experiências tendem a produzir marcas duradouras, que extrapolam o momento da visita e se incorporam às lembranças e narrativas pessoais dos visitantes sobre o espaço e sobre a natureza.

A entrevista também evidencia que grande parte dos animais recebidos pelo MiniZoo é resultado direto de conflitos socioambientais urbanos. A expansão da malha urbana, a fragmentação de áreas verdes e a ocupação desordenada do território aparecem como fatores estruturantes do aumento de ocorrências envolvendo fauna silvestre.

A partir da fala da entrevistada, o MiniZoo surge como um espaço que materializa as consequências dessas transformações territoriais. Os animais acolhidos tornam-se, assim, indicadores vivos das tensões entre cidade e natureza, revelando os impactos concretos das dinâmicas urbanas sobre a biodiversidade local.

Esse aspecto reforça a pertinência do MiniZoo como objeto de estudo no campo da memória ambiental, uma vez que o espaço concentra narrativas que conectam passado, presente e futuro das relações entre sociedade urbana e fauna silvestre.

Embora a entrevista destaque o compromisso institucional com a preservação e a educação ambiental, também se evidenciam, de forma implícita, os limites estruturais enfrentados pelo MiniZoo. Questões relacionadas a recursos financeiros, infraestrutura, equipe técnica e mudanças administrativas aparecem como elementos que condicionam o funcionamento do espaço.

Esses limites não anulam o caráter educativo e conservacionista do MiniZoo, mas revelam as contradições próprias da gestão pública ambiental em contextos urbanos. A entrevista permite compreender que a atuação do MiniZoo se dá em um campo de tensões, no qual objetivos ambientais, demandas sociais e restrições institucionais coexistem.

Do ponto de vista da memória social, a entrevista estruturada pode ser compreendida como um registro de memória institucional, no qual se condensam saberes técnicos, experiências profissionais e narrativas construídas ao longo do tempo.

A fala da entrevistada não representa apenas uma opinião individual, mas expressa uma forma de ver e interpretar o MiniZoo a partir de um lugar específico dentro da instituição. Nesse sentido, a entrevista contribui para compreender como a própria instituição se percebe, se apresenta e se justifica socialmente.

Essa dimensão memorial é fundamental para a pesquisa, pois permite articular práticas contemporâneas com processos históricos mais amplos de construção do MiniZoo enquanto equipamento público ambiental e educativo.

A análise da entrevista estruturada dialoga diretamente com os objetivos da pesquisa, especialmente no que se refere à compreensão das ações de sensibilização do público visitante, das práticas de educação ambiental e do cotidiano dos profissionais que atuam no MiniZoo.

Ao articular os dados empíricos da entrevista com o referencial teórico mobilizado ao longo da tese, torna-se possível compreender o MiniZoo de Canoas como um espaço híbrido, no qual se entrelaçam conservação da fauna, educação ambiental, memória social e paisagem urbana.

A partir da análise interpretativa da entrevista, o MiniZoo emerge como um espaço de cuidado, educação e produção de memórias ambientais, inserido em um contexto urbano marcado por conflitos socioambientais. A entrevista, longe de encerrar a análise, funciona como um eixo articulador entre os diferentes materiais empíricos da pesquisa, contribuindo para uma compreensão mais complexa e integrada do objeto de estudo.

A existência de pilares institucionais explicitamente definidos — bem-estar dos animais cativos, reabilitação e soltura de animais silvestres, educação ambiental, conservação da biodiversidade e pesquisa — evidencia um deslocamento epistemológico importante na concepção contemporânea dos zoológicos urbanos. A instituição passa a operar não mais prioritariamente como espaço de entretenimento, mas como centro de manejo ecológico e produção de sensibilidades ambientais. Tal perspectiva aproxima-se das discussões de Carlos Frederico Loureiro, para quem a educação ambiental crítica deve compreender as relações ecológicas como inseparáveis das dinâmicas sociais, culturais e urbanas. Nesse sentido, o MiniZoo se apresenta como território pedagógico de reflexão sobre os impactos da urbanização sobre a fauna silvestre e sobre as responsabilidades coletivas diante da crise ambiental contemporânea.

Os números relativos ao recebimento de animais demonstram crescimento expressivo da demanda institucional. Entre 2018 e 2025, o número de animais recebidos passou de 447 para 3.549 indivíduos anuais, indicando não apenas ampliação da capacidade operacional do zoológico, mas sobretudo o agravamento das relações de conflito entre fauna silvestre e expansão urbana. A informação de que cerca de 68% dos animais recebidos são oriundos de Canoas e 32% provenientes de mais de 25 municípios evidencia que o MiniZoo ultrapassa os limites administrativos da cidade, consolidando-se como referência regional em atendimento à fauna silvestre.

Esses dados permitem interpretar o zoológico como espaço de materialização das transformações ambientais urbanas. Sob a perspectiva de Maurice Halbwachs, a memória coletiva constitui-se a partir dos quadros sociais que organizam as experiências compartilhadas de uma comunidade. Nesse caso, os animais resgatados tornam-se vestígios materiais das metamorfoses urbanas da Região Metropolitana de Porto Alegre. Atropelamentos, órfãos, choques elétricos e conflitos urbanos registrados pela instituição revelam não apenas ocorrências biológicas isoladas, mas marcas de um processo coletivo de transformação territorial e ecológica.

Ao analisar o crescimento das solturas — de 144 em 2018 para 817 em 2025 — observa-se o fortalecimento técnico dos protocolos de reabilitação e reintegração à natureza. A entrevista evidencia um modelo de reabilitação individualizado, baseado na recuperação física, comportamental e etológica dos animais. O cuidado em evitar a habituação humana demonstra alinhamento com princípios contemporâneos da medicina da conservação e da biologia do comportamento, nos quais a manutenção dos instintos selvagens constitui elemento central para o sucesso da soltura.

A menção a técnicas especializadas, como implante de penas e cirurgias de alta complexidade, revela a sofisticação técnica alcançada pela equipe do MiniZoo. Esse aspecto reforça a compreensão do zoológico como centro de pesquisa aplicada e inovação em medicina veterinária de fauna silvestre. A existência de estruturas como ambulatório, quarentena, necropsia e biotério confirma a profissionalização institucional ocorrida entre 2018 e 2025.

A organização espacial do “setor extra” apresenta especial relevância analítica. Esse espaço destinado à quarentena, tratamento e adaptação dos animais evidencia a coexistência de diferentes temporalidades e condições biológicas no interior da instituição. O setor funciona como zona liminar entre o resgate, a recuperação e a eventual reinserção ao plantel ou à natureza. Tal dinâmica pode ser compreendida à luz das reflexões de Joël Candau (2011) sobre memória e identidade. Para Candau (2011), os processos de construção identitária dependem da relação entre permanência, adaptação e experiência compartilhada. Analogamente, o zoológico constrói uma memória institucional baseada nas trajetórias dos animais resgatados, tratados e reabilitados, transformando histórias individuais de sobrevivência em narrativas coletivas de conservação ambiental.

Outro aspecto central da entrevista refere-se às ações de educação ambiental. Os números apresentados revelam significativo alcance social das atividades promovidas pelo MiniZoo. Em 2025, por exemplo, mais de 13 mil pessoas participaram

de visitas guiadas, palestras, minicursos e atendimentos comunitários. A manutenção dessas atividades mesmo em contextos críticos — como o período das enchentes de 2024 — demonstra a centralidade da educação ambiental na identidade institucional do zoológico.

Sob a perspectiva de Isabel Cristina de Moura Carvalho (2025), a educação ambiental deve ser entendida como formação de sujeitos ecológicos, capazes de interpretar criticamente as relações entre sociedade, natureza e cultura. Nesse sentido, o MiniZoo opera como espaço formativo no qual experiências concretas de contato com a fauna silvestre possibilitam a construção de sensibilidades ecológicas e pertencimento ambiental. A aproximação entre público e animais transforma-se em mediação pedagógica voltada à problematização dos impactos da urbanização e à valorização da biodiversidade regional.

As práticas de enriquecimento ambiental descritas na entrevista reforçam essa dimensão pedagógica e ética. O enriquecimento ambiental contemporâneo é compreendido não apenas como técnica de entretenimento animal, mas como estratégia essencial de promoção do bem-estar físico e psicológico em cativeiro. Autores como David Shepherdson, Gail Laule e Terry Maple (1998, 1998, 2013) demonstraram que ambientes enriquecidos reduzem comportamentos estereotipados, ampliam repertórios naturais e favorecem maior estabilidade fisiológica dos animais mantidos em zoológicos.

A entrevista revela que o enriquecimento ambiental no MiniZoo é realizado de forma aleatória e contínua, respeitando princípios fundamentais indicados por Shepherdson (1998), Mellen & MacPhee (2001) e Hosey, Melfi & Pankhurst (2013), segundo os quais a previsibilidade excessiva pode reduzir a eficácia dos estímulos ambientais. A introdução de enriquecimentos temáticos em datas comemorativas demonstra tentativa de integrar bem-estar animal e educação ambiental, aproximando o público das necessidades comportamentais das espécies mantidas em cativeiro.

Os estudos de Mason (2006), Meehan & Mench (2007) e Young (2003) enfatizam que o enriquecimento ambiental atua diretamente na redução do estresse crônico e na promoção de comportamentos naturais. No caso do MiniZoo, as ações descritas sugerem uma compreensão contemporânea do manejo animal, baseada na ideia de que o bem-estar não depende apenas de alimentação e cuidados veterinários, mas também da estimulação cognitiva, sensorial e comportamental dos indivíduos.

A referência ao aumento sazonal do recebimento de animais durante primavera e verão revela outro elemento importante: a influência dos ciclos reprodutivos e das dinâmicas ecológicas urbanas sobre o funcionamento institucional. O dado de que aproximadamente 100 animais foram recebidos em um único dia no ano de 2025 evidencia a magnitude da pressão exercida sobre a fauna silvestre urbana. Tal cenário reforça as análises de Marcos Reigota (2009), para quem os problemas ambientais contemporâneos precisam ser compreendidos como fenômenos culturais, políticos e sociais, e não apenas ecológicos.

O atendimento comunitário relacionado à retirada de enxames, resgates de fauna e manejo de conflitos urbanos demonstra que o MiniZoo atua também como serviço público ambiental. Nesse aspecto, a instituição torna-se mediadora das relações entre população urbana e biodiversidade, desempenhando função educativa, preventiva e assistencial simultaneamente.

A composição da equipe técnica — formada por biólogos, veterinários, tratadores e auxiliares — associada à presença crescente de estagiários provenientes de mais de 25 universidades parceiras, evidencia o papel do MiniZoo como espaço de formação acadêmica e produção de conhecimento interdisciplinar. O zoológico transforma-se, assim, em campo de aprendizagem prática para estudantes das áreas de Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e Zootecnia, fortalecendo redes de pesquisa e extensão universitária.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A entrevista realizada com a equipe técnica do Zoológico Municipal de Canoas revela a consolidação do espaço como uma instituição multifuncional, cuja atuação extrapola a lógica tradicional de exposição animal para assumir dimensões ligadas à conservação da biodiversidade, reabilitação da fauna silvestre, educação ambiental, pesquisa científica e atendimento comunitário. Os dados apresentados permitem compreender o MiniZoo como um equipamento ambiental urbano que articula práticas técnico-científicas, processos educativos e construção de memória socioambiental no contexto da cidade de Canoas.

Observei que as estratégias utilizadas são, em sua maioria, de sensibilização junto aos visitantes, baseando-se em visitas mediadas, ações temáticas e no uso de "espécies carismáticas" como gatilhos de empatia e conscientização. Os projetos de educação ambiental (EA), embora atendam a um público diversificado de escolares a visitantes, apresentam-se majoritariamente sob uma perspectiva conservacionista. Apesar de sua relevância prática, notei que o discurso institucional ainda carece de uma abordagem mais alinhada à Educação Ambiental Crítica, que problematize as causas estruturais da degradação ambiental e da expansão urbana desenfreada.

Quanto ao cotidiano técnico, a pesquisa revelou uma sofisticação crescente nos protocolos de reabilitação. O aumento expressivo no recebimento de animais indo de 447 em 2018, para mais de 3.500 em 2025, evidencia a pressão constante da urbanização sobre a biodiversidade local. A triagem e o tratamento individualizado, que incluem procedimentos complexos como implantes de penas e cirurgias, culminaram em um aumento significativo das solturas (817 em 2025), validando a hipótese do MiniZoo como agente ativo na preservação da fauna nativa.

Do ponto de vista do campo de estudos em memória social, a própria trajetória institucional do MiniZoo pode ser compreendida como patrimônio ambiental da cidade. As reformas estruturais realizadas entre 2018 e 2025 — incluindo novos recintos, ambulatório, quarentena e necropsia — não representam apenas melhorias físicas, mas materializam processos históricos de transformação das políticas ambientais urbanas. Posso afirmar, conforme Halbwachs, que os espaços urbanos funcionam como suportes da memória coletiva. Neste sentido, concluo que o MiniZoo se constitui como um espaço da memória ecológica de Canoas, no qual práticas de cuidado,

conservação e educação ambiental tornam-se experiências compartilhadas pela comunidade.

O Zoológico Municipal de Canoas ocupa posição singular no cenário dos zoológicos urbanos brasileiros. Sua atuação integra dimensões científicas, ecológicas, educativas e socioculturais, configurando-se como espaço de mediação entre cidade e natureza. Mais do que local de exposição animal, o MiniZoo emerge como instituição de conservação aplicada, formação ambiental crítica e produção de memória socioambiental coletiva.

Também, opera como espaço formativo no qual experiências concretas de contato com a fauna silvestre possibilitam a construção de sensibilidades ecológicas e pertencimento ambiental. A aproximação entre público e animais transforma-se em mediação pedagógica voltada à problematização dos impactos da urbanização e à valorização da biodiversidade regional.

Na entrevista, percebi as práticas de enriquecimento ambiental, reforçando uma dimensão pedagógica e ética, apresentando estratégia essencial de promoção do bem-estar físico e psicológico em cativeiro, reforçam essa dimensão pedagógica e ética. O enriquecimento ambiental contemporâneo é compreendido não apenas como técnica de entretenimento animal, mas como estratégia essencial de promoção do bem-estar físico e psicológico em cativeiro. Como exemplo foi possível entender que a introdução de enriquecimentos temáticos em datas comemorativas demonstra tentativa de integrar bem-estar animal e educação ambiental, aproximando o público das necessidades comportamentais das espécies mantidas em cativeiro.

No caso do MiniZoo, as ações descritas sugerem uma compreensão contemporânea do manejo animal, baseada na ideia de que o bem-estar não depende apenas de alimentação e cuidados veterinários, mas também da estimulação cognitiva, sensorial e comportamental dos indivíduos.

O atendimento comunitário relacionado à retirada de enxames, resgates de fauna e manejo de conflitos urbanos demonstra que o MiniZoo atua também como serviço público ambiental. Nesse aspecto, a instituição torna-se mediadora das relações entre população urbana e biodiversidade, desempenhando função educativa, preventiva e assistencial simultaneamente.

A composição da equipe técnica — formada por biólogos, veterinários, tratadores e auxiliares — associada à presença crescente de estagiários provenientes de mais de 25 universidades parceiras, evidencia o papel do MiniZoo como espaço

de formação acadêmica e produção de conhecimento interdisciplinar. O zoológico transforma-se, assim, em campo de aprendizagem prática para estudantes das áreas de Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e Zootecnia, fortalecendo redes de pesquisa e extensão universitária.

O levantamento de mídias demonstra que a imprensa da região metropolitana de Porto Alegre posiciona o MiniZoo como uma referência técnica positiva, focando em sua maioria em resgates, tratamento e solturas bem sucedidas. Essas matérias funcionam como vestígios documentais que legitimam a atuação do espaço e alimentam a construção de uma memória ambiental urbana. O ensaio visual auxilia a corroborar essa percepção, registrando o local como um “lugar de construção de memória”, onde a tensão entre o confinamento e a proteção materializa as contradições da nossa relação atuais com a natureza.

É possível afirmar, portanto, que o Zoológico Municipal de Canoas ocupa posição singular no cenário dos zoológicos urbanos brasileiros. Sua atuação integra dimensões científicas, ecológicas, educativas e socioculturais, configurando-se como espaço de mediação entre cidade e natureza. Mais do que local de exposição animal, o MiniZoo emerge como instituição de conservação aplicada, formação ambiental crítica e produção de memória socioambiental coletiva, lembrando a sociedade que a fauna silvestre é parte integrante da paisagem e da identidade da cidade.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Elenice Barbosa; SANTOS, Solange Xavier dos. Da Evolução dos Zoológicos ao Zoológico de Goiânia como Espaço não Formal de Aprendizagem. **Recima21** - Revista Científica Multidisciplinar - Issn 2675-6218, [S.L.], v. 2, n. 10, p. 21, 19 nov. 2021.

ALEXANDRINO, J. A. M. 2011. O conceito de bem cultural. In: GOMES, Carla Amado; RAMOS, José Luís Bonifácio. **Direito da Cultura e do Património Cultural**. Lisboa: AAFDL, p. 223 - 244.

ALVES, L. I. F; SILVA, M. M. P. VASCONCELOS, K. J. C. Estudo da discrepância existente entre a percepção ambiental da população de Juazeirinho-PB e as leis naturais. In: **Anais**. 54 a Reunião Anual da SBPC. Goiana - GO, 2002.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA do Estado do Rio Grande do Sul. **Lei nº 11.026, de 05 de novembro de 1997**. Disponível em: https://www.al.rs.gov.br/legis/M010/M0100099.ASP?Hid_Tipo=TEXT0&Hid_IDNorma=7544#:~:text=%22Art.%2033%20-%20Fica%20proibido%2C%20em%20todo%20o,de%20algarrobo%20%28prosopis%20nigra%29%20e%20inhanduv%C3%A1%20%28prosopis%20affinis%29. Acesso em: 06 jun. 2024.

ASSMANN, Jan. **Cultural Memory and Early Civilization: Writing, Remembrance, and Political Imagination**. Cambridge: Cambridge University Press, 2011 [1992].

BANKS, Marcus. **Dados visuais para pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Penso, 2009.

BARONGI, R. et al. (EDS.). **Committing to conservation: The World Zoo and Aquarium Conservation Strategy**. WAZA Executive Office, 2015.

BARTHES, R. A Câmera Clara: nota sobre a fotografia. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BRASIL. **Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999**. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. 1999. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9795.htm. Acesso em: 06 jun. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Medida Provisória nº 366, de 26 de abril de 2007**. Dispõe sobre a criação do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade - Instituto Chico Mendes, e dá outras providências. Brasília, DF: DOU, 27.4.2007.

BRASIL. **[Constituição (1988)] Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. – Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2016.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo pelos zoológicos do Brasil**. 2017. Disponível em: <https://www.gov.br/turismo/pt-br/assuntos/noticias/turismo-pelos-zoologicos-do-brasil#:~:text=Al%C3%A9m%20de%20ser%20um%20local,para%20a%20melhoria%20dos%20ecossistemas>. Acesso em: 19 mar. 2023.

BRASIL. **Decreto 478/1984**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/c/canoas/decreto/1984/48/478/decreto-n-478-1984-declara-de-utilidade-publica-para-fins-de-preservacao-do-ambiente-natural-a-ascapan-associacaocanoense-de-protecao-ao-ambiente-natural>. Acesso em 20 ago. 2018.

BRASIL. **Instrução Normativa IBAMA nº 5 de 13 de maio de 2021**. Dispõe sobre as diretrizes, prazos e os procedimentos para a operacionalização dos Centros de Triagem de Animais Silvestres (CETAS) do Ibama. Brasília, DF.

BRAVERMAN, I. Looking at Zoo. **Cultural Studies**. V. 26. n.6. p. 809-842. 2011.

BROMM, D. M. Indicators of poor welfare. **British Veterinary Journal**, London, v. 142, n. 6, p. 524-526, Nov/Dec, 1986.

BROOM, D. M. Animal welfare: Concepts and Measurement. **Journal of Animal Science**, v. 69, n. 10, p. 4167–4175, 1 out. 1991.

CÂMARA MUNICIPAL DE CANOAS. **Lei nº 4777 de 29 de agosto de 2003**. Jusbrasil. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/legislacao/319672/lei-4777-03>. Acesso em: 29 set. 2024.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas**., ciência para uma vida sustentável. São Paulo: Cultrix, 2005.

CARVALHO, I. C. M. *Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2025.

COSTA, G. O. **Situação Atual dos Recintos do Parque Zoológico Sargento Prata**. Fortaleza-CE. Monografia. Universidade Estadual do Ceará. 2003.

COSTA, G. de O. Educação Ambiental - Experiências Dos Zoológicos Brasileiros. **REMEA** - Revista Eletrônica Do Mestrado Em Educação Ambiental, 13. 2012.

CRUMLEY, C. L. **Historical Ecology**: cultural knowledge and changing landscape. Santa Fé, School of American Research Press, 1993.

DAVEY, G. Relationships between exhibit naturalismo, animal visibility and visitor interest in a Chinese Zoo. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 96, n. 1-2, p.93-102, 2006.

DIAS, J. L. C. **Zoológicos e a pesquisa científica**. Biológico, São Paulo, p. 127-128, 2003.

DIAS, G. F. **Educação ambiental** – princípios e práticas. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2010.

- ESTEVAM, F. H. C.; PESTANA, G. S.; LEAL, T. R. **Ambientalistas**: uma perspectiva histórica. UFPE. Recife, 2008.
- FA, J. E.; FUNK, S. M.; O'CONNELL, D. **Zoo Conservation Biology**. Cambridge, UK: Cambridge University Press. 2011.
- FALK, J. H.; DIERKING, L. D. **Lessons without limit**: how free-choice learning is transforming education. Walnut Creek, CA: AltaMira Press, 2002.
- FARM ANIMAL WELFARE COUNCIL - FAWC. **Annual review 2009-2010**. London, 2010. Disponível em: <http://www.fawc.org.uk/pdf/annualreview09-10.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites. **Contra Pontos**, Itajaí, v. 19, n. 1, p. 170-184, jan. 2019.
- FERNANDEZ, E. J. et al. Animal-visitor interactions in the modern zoo: Conflicts and interventions. **Applied Animal Behavior Science**, v. 120, n. 1-2. P. 1-8. 2009.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.
- FRAGOSO, T. S. **Ameaça à vida silvestre**: levantamento de avifauna recebida pelo CETAS – Florianópolis, Santa Catarina (2019-2021). 2022. 53 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Biológicas, Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.
- GEOCANOAS, 2023. **ArcGIS Web Application**. Disponível em: <<https://geo.canoas.rs.gov.br/portal/apps/webappviewer/index.html?id=170612f515564cbb9a802ae77f6c1c8b>>. Acesso em: 10 out. 2023.
- GARCIA, M. O.; RODRIGUES, P. E. L.; EMMENDOERFER, M. L.; GAVA, R.; SILVEIRA, S. F. R. Usos da Pesquisa Documental em Estudos sobre Administração Pública no Brasil. **Dialnet**: Teoria e Prática em Administração, Espanha, v. 6, n. 1, p. 40-68, mar. 2016.
- GIANNINI, M. S. **Le basi costituzionali della proprietà privata**. Ora in ID., Scritti, VI, cit., 185 ss., 225 s, 1971.
- GOOGLE MAPS. **Parque Getúlio Vargas, Canoas**. 2024. Disponível em: https://www.google.com.br/maps/@-29.9147035,-51.1706728,593m/data=!3m1!1e3?entry=ttu&g_ep=EgoyMDI0MDkyNC4wIjKXMDSOASAFQAw%3D%3D. Acesso em: 26 set. 2024.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HOSEY, G., MELFI, V., & PANKHURST, S. **Zoo Animals: Behaviour, Management, and Welfare**. Oxford University Press, 2006
- IBAMA, 2008. Disponível em: <<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=113878>>. Acesso em: 10 out. 2023.

IBAMA, 2016. Disponível em: <<https://www.ibama.gov.br/component/legislacao/?view=legislacao&legislacao=136426>>. Acesso em: 10 out. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2010 **Canoas (RS) | Cidades e Estados | IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/canoas.html>>. Acesso em: jun. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. 2021 **Canoas (RS) | Cidades e Estados | IBGE**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/canoas.html>>. Acesso em: jun. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO e Artístico Nacional (IPHAN). **Paisagem Cultural**. Ministério da Cultura, 2014.

JACOBI, P. Movimento ambientalista no Brasil. Representação social e complexidade da articulação de práticas coletivas. In: Ribeiro, W. (org.). **Patrimônio Ambiental**. EDUSP. São Paulo: 2003.

JUNQUEIRA, E. S. G. **Os "Movimentos Ambientistas" na Pesquisa em Educação Ambiental**. 2016. 120 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Educação, Informação e Comunicação, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2016.

KÖPPEN, W. **Das geographischa System der Klimate**. Gebr, Borntraeger, p. 1-44, 1936.

KRIPKA, R. M. L.; SCHELLER, M.; BONOTTO, D. L. La investigación documental sobre la investigación cualitativa: conceptos y caracterización. **Revista de Investigaciones Unad**, [S.L.], v. 14, n. 2, p. 55, 24 nov. 2015. Universidad Nacional Abierta y a Distancia.

LAULE, Gail; DESMOND, Tim. Positive reinforcement training as an enrichment strategy. 1998. Disponível em <https://activeenvironments.net/wp-content/uploads/2023/08/Training-as-Enichment.pdf> Acesso em mai. 2026.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica**. São Paulo: Cortez, 2003.

LOUREIRO, C. F. B. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

LOUREIRO, C. F. B.; SAISSE, M. Educação ambiental na gestão ambiental pública brasileira: uma análise da SEMA ao ICMBio. **R. Educ. Públ.**, Cuiabá, v. 52, n. 23, p. 105-129, jan. 2014.

LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008.

MARKOWITZ, H. **Behavioral Enrichment in the Zoo**. [s.l.] Van Nostrand Reinhold Company, 1982.

MARTINS, J.; BICUDO, M. A. V. **A pesquisa qualitativa em Psicologia: fundamentos e recursos básicos**. São Paulo. EDUC / Moraes, 1989.

MASON, G. **Stereotypic animal behaviour : fundamentals and applications to welfare**. Wallingford, Uk ; Cambridge, Ma: Cabi Pub, 2006.

MAPLE, T. L., & PERDUE, B. M. **Zoo Animal Welfare**. Springer Science & Business Media, 2013.

MEEHAN, C. L.; MENCH, J. A. The challenge of challenge: Can problem solving opportunities enhance animal welfare? **Applied Animal Behaviour Science**, v. 102, n. 3-4, p. 246–261, fev. 2007.

MELLEN, J.; SEVENICH MACPHEE, M. Philosophy of environmental enrichment: Past, present, and future. **Zoo Biology**, v. 20, n. 3, p. 211–226, 2001.

MERGULHÃO, M. C. Zoológico: uma sala e aula viva. In: PADUA, S. M.; TABANEZ, M. F. **Educação Ambiental: Caminhos Trilhados no Brasil**. Brasília, 193-200, 1997.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DESPORTO (MEC). **Carta Brasileira de educação ambiental**, 1992.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE e Mudanças do Clima. **Biodiversidade e Biomas**. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br/assuntos/biodiversidade-e-biomas#:~:text=Essa%20abundante%20variedade%20de%20vida%20abriga%20mais%20de,representam%20sua%20conserva%C3%A7%C3%A3o%2C%20uso%20sustent%C3%A1vel%20e%20patrim%C3%B4nio%20gen%C3%A9tico>. Acesso em: 27 set. 2024.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

MOSS, A.; et al. Measuring the impact of in-school zoo education programme. **Journal of zoo and aquarium research**, v. 5, n. 1, p. 33-37, 2017.

NEWBERRY, R. C. Environmental enrichment: Increasing the Biological Relevance of Captive Environments. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 44, n. 2-4, p. 229–243, set. 1995.

NICKNICH, D. **O meio urbano e os impactos sobre a fauna silvestre: estudo retrospectivo da fauna recebida no zoológico municipal de Canoas - RS**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Medicina Veterinária) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200529> Acesso em 20 mai 2025.

NOGUEIRA-MARTINS, M. C. F; BÓGUS, C. M. Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 3, n. 13, p. 44-57, 2004. Disponível em

<https://www.scielo.br/j/sausoc/a/RVqT6nk8tM8q3rLf5FSfGKN/abstract/?lang=pt>
Acesso em 24 mai 2025.

NORA, P., & Aun Khoury, T. Y. (2012). ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: A PROBLEMÁTICA DOS LUGARES. *Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*, 10. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>

NUNES, M. F.; ROCHA, A. C.; FIGUEIREDO, J. A. S. Memória do trabalho e memória ambiental: as indústrias de curtume do vale do rio dos sinos/rs | labor memory and environmental memory. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 21, n. 1, p. 173-24, 2019.

PARQUE DAS AVES. **Educação ambiental em espaços não formais**. 2018. Disponível em: <https://www.parquedasaves.com.br/blog/educacao-ambiental-em-espacos-nao-formais/>. Acessado em: 02 out. 2023.

PEDRINI, A. D.; PEDRINI, T. C. da S. R. A educação ambiental e a Constituição Federal de 1988: ensaio crítico. II Encontro de Educação Ambiental do Estado do Rio de Janeiro, **Anais**, UFRJ, p.12, 1991. Disponível em https://www.pucrs.br/direito/wp-content/uploads/sites/11/2018/03/catarina_deggeroni_20172.pdf Acesso em 19 abr 2023.

PEDRINI, A. D. **Educação Ambiental**: Reflexões e práticas contemporâneas. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

PEREIRA, E. M. Movimentos ambientalistas no Rio Grande Do Sul (décadas 1970-80). **Oficina do Historiador**, [S.L.], v. 11, n. 1, p. 21, 29 jul. 2018. EDIPUCRS.

PINK, Sarah. **Doing visual ethnography**. London: Sage, 2013.

PIRES, L. A. S. A História Dos Zoológicos. **Revista Coletiva**. Brasil, abr/maio/jun 2011. Número 4. Disponível em: http://www.coletiva.org/site/index.php?option=com_k2&view=item&layout=item&id=27&Itemid=76&idrev=7. Acesso em: 06 jun. 2024.

PRADO, C. C; TEOTONIO, W. S. Uso de metodologia ativa no ensino do comportamento animal, no curso de psicologia. **Revista Thema**, [S.L.], v. 17, n. 1, p. 35-44, 29 abr. 2020. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CANOAS. Zoológico Municipal de Canoas reabre ao público renovado, ampliado e com mais conforto para os animais. 07/05/2021. Disponível em <https://www.canoas.rs.gov.br/noticias/zoologico-municipal-de-canoas-reabre-ao-publico-renovado-ampliado-e-com-mais-conforto-para-os-animais/> Acesso em 10 mai. 2026.

PRICE, E. O. **Principles and applications of domestic animal behavior: a introductory text**. Wallingford: Cabi, 2002.

PROENÇA, M. C.; MANIQUE, A. P. **Didática da História: patrimônio e história local**. Lisboa: Texto Ed., 1994.

REIGOTA, M. **O que é educação ambiental**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria Estadual de Meio Ambiente. (org.). **Sema registra parte de sua história com galeria de ex-secretários**. 2005. Disponível em: <https://www.sema.rs.gov.br/sema-registra-parte-de-sua-historia-com-galeria-de-ex-secretarios#:~:text=A%20Sema%20foi%20criada%20em,1999%20a%20dezembro%20de%202002>. Acesso em: 02 set. 2023.

RIO GRANDE DO SUL. Vitor Necchi. Secretaria de Meio Ambiente (ed.). **Parque de Itapuã completa 50 anos preservando belezas naturais e patrimônio histórico**. 2023. Disponível em: <https://www.estado.rs.gov.br/parque-de-itapua-completa-50-anos-preservando-belezas-naturais-e-patrimonio-historico#:~:text=O%20parque%20foi%20institu%C3%ADdo%20em,que%20se%20ajustam%20em%20harmonia>. Acesso em: 02 set. 2023.

RODRIGUES, F; SCHULZ, L; TOMIO, D. Educação Ambiental em contextos de Educação Não Formal: uma análise de práticas educativas desenvolvidas no zoológico de Pomerode. **Remea - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.L.], v. 37, n. 4, p. 282-302, 18 dez. 2020.

RODRIGUES, K; SEREIA, D. A. O; HAAS, J. Potencial educativo e importância do zoológico para a conservação da fauna silvestre. **Revista Brasileira de Educação Ambiental (Revbea)**, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 265-282, 1 abr. 2023. Universidade Federal de São Paulo.

SANTOS, A. B. I.; SILVA, A. B. G. V., ESTEVÃO, J. A.; SARTORE, M. O. Distribuição e Panorama dos Centros de Triagem de Animais Silvestres no Brasil. In: CONGRESSO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE, 15., 2018, Poços de Calda. **Anais [...]**. Poços de Caldas: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, 2018. p. 01-05.

SAUVÉ, Lucie. Educação Ambiental: possibilidades e limitações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 317-322, maio/ago. 2005.

SILVA, R, K, A, da. **O zoológico como ferramenta para o aprimoramento do conhecimento de crianças sobre animais**. 2018. 37 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ethnobiologia e Conservação da Natureza, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2018.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.

SHEPHERDSON, D. J.; MELLEN, J. D.; HUTCHINS, M. **Second nature : environmental enrichment for captive animals**. Washington: Smithsonian Institution Press, 1998.

SONTAG, S. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TELLES, M. Q.; ROCHA, M. B.; PEDRO, M. L.; MACHADO, S. M C. **Vivências Integradas com o Meio Ambiente: Práticas de Educação Ambiental para Escolas, Parques, Praças e Zoológicos**. São Paulo: Sá Editora, 2002

VIEGAS, D. H. ; RELLY, Eduardo; GRAEBIN, Cleusa Maria Gomes. Cidade, natureza e urbanização: proposições para uma história ambiental da Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. **História: Questões & Debates**, v. 69, p. 321-348, 2021.

VILELA, D. A. R. **Diagnóstico de situação dos animais silvestres recebidos nos CETAS brasileiros e Chlamydophila psittaci em papagaios (Amazona aestiva) no CETAS de Belo Horizonte, MG**. 2012. 107 f. Tese (Doutorado) - Curso de Escola de Veterinária, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

WAZA. **Building a Future for Wildlife: The World Zoo and Aquarium Conservation Strategy**. 2015.

WELLS, D. L. Sensory stimulation as environmental enrichment for captive animals: A review. **Applied Animal Behaviour Science**, v. 118, n. 1-2, p. 1–11, abr. 2009.

WOLFENSOHN, S.; LLOYD, M. **Handbook of laboratory animal management and welfare**. Oxford, Uk ; Ames, Iowa: Blackwell Pub, 2013.

WORSTER, D. Transformations of the Earth: Toward an Agroecological Perspective. In: **History**. J Am Hist v. 76, n.4, p.1087-1106, 1990.

YOUNG, R. J. **Environmental Enrichment for Captive Animals**. Oxford, UK: Blackwell Science Ltd, 2003.

ZOOLÓGICO MUNICIPAL DE CANOAS. Secretaria de Meio Ambiente. **Orientação sobre a fauna silvestre em meio urbano**. 2017. Disponível em: https://www.canoas.rs.gov.br/wp-content/uploads/2018/05/guia_orientacao_sobre_fauna_silvestre_em_meio_urbano.pdf. Acesso em: 20 set. 2023.

ANEXOS

ANEXO 1 – Matérias jornalísticas sobre o MiniZoo (Acervo do MiniZoo)

15.03.2017
QUARTA-FEIRA, 15.3.2017 - COMUNIDADE - QUARTO DE CANOAS 119

Os órfãos da natureza

No ano passado, o Zoológico de Canoas recebeu quase 300 filhotes para reabilitação

A VIDA EM NOSSA VOLTA

DANIEL BALBINO

As pequenas marmosas-do-pe-vermelho ainda tentam se acostumar ao novo habitat. Os filhotes chegaram há pouco no Zoológico de Canoas, localizado no Parque Municipal Getúlio Vargas, o Capão do Corvo, e ficam em uma gaiola abrigada no espaço destinado a cuidados mais intensivos. Ali, os bichos não são expostos à visitação pois estão em processo de reabilitação. As aves estão no local desde o mês passado e foram encontradas próximo ao parque, no bairro Marechal Rondon. Quando adultas, serão reintegradas à natureza. Se tudo der certo...

Responsável pelo atendimento, o médico veterinário Elisandro Santos lembra que o processo de reabilitação é delicado. Dos 719 animais que

chegaram ao zool em situação de risco ou feridos no ano passado, 53% foram reabilitados. E 39%, devolvidos à natureza após o tratamento veterinário. Do total, 298 eram filhotes e órfãos. Os pais desapareceram ou foram encontrados mortos, vítimas da vida urbana.

É o caso da tamanduá-mirim, que veio para Canoas em maio de 2016. O animal foi encontrado com poucos dias de vida, ainda com o cordão umbilical, agarrado ao corpo da mãe, atropelada em uma estrada de Passo Fundo. Primeiro, a filhote foi levada para a universidade daquele município e depois trazida para cá, onde deverá morar para sempre. "Quando são resgatados ainda muito pequenos e precisam ser alimentados com mamadeira fica difícil reinserir na natureza", explica Elisandro.



TAMANDUÁ-MRIM: animal foi encontrado em Passo Fundo, junto ao corpo da mãe atropelada, ainda com o cordão umbilical

Filhote da espécie de gato-do-mato está no Minizoo

A pequena fêmea tem cerca de dois meses e pesa pouco mais de meio quilo. Conforme o médico veterinário responsável pelo zoológico Eli-



sandro Santos, o filhote foi encontrado na zona rural de Santa Rosa pe-

Atualmente, o Minizoo tem um recinto com gatos-do-mato. Vivem no local oito indivíduos. O gato macarájá é uma espécie ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul.

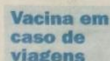
SEGUNDA-FEIRA, 29.1.2018 / COMUNIDADE / DIÁRIO DE CANOAS 17

LEANDRO DOMINGOS

Nenhum animal do Minizoo está infectado. Fato. Isso é só boataria. Os animais passam bem, obrigado. Também não é possível que os animais infectem quem quer que seja porque eles não são transmissores. A febre amarela é transmitida só pelo mosquito. E, por último, não há o que ser acobertado porque não aconteceu nada. Portanto, o Minizoo vai continuar

ar aberto. "Não há sequer um caso de febre amarela registrado no Estado", explica o coordenador do Minizoo, Elisandro Oliveira dos Santos.

de acordo com o veterinário, o animal sofreu um sinal de surto de febre amarela em grandes cidades, o que poderia levar a este tipo de comportamento. A doença foi estranho em regiões do Brasil onde não há o mosquito, a zanzigara, e somente lá. Tudo graças a todas as campanhas de prevenção e vacinação que vêm sendo feitas em áreas urbanas. "O que existe de verdade hoje em dia é a zanzigara que envolve os primatas em regiões da mata", esclarece. "Os macacos são as primeiras vítimas do mosquito. E ao serem infectados, eles morrem, porque seque a uma doença que não tem cura". Mas o importante é ficar claro que nenhuma espécie de primata alastra a doença. Isso quem transmite é o mosquito, reforça.



A Secretaria Municipal da Saúde (SMS) de Canoas avisa que imunização contra febre amarela é indicada para as pessoas com viagem marcada para os estados onde a doença é considerada de risco, especialmente São Paulo, Rio de Janeiro, Bahia e Minas Gerais. A vacina deve ser aplicada dez dias antes do deslocamento. Podem recebê-la crianças a partir de 9 meses de vida. Idosos precisam de autorização médica. Cada Unidade Básica de Saúde (UBS) de Canoas tem uma data específica para aplicação da vacina. O horário é das 8 às 17 horas.

Segunda-feira: Niterói, Matias Velho, São Luís, Igara, Rio Branco e Central Park;

Quarta-feira: Niterói, Harmonia, Santo Operário, Olaria, Fátima 1;

Call for Papers

Quinta-feira: Cerné, Praça América, São Vicente, CAIC, Boa Saúde;

■ **Sexta-feira:** Concoban, União, José Veríssimo, Estância Velha, Pedro Luís, Mato Grande.

Fonte: Secretaria Municipal da Saúde

RECORDE DE ANIMAIS MORTOS

A preocupação do veterinário Eliandro Oliveira dos Santos com os macacos tem fundamento e está refletida em casos recentes de violência registrados no Brasil. Desde o final do ano passado, 13 animais vítimas de brutalidade chegaram no Parque Ecológico de São Paulo, vítimas mortíferas. E a causa não foi a fêmea amarelada. Elas foram apedrejadas. "A morte por serem confundidos com 'agentes' da área", suspeita Eliandro. Hoje, o Ministério de Meio Ambiente tem nove bugges e oitenta macacos-pretos. E todo mundo quer que eles sejam "Estados Unidos". Fazendo um alerta porque temo medo de que façam algo parecido com os animais. E preciso que todos entendam que eles são as maiores vítimas da fêmea amarelada e não ao contrário".

Todos os macacos do Minizoo foram "importados." É que Gravataí, Viamão, Alvorada e Porto Ale-

gro tem bugios; Canoas não. É claro que a bicharada não fica correndo pela rua nas cidades citadas... ou fica? Afinal, o mais ilustre macaco-prego do Mini-zoo é o macho Alvorada. O animal de 20 anos tem esse nome justamente por ter sido encontrado perambulando pelas ruas do município. "Recebemos muitos animais capturados fora de seu habitat natural. E como Canoas não tem macaco, recebemos muitos hóspedes, especialmente nesta época."



SAIBA
MAIS

Quem contagia os macacos com febre amarela são os mosquitos *Haemagogus* e *Sabethes*. Nos centros urbanos, o *Aedes aegypti* pode ser o responsável. Uma pessoa infectada não pode transmitir a doença a outras, assim com um animal também não.

As cobras estão à solta na cidade

Peçonhentos, animais da espécie cruzeira foram encontradas em cinco bairros de Canoas

TAMIRES SOUZA

As cobras estão espalhando medo em diferentes pontos da cidade. Pelo menos cinco, da espécie cruzeira, foram encontradas nos bairros Niterói, Estância Velha, Igara, São José e Mathias Velho, última semana. As serpentes estão principalmente onde há terrenos baldios e sujeira, de acordo com o veterinário do Minizoo, Eliandro dos Santos. "Esta espécie é muito comum na área de vegetação do Município. Elas têm comportamento agressivo e quando se sentem ameaçadas podem atacar", revela o veterinário e observa que, quando é

feita a limpeza de terreno ou nos dias quentes, elas podem se deslocar. Foi o que aconteceu na casa da professora Lisiane da Rosa, 34 anos. A moradora da Rua Ramiro Barcelos, no Parque Ozanan, encontrou duas vezes a cruzeira no seu pátio. "Tenho uma filha de 3 anos e estou grávida. Acabo ficando trancada dentro de casa, nem abro a porta", lamenta a professora, que relaciona a aparição da cobra com um terreno da prefeitura próximo da residência, que está repleto de lixo. "Foi cercado, mas continua com sujeira. Já liguei pedindo limpeza, mas sem retorno", relata.



PARQUE OZANAN: cobra apareceu na Rua Ramiro Barcelos

CORRA PARA O HOSPITAL

No bairro Igara, a cruzeira apareceu no meio da rua, próximo ao Instituto Federal de Educação (IFRS). A cobra é venenosa, pode causar necrose na musculatura, falência renal e até a morte, se não houver tratamento. A bióloga do Centro de Informações Toxicológicas (CIT) do Estado alerta que a pessoa que for picada deve buscar imediatamente o hospital mais próximo. "Mesmo que não tenha o soro antiofídico no local, será

providenciado para paciente ou ele deslocado para o local onde tiver", recomenda Kátia Moura. Ela ainda alerta que nada deve ser colocado no local da picada e nunca amarrar o membro ou cortar a pele. "Pode lavar com água e sabão e elevar a perna ou o braço. A pessoa também deve ligar para o CIT, que dará as primeiras orientações, até o atendimento médico." O atendimento do CIT é feito 24 horas pelo telefone: 0800-721-3000.

ANAKIN FOI VÍTIMA

Nenhuma pessoa ficou ferida nos incidentes, mas o cão Anakin (foto), de Lisiane, foi picado pela serpente. Segundo a professora, ele sobreviveu e na segunda aparição da cruzeira se vingou, matando a cobra.



O veterinário do Minizoo recomenda que quem encontrar a cobra não tente manipulá-la e contate a prefeitura. "Também não se deve matar a cobra, porque é crime ambiental", salienta Santos. A cruzeira podem passar de 1,5 metro e é atraída, principalmente, por

ratos. A orientação, para manter a cobra longe, é limpeza dos terrenos e grama sempre aparada. Se a cobra for encontrada, a recomendação é comunicar o Minizoo pelo telefone 99369-7503.



SAIBA MAIS

A *Bothrops alternatus*, conhecida como urutu-cruzeiro ou cruzeira, tem um dos venenos mais tóxicos entre todas as cobras brasileiras. Uma cobra adulta mede de 1,10 a 1,60 metro. Possui o bote muito rápido, dificultando assim a fuga de sua presa. Na pele, tem a presença de três cores: castanho-escuro, castanho-claro e bege. O castanho-claro é a cor de fundo da pele, possuindo desenhos em castanho-escuro em formato de letra "U".

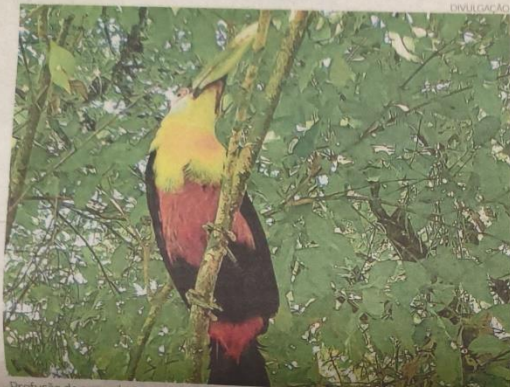
A cobra urutu-cruzeiro vive em áreas de matas, campos e brejos nas regiões sul, centro-oeste e sudeste do Brasil. Ela se alimenta basicamente de lagartos, aves, ratos, preás, camundongos e outros mamíferos de pequeno porte. Uma fêmea pode dar à luz de dez a 18 filhotes, geralmente na época do verão.



ContraCapa
QUINTA-FEIRA / 16 / Julho / 2020 www.diariodecanoas.com.br



Aponte a câmera do seu celular para o QRCode e baixe o app do Diário de Canoas.



Profusão de cores destaca a ave em seu ambiente natural, mas também a deixa exposta

Mini Zoo

Curado, tucano-de-bico-verde está livre para voar de novo

Ave ferida ficou 35 dias aos cuidados da equipe do Mini Zoo e ontem voltou para a mata em Dois irmãos

Jeison Silva

jeison@gruposinos.com.br

Os pássaros entendem bem o significado do confinamento e da liberdade. Os seres humanos têm pensado mais a respeito, neste momento de pandemia. Para um tucano-de-bico-verde, libertado na mata de Dois Irmãos ontem, após 35 dias de tratamento de saúde em Canoas, não foram necessárias palavras, apenas um bater de asas apressado. "Saiu da gaiola, pousou rápido numa árvore, só o tempo de uma foto, e desapareceu", recorda a médica veterinária Maria Isabel Seabra da Rocha. "Voou super bem, foi lindo de ver, emocionante, ganhamos o dia." A história da ave começa em 11 de junho quando uma família de Cachoeirinha avisou o animal desorientado sob uma árvore na Serra Gaúcha. "Sofreu um trauma, possivelmente, bateu em uma carro ou caminhão", explica a veterinária. "Em geral, o tucano seria hostil, mas como estava ferido não houve dificuldade em pegá-lo, pois não conseguia levantar voo." Referência de reabilitação animal, o Mini Zoo de Canoas foi procurado pela família e a equipe se encarregou do tratamento do tucano.

Teste de voo

A ave passou por uma bateria de exames. Não tinha ossos quebrados, porém estava bem prostrada e confusa. "Estava apático, ficou sem comer nos primeiros dias, estava cambaleante", lembra Maria Isabel. "Fi-

cou em um recinto separado perto da mata, pois o animal não pode se afeiçoar aos humanos, caso contrário, não consegue retornar." Passadas algumas semanas, já ensaiava alguns voos dentro da área de isolamento. "Começou a contornar obstáculos, voava bem só por isso decidimos que era hora da soltura", explica a profissional. "Caso contrário não seria soltura, seria abandono, ele precisa passar por testes e estar apto à liberdade na mata."

Espetáculo de cores

Chama a atenção a profusão de cores do bicho. Desde o verde do bico serilhado, comprido, até a plumagem amarelada com pontos avermelhados e escuros. O tráfico destas aves é motivo de preocupação. Se meter com o tucano é crime ambiental e pode gerar "gaiola" para o traficante. O Mini Zoo recebe para reabilitação apenas animais silvestres provenientes de vida livre, encontrados feridos. O telefone de contato é o 51-99787-1078. Fica no Parque Capão do Corvo (Rua Dona Rafaela, 700, no bairro Marçal Rondon).

"Saiu da gaiola, pousou rápido numa árvore, só o tempo de uma foto, e desapareceu"

Corujas, saguis, gambás e papagaio

A bióloga Patrícia Valentim ressalta que o tucano é apenas um entre tantos animais ajudados pelo Mini Zoo de Canoas. Sagui-de-tufo-branco, de-tufo-preto, papagaio, pomba, gambá, bembé, bacurau, sabiá, Seriemá (ave grande pernaltá) e coruja também aparecem seguidos.

"No caso dos papagaios, que vivem 50 anos, em geral são familiares que fazem a entrega espontânea do animal que pertenciam a algum idoso falecido", destaca. "Gambás que buscam comida nas casas são atacados por cachorros ou agredidos por humanos." Nem sempre é possível curar as lesões. Algumas são irreversíveis e a parte que cabe à equipe é mantê-los saudáveis nos recintos do Mini Zoo para que todos tenham uma vida digna. É preciso cuidar da natureza, mas "nem todo mundo está preparado para esta conversa", como dizem os memes nas redes sociais. Faça sua parte.

LIVE TRATAMENTO PRECOCE DA COVID-19

16.07.20 QUINTA-FEIRA | 19 HORAS | [YOUTUBE.COM/TVCICS](https://www.youtube.com/tvcics)

PALESTRANTES

Dra. Nise Yamaguchi
Médica Oncologista, Imunologista e Pesquisadora

Dr. Roberto Zeballes
Médico Internista e Imunologista

Dr. Anthony Wong
Médico Pediatra e Toxicologista

Dra. Valérie Noronha Meneses Kreutz
Pediatra e Médica de Família, Mestre em Imunologia Pediátrica

Dr. Ricardo Ariel Zimmerman
Médico Infectologista e Ex-Presidente da Associação Gaúcha de Profissionais em Controle de Infecção e Epidemiologia Hospitalar

MEDIADOR

Dr. Luciano Zuffo
Médico Urologista e Presidente SOMEDICA - Sociedade Médica de Canoas

ABOIO:
NÍCOLAS DA RONDON

INFORMAÇÕES:
evento@cicscanoas.com.br
(51) 99355-7783

PATROCINADORES:
CICS: **DIAMANTZ**, **Modular**, **Sicredi**, **Casa dos Síndicos**, **sulgás**, **BRDE**, **STV**, **TELECOM**, **GUTIERREZ**, **Viezzes**

Zoo de Canoas reabre as portas

Após dois anos de portas fechadas, o zoológico municipal de Canoas, na Região Metropolitana, reabrirá neste sábado, a partir das 9h, com entrada gratuita. Seguindo orientações para prevenção do coronavírus, as visitas serão limitadas a 50 pessoas, com uso obrigatório de máscara e distanciamento.

De acordo com a administração, ainda que fechado, o zoo seguiu com os cuidados dos cerca de 250 animais residentes. Também foram recebidos bichinhos de várias espécies para tratamento e, posteriormente, devolução à natureza. Apenas em 2019, foram cerca de 700 animais tratados, segundo a equipe.

– Aguardamos ansiosamente a reabertura, pois sabemos a grande importância que o espaço possui, não só pelo serviço que prestamos de resgate e reabilitação de fauna silvestre, como também por oportunizar um ambiente de aprendizagem para os visitantes – disse a bióloga e educadora ambiental do zoo, Renata Gautier.

O zoológico de Canoas estava



DIVULGAÇÃO: ZOOLOGICO MUNICIPAL DE CANOAS

Animais voltarão a encantar o público a partir deste sábado

fechado ao público desde agosto de 2018. A medida, decretada pela Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Infraestrutura (Sema-RS), deu-se em razão da morte de um bugio-ruivo por toxoplasmose, doença de notificação obrigatória.

Depois disso, de acordo com a equipe, o local permane-

ceu fechado em decorrência do vencimento de licenças que eram emitidas pela Secretaria do Meio Ambiente de Canoas, mas, com mudança na legislação, passaram a ser atribuição da Sema.

O zoológico salienta que, na grande maioria, os animais que chegam ao local para tratamento são vítimas de ações humanas, como atropelamentos, exposição a descargas elétricas, mutilações ou até mesmo provenientes de cativeiro e tráfico ilegal.

GZH

Leia esta reportagem completa em gzh.rs/zoocanoas



EDITORES

Capa Diego Araujo diego.araujo@zerohora.com.br

Notícias Leandro Fontoura leandro.fontoura@zerohora.com.br

Comportamento e Cultura Patrícia Rocha patricia.rocha@zerohora.com.br

Jornada Esportiva Felipe Bortolanza felipe.bortolanza@zerohora.com.br

Opinião Tulio Milman tulio.milman@gruporbs.com.br

Imagem Milena Schoeller milena.schoeller@gruporbs.com.br

Todas as informações que publicamos são checadas pelos nossos repórteres e revisadas pelos editores, mas, se você encontrar algum erro ou imprecisão nas páginas do jornal, por favor, nos comunique pelo e-mail leitor@zerohora.com.br. Nós fazemos questão de corrigir. E, se você tiver sugestão de reportagem, envie pelo mesmo endereço eletrônico.



ContraCapa
SEXTA-FEIRA / 30 / Outubro / 2020



Aponte a câmera do seu celular para o QRCode e baixe o app do Diário de Canoas.



Ouriço volta para casa após tratamento vip no Minizoo

Equipe de especialistas devolveu ao ambiente natural animal que estava em tratamento após ser atacado por um cachorro. Soltura ocorreu em sigilo em área de mata que pertence à Prefeitura de Nova Santa Rita

Bruna Aquino

A espécie tem como nome científico *Coenonymus ludlowi*, mas se bichinho simpático e, na mesma medida, um tanto assustado, é conhecido por uma denominação mais simples: ouriço. Na manhã de ontem, um desses animais teve, após 50 dias, o tão esperado reencontro com a natureza. O retorno foi provido por uma equipe do Minizoo, local onde o mamífero recebeu cuidados após ter sido atacado por um cão. "Ele chegou até nós através da Secretaria de Meio Ambiente de Nova Santa Rita. Ele foi atacado por um cachorro e estava com ferimentos severos", explica a bióloga Patrícia Martins Valentim, uma das profissionais que acompanhou a recuperação do ouriço. Esse tipo de ataque é muito comum, segundo a especialista. Muito machucado ao chegar ao zoo, o animal apresentava o maior ferimento na região da coxa, que foi perfurada, mas não precisou de cirurgia. "As pessoas têm o mito de que eles lançam os espinhos. Eles soltam com facilidade, mas quando tocam em alguma coisa. Por isso é tão comum quando um cão fica com cem espinhos na face", comenta Patrícia, afirmando que, para tirar esses

espinhos dos cachorros, somente após estarem sedados. "Os espinhos soltam com facilidade do ouriço, mas como as serrinhas são ao contrário, ao tocar em algo eles grudam", acrescenta. O ouriço foi resgatado no dia 8 de setembro no bairro Berto Cirio por um funcionário da pasta de Meio Ambiente de Nova Santa Rita, que imediatamente o encaminhou para tratamento no Minizoo. "Os que não estão feridos, eu venho direto e largo aqui. Quando estão feridos, levo na mesma hora", diz José Murilo Silva. No ato da soltura, a bióloga resumiu o sentimento: "Esta é a parte mais legal do nosso trabalho".

Parceria

Proprietário da empresa que administra o zoo, Raphael Gonçalves acompanhou a soltura do animal na área de mata e revelou a reportagem a parceria entre o Minizoo e a Secretaria de Meio Ambiente da cidade vizinha, que resulta em um trabalho em equipe focado no bem-estar dos animais. "Esta área que nós temos aqui é propícia para a soltura de animais silvestres e, por isso, é tão importante essa nossa parceria", adiciona o titular de Meio Ambiente de Nova Santa Rita, Leonardo Martins dos Santos, que também esteve na soltura do ouriço na última quinta.



Apesar do receio em sair da caixa de transporte, o ouriço logo se ambientou e tratou de caminhar em direção à mata fechada



Após susto do ataque, animal retornou ao ambiente natural



Patrícia mostra que espinhos soltam facilmente do corpo

Características da espécie

Também conhecido como ouriço-cacheiro ou porco espinho, o ouriço é um animal de orelhas curtas e olhos grandes e cauda com tamanho parecido ao do corpo. Esse tipo de mamífero vive nas copas das árvores do Estado, segundo estudo da Ufrgs. Ele usa a cauda para se deslocar por entre os galhos. O ouriço tem pelos rígidos, os famosos espinhos, e outros longos e finos, que podem esconder o perigo pontiagudo. Costumam se alimentar de folhas, flores e frutas. Durante o dia podem ser encontrados imóveis no topo das árvores, pois têm hábitos noturnos.

Mais um resgatado na conta do zoo

Segundo Patrícia, o Minizoo recebeu em 2020 - até a manhã de ontem - um total de 428 animais de diversas espécies. Há pouco tempo, o DC publicou reportagem sobre os filhotes de gambás que haviam chegado ao local. Ontem, a reportagem os viu novamente, podendo conferir que já estão bem diferentes, ganhando tamanho e peso. Aliás, esta é a espécie que mais chega ao zoo - e a que os profissionais mais conseguem devolver à natureza. Além dos bichos que retornam ao seu habitat, o zoo contabiliza 250 animais em exposição, que não têm condições de viver na natureza.





Cegonhas recebem todos os cuidados no Minizoo

Minizoo abriga dois ilustres pacientes

João-grande não costuma habitar áreas urbanas, mas foram encontrados e agora se recuperam em Canoas

Responsável por tratar e devolver à natureza - quando possível - animais silvestres que foram encontrados machucados ou abandonados, o Minizoo de Canoas recebeu na última semana uma dupla inusitada de pacientes, isso porque não é nada comum avistar esse tipo de ave em áreas urbanas: o João-grande (Ciconia maguari).

"Acreditamos se tratar de um casal e que estavam migrando juntos", conta a bióloga Gabriela Miranda, comentando que somente com um exame de sangue é possível comprovar o sexo des-

ses animais, pois trata-se de uma espécie sem dimorfismo sexual. As aves recebem tratamento no zoo desde o dia 5 - data em que a primeira chegou ao local. O animal apresentava quadro de desidratação e tem boas condições de saúde, segundo Gabriela. Já o outro inspira maiores cuidados. Como sofreu um choque ao tocar na rede elétrica, este João-grande tem graves lesões e foi encontrado com diversos ectoparasitas. "Ele está isolado para tratamento", acrescenta a bióloga. O nome científico do João-grande vem do latim ciconia, que significa cegonha,

e do tupi maguari, baguari, que quer dizer bico forte, bico grande e resistente - cegonha com bico grande. Essas aves medem até 1,4 metro de altura, com uma envergadura de mais de 2 metros. O peso pode chegar a até 4,5 Kg.

Como um dos animais bateu na rede elétrica, teve vários ferimentos em uma das asas

Características da ave e tipo de habitat mais comum

A ciconia maguari - ou simplesmente cegonha - possui plumagem branca e cauda escura, e tem uma pele exposta avermelhada entre o bico e o olho. Ela se alimenta de pequenos animais, principalmente peixes e anfíbios. A ave é uma das espécies de cegonha mais difíceis de serem avistadas em ambiente natural. Enquanto outras cegonhas permanecem em brejos com pouca vegetação, este tipo permanece em campos úmidos e campos alagados, em geral ambientes úmidos de vegetação densa.

timoneiro

Canoas, 22 a 28 de janeiro de 2021

Gavião-carijó é devolvido à natureza após tratamento

Animal estava em recuperação desde novembro de 2020

divulgação/PMC



Denúncias

Para denunciar cativeiro ilegal e maus tratos de animais em Canoas, deve-se entrar em contato com a Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SMMA, Setor de Fiscalização, através do telefone: (51) 3236-1800.

Foi solto nesta quinta-feira, 21, numa extensa área verde próxima ao Parque Jorge Lanner, no bairro Niterói, o Gavião-carijó que estava em recuperação no Mini-Zoo de Canoas desde o mês de novembro. No dia 08 de novembro, a ave da espécie Gavião-carijó (Buteo swainsoni) foi recebida no Zoológico Municipal de Canoas. O animal foi resgatado por uma família às margens

da BR - 448. Ele não conseguia voar devido a um corte feito nas suas penas primárias de voo. No zoológico, ele recebeu o tratamento apropriado e alimentação balanceada.

"Devido ao corte nas penas, situação comum de ocorrer quando as pessoas tentam manter aves em cativeiro, optamos pela realização do implante de penas, ou 'imping'. Este procedi-

mento permite substituir penas danificadas por penas de um animal doador. O banco de penas é coletado de animais que foram a óbito e que a plumagem ainda estava intacta", explica o veterinário Daniel Vasconcellos, do Zoológico Municipal de Canoas. Após o processo de implante, o gavião foi mantido em local com limitação de espaço para a cura completa das penas e depois transferido para

um viveiro maior, onde pôde treinar sua capacidade de voo.

"A equipe técnica, tratadores e estagiários do Zoo se esforçaram muito para dar o melhor tratamento durante todo o período em que o Gavião esteve conosco. Estamos muito felizes de poder dar uma nova oportunidade para o Gavião retornar para a natureza onde é o seu lugar", disse o veterinário.

Animais silvestres de volta ao habitat natural

Entre aves e répteis, 12 animais foram soltos em áreas de Canoas e Nova Santa Rita. Antes, porém, é necessário um cuidado todo especial para garantir a sobrevivência dos bichos

Bruna Aquino

bruna.aquino@eposmos.com.br

Com êxito, a equipe do Minizoo devolveu à natureza na última semana 12 animais silvestres - seis répteis - que estavam em tratamento no zoológico. A maioria deles foi solta na Fazenda Guajuviras, e os demais, em uma área verde em Nova Santa Rita.

Foram soltos em Canoas três cágados tigre d'água brasileiro, um cágado de barbel, duas pombas-de-bando, uma pomba juriti, um sanhaçu-cinza e um políglota-inglesa do sul. Na cidade vizinha, voltaram ao habitat natural dois falcões quiri-quiri e uma corujinha-do-mato.

"A gente tenta soltar sempre perto de onde eles foram encontrados", comenta a bióloga e educadora ambiental Renata Gautier. Participaram da soltura os técnicos do dia, tratadores, quatro estagiários, Renata, o médico veterinário Daniel Vasconcellos, a secretária-adjunta do Meio Ambiente Adriana Moura e o vereador Cris Moraes.

Dos 12 animais, o que levou mais tempo desde a entrada no zoo até o dia da soltura foi a corujinha-do-mato (Megascops choliba). A ave chegou ao Minizoo no dia 4 de dezembro. Bastante comum no Brasil, ela é encontrada em florestas e áreas urbanas arborizadas e alimenta-se basicamente de insetos, como besouros, mariposas e gafanhotos.

Vale destacar que o processo de soltura dos animais não é tão simples quanto parece. "Não podemos simplesmente soltar. Precisamos pedir autorização para a Secretaria do Meio Ambiente e Infraestrutura", esclarece Renata. A burocracia envolve o preenchimento do Termo de Soltura de Animais Silvestres. No documento, os profissionais incluem dados dos animais, histórico da reabilitação, local da soltura e número de pessoas envolvidas. Após a soltura, ainda precisam fornecer informações como as coordenadas geográficas do local.

O Minizoo recebeu somente em janeiro 131 animais de 33 espécies, o que surpreendeu a equipe. "Os meses em que a gente mais recebe animais são os do início da primavera. Não sei o que aconteceu desta vez", diz a bióloga. Diversos filhotes recebem tratamento no zoo, entre eles gambás - geralmente levados ao local depois da morte da mãe.



A bióloga e educadora ambiental Renata Gautier comemora a soltura com segurança das espécies



O animal que levou mais tempo desde a entrada no zoo até o dia da soltura foi a corujinha-do-mato



O Minizoo recebeu somente em janeiro 131 animais de 33 espécies, o que surpreendeu a equipe



Doação de jornais e materiais para forrar recinto de voo

O Minizoo precisa com urgência da solidariedade dos canoenses. O zoológico está praticamente sem jornais e o material é usado em grandes quantidades para diversas ações, entre elas forrar gaiolas e mesas de procedimentos. Além dos jornais, também será muito bem-vinda qualquer ajuda para construir um novo espaço para que

as aves possam treinar sua capacidade de voo, determinante para o retorno à natureza. O que se faz mais necessário no momento é uma tela para cercar o local - do tipo trançada, malha 4, fio 14 - facilmente encontrada em ferragens. As equipes precisam de 70 metros quadrados de tela para preencher um espaço de 8x4. "Pensando

em ave de rapina de porte médio, dá para colocar umas seis, sete. Se for coruja, cabem umas 10", acrescenta Daniel Vasconcellos. Quem quiser e puder contribuir com jornais, tela ou materiais de construção pode fazer contato com o Minizoo pelo número 99787-1078 ou direto na sede, no Parque Getúlio Vargas.

Feliz Aniversário

09 DE FEVEREIRO DE 2021

ANGELA CRISTINA MACHADO

ANTONIO MARTINS SILVEIRA

EVA ANTONIA DE MOURA DA ROSA

FATIMA REGINA SILVA LEAL

INACIO SEBALDO KAEFER

INACIO SEBALDO KAEFER

JOSE PAULO KLEIN

SADI PEREIRA SANTOS

VERA LUCIA SANTOS DE ANDRADE

WILSON HUGO BLAZUS

YGOR ALVES GONCALVES

Para fazer parte desta lista, entre em contato pelo e-mail: centrodeconservacao@eposmos.com.br ou pelo fone (51) 3663.4000.

PARABÊNS AOS ASSINANTES!

É muito bom comemorar com vocês este dia tão especial.





ZOO DE CANOAS TEM NOVIDADE

Um novo espaço de observação e encantamento com os cuidados aos animais pode ser conferido no Zoológico Municipal de Canoas, carinhosamente conhecido como MiniZoo. Os visitantes podem observar como são preparados os pratos para os animais que moram no local e acompanhar a alimentação através de uma janela tipo vitrine. Duas vezes por dia, eles recebem a comida. O Setor de Nutrição do MiniZoo foi reformado pela Secretaria Municipal do Meio Ambiente.



SAIBA MAIS

O MiniZoo abriga 110 animais de 33 espécies diferentes, entre aves, mamíferos e répteis.

Abra o leitor de QR Code e aponte para o código ao lado:



ZOOLOGICO DE CANOAS

• Local: Parque Municipal Getúlio Vargas, o Capão do Corvo (rua Dona Rafaela, 700, Marechal Rondon).

• Visitação: de terça a domingo

• Horário: 9 às 17 horas

• Informações: 99787-1078.

Filhotes de furão, veado e quati dão cara de berçário ao nosso Minizoo

Além dos recém-chegados, capivara e gambás completam lista da "criança" do zoológico municipal. A bióloga Patrícia Valentim lembra que, apesar de dóceis, são animais silvestres e não devem ser domesticados

Bruna Aquino

bruna.aquino@gruposinos.com.br

Sebastião é um doce de criatura, daquelas que chega de mansinho e conquista todos à volta. A descrição poderia ser de um menino ou de algum pet, mas ele é um Veadinho-catingueiro (*Mazama gouazoubira*) e está entre os filhotes recém-chegados ao Minizoo. O animal tem cerca de 4 meses e está em Canoas desde a última sexta-feira, quando foi trazido de Passo Fundo.

O animal estava aos cuidados de veterinários da UPF, mas antes disso passou três dias em uma casa da cidade. "Não sabemos se a mãe morreu. Essa família disse que não viu a mãe e tentou criá-lo. Estavam alimentando ele com leite de vaca, o que desencadeou uma forte diarreia. Eles se assustaram e levaram à UPF, mas não sabemos se ele já estava sem mãe ou se a mãe estava afastada do local onde foi encontrado", comenta a bióloga Patrícia Valentim, que acompanhou a reportagem até o local do zoo em que o veado vive.

Extremamente dócil, ele foi ao encontro de Patrícia e distribuiu muitas lambidas. Justamente por ser manso, pode acabar com alguém que queira domesticá-lo, mas a profissional lembra que o veado-catingueiro é um animal silvestre e não deve viver como animal de estimação.

Diferente da alimentação que recebeu da família que o resgatou, o animal agora tem na dieta pasto, feno, al-

fafa e vegetais. E além da comida, Sebastião parece ter encontrado a amiga ideal: a capivara Marrom (*Hydrochoerus hydrochaeris*), que divide com ele o espaço do zoo. "São espécies que conseguem co-habitar bem e como são filhotes podem ficar juntos", explica Patrícia. O espaço, repleto de natureza, ainda contará um lago. "As obras devem iniciar na semana que vem", celebra a bióloga.

Muitos flashes

Enquanto o DC acompanhava um pouquinho da rotina dos novos amigos, Marrom aproveitou para ter seu minuto de fama e não exitou em fazer caras e bocas para a lente do fotógrafo Paulo Pires. Além das poses, ainda aproveitou um pote quadrado com água para fazer-lhe de banheira.

Na turminha das "crianças" - hoje são 17 filhotes no Minizoo - também estão os gambás, espécie conhecida de longa data do pessoal do zoológico. São 10 gambazinhos que chegaram cedo ao local e agora já se preparam para treinar uma volta à natureza. São os animais com maior êxito no retorno.

Veado estava aos cuidados da UPF antes de integrar a turminha do Minizoo

No zoo para sempre

A parte triste de toda essa história é que os bichinhos citados nesta reportagem não poderão retornar à natureza - com exceção dos gambás. "No caso da Raquel, ela já enxerga o ser humano como amigável e isso impossibilita a soltura", comenta Patrícia. Segundo ela, isso acaba sendo bastante comum com mamíferos.



Extremamente dócil, Sebastião divide o espaço onde vive com a amiga Marrom, capivara que chegou em setembro ao zoo



Raquel está separada da parceira de espécie, mas se tudo der certo logo elas viverão juntas

Na vida real, Ruth e Raquel têm tudo para ter um final feliz juntas

A sapeca Raquel, uma quati (*Nasua nasua*), é outra recém-chegada. Assim como Sebastião, veio de Passo Fundo.

Também com cerca de quatro meses, foi encontrada junto da mãe morta e desde então estava na UPF. Ela fica em uma área separada da outra quati que vive

no local, a Ruth. Mas diferente da novela *Mulheres de Areia*, a equipe do Minizoo espera vê-las se dando bem o quanto antes. "Nossa intenção é começar a aproximação com a Ruth. Quando estiver ambientada, elas vão dividir o mesmo espaço", diz Patrícia.



Filhotes são muito novinhos e frágeis, quadro que demanda da equipe muito esforço e torcida

Após perda trágica da mãe, trio de furão-pequeno luta pela vida

O berçário fica completo com três bebês de furão-pequeno (*Galictis cuja*), que chegaram há alguns dias. "Eles estão conosco há uma semana e ainda não abriram os olhos", comenta a bióloga.

O macho e duas fêmeas foram encontrados às margens da BR-116 em Eldorado do Sul após um

acidente - um caminhão tombou e acabou vitimando a mãe.

Patrícia ressalta que o trio recebe cuidados intensivos e que a torcida é para que sobrevivam. "Estamos fazendo de tudo para salvá-los, mas a expectativa infelizmente não é boa. Eles são delicados e muito novos."



ContraCapa



Alimentação balanceada no Minizoo

Tudo para uma vida saudável

Animais que vivem no Zoológico Municipal de Canoas têm dieta conforme a espécie e a estação do ano

Bruna Aquino
brunaaquino@gruposinos.com.br

Reaberto para visita-
ção e com atrativos
como um pórtico de
entrada novinho em folha e
um amplo espaço para bichi-
nhos do Setor Extra, o Zoo-
lógico Municipal de Canoas,
ou apenas Minizoo, tem a
preocupação de manter os
animais que vivem lá com
uma rotina o mais próxima
possível da que teriam na na-
tureza.

E isso vai desde o ambi-
ente em que residem no zoo até
a alimentação, cuidadosa-
mente pensada para cada
uma das 34 espécies. Hoje,
há 119 bichos no plantel do
Minizoo e todos com o pró-
prio regime alimentar.

"A nutrição é o principal
setor do zoo. A dieta é ela-
borada por espécie e con-
forme o clima do ano. Agora,
no frio, aumenta a ingestão
de carboidrato", afirma Pa-
trícia Valentin, bióloga do
Minizoo.

E engana-se quem pensa
que é simples alimentar to-
da essa turma. São muitos os
detalhes envolvidos na parte
da nutrição dos animais. Até
a forma como frutas e legu-
mes são cortados é levada
em consideração de acordo
com o bichinho e, claro, as
individualidades de cada um.

Frutas e verduras

"Alguns ganham
com casca, como os
macacos, e outros
sem. E aqui tam-
bém temos ani-
mais sem uma
mãozinha, aves
sem garra, e aí
adaptamos pa-
ra eles conse-
guirem co-
mer", explica
Patrícia.

A equipe especialmente
ligada à nutrição é composta
por duas tratadoras e 12 es-
tagiários dos cursos de Bio-
logia e Medicina Veteriná-
ria, que atuam na cozinha e
na oferta dos alimentos por
meio de escalas.

Com uma cozinha con-
tendo geladeiras e freezers
para armazenar carnes e
outros produtos, o Minizoo
também se preocupa com a
qualidade de tudo que é in-
gerido por seus moradores –
servidos de manhã e à tarde.

Sempre às terças-feiras,
é feito o pedido de frutas e
verduras, que chegam ao zoo
na terça ou na quarta. Desde
2018, frutas e legumes vêm
da Ceasa. Já as verduras são
adquiridas direto de um pro-
dutor do bairro Mato Gran-
de, o que garante chegar tu-
do fresquinho – ainda mais
que são sem agrotóxico. As
ditas folhosas chegam duas
vezes por semana.

E também vale destacar
o cuidado com os habitan-
tes mais novinhos. Os filho-
tes do zoo recebem ali-
mentação especial à
base de leites e fór-
mulas adequadas
às necessidades
nutricionais e,
normalmen-
te, de três
em três ho-
ras.



Como espécies e indivíduos têm suas peculiaridades, a dieta é elaborada considerando cada um dos animais



Frutas e legumes são oferecidos com ou sem casca



Na cozinha do zoo, tudo é sempre muito fresquinho e cortado na hora de servir aos mais de cem habitantes

Comida e mais comida

Por semana, são exatos 300 quilos de frutas e
verduras, cita Patrícia. No período, também são
consumidos pelos animais 60 quilos de carne, 40 quilos
de rações e sementes e ainda uma média de 60 ovos por
semana. "Eles usam ração super premium", destaca a
bióloga. As carnes são mantidas no freezer (chegam ao
zoo congeladas) e descongeladas à medida do necessário.
No cardápio, gado, frango, moela e peixe. Elas chegam
semanalmente ou a cada 15 dias. Já a ração é comprada
uma vez por mês. É importante ressaltar que o zoo não
recebe doações de alimentos. Patrícia explica que tudo é
comprado até para se saber a procedência do que chega.

Dieta equilibrada

A alimentação é dividida em
porções oferecidas pela manhã
(entre 9h e 10h) e à tarde (16h).
No momento da formulação da
dieta, a quantidade e o tipo
de alimento são calculados
conforme o peso e a
necessidade nutricional.
Um exemplo é a lontra, a
única do zoo: ela recebe
400 gramas de filé de
peixe de manhã e outros
400 gramas, mas de peixe
inteiro, à tarde. E isso é só
o menu da segunda-feira.

A bióloga também
explica que quando um
animal diferente chega
ao Minizoo, é estudado
para saberem que tipo de
alimento oferecer. Dentro
das particularidades, Patrícia
revela a história de um senhor
urubu: "Ele escolhe a carne. Se
tiver um nervo ou gordura, ele não
come".

Do tanque direto para a cozinha

Tudo que chega ao zoo é
imediatamente higienizado em
um tanque instalado na parte
externa, próximo à cozinha e
exclusivo para os hotifrutis.
Só depois de lavados é que
os alimentos são separados,
armazenados e, então, servidos
aos moradores em bandejas.
Entre frutas e verduras, são
mais de 25 variedades.

Vale citar que os bichinhos
também recebem alimentos
cozidos: batata doce,
beterraba, cenoura e berinjela
são alguns dos exemplos.
"Revezamos entre cru e cozido,
até para eles não enjoarem",
conta Patrícia. "No caso dos
bugios, por exemplo, 60% da
alimentação é à base de folhas,
diferente dos pregos, que
comem de tudo", comenta.



Mais de R\$ 6 milhões investidos pela RGE

Serviços incluem troca de postes de madeira por de concreto e instalação de religadores em Canoas

Shallon Teobaldo

shallon.teobaldo@diariodecanoas.com.br

No primeiro semestre de 2021, mais de R\$ 6 milhões foram investidos pela Rio Grande Energia (RGE) em Canoas. Somadas às verbas destinadas para os outros 380 municípios do Rio Grande do Sul atendidos pela concessionária, são R\$ 565 milhões para melhorias nos serviços, valor 26,8% maior do que o aplicado no mesmo período do ano passado.

Dentre as ações realizadas em Canoas estão a troca de 439 postes de madeira por de concreto, por meio do plano contínuo de inspeção e manutenção de rede, a construção ou reforma de 9,55 km de rede de distribuição de energia, instalação de 10 novos religadores telecomandos e a finalização de uma obra de interligação do sistema elétrico de distribuição.

"Todas essas obras buscam dar robustez e melhorar a flexibilidade operativa da rede de distribuição, assim como os indicadores de continuidade de serviço na região", comenta o diretor-presidente da RGE, Marco Antônio Villela de Abreu.

Segundo semestre

Para este semestre, a RGE informa que continua com ações de inspeção e manutenção da rede de distribuição de energia elétrica, assim como ampliação do parque de novos religadores e execução de obra de interligação.

Programa de Eficiência Energética

Paralelo às ações de melhoria do sistema elétrico, a distribuidora também deu continuidade ao Programa RGE nos Hospitais. Essa iniciativa, que faz parte do Programa de Eficiência Energética da empresa, tem como objetivo modernizar o sistema de iluminação de instituições de saúde, instalando usinas de geração de energia solar



Posto em Canoas funciona na Avenida Boqueirão

FOTOS: PAULO PIREZ/GE

ção, com previsão de aporte de mais R\$ 400 mil no município.

R\$ 1 bilhão

Para o Estado, a projeção é que até o fim de 2021, os investimentos da RGE ultrapassem R\$ 1 bilhão. No período 2021-2025, serão R\$ 5,547 bilhões em aprimoramento da área de concessão.

De janeiro a junho deste ano, foram realizadas mais de 80 obras de médio e grande portes no RS, onde se destacam a construção e ampliação de linhas de distribuição e subestações. Também houve incremento na modernização da rede de energia elétrica com instalação de equipamentos de alta tecnologia, e digitalização para melhorar o atendimento ao cliente.

"Investimos continuamente para melhorar a qualidade do fornecimento de energia elétrica e o atendimento para todos os nossos clientes", enfatiza Abreu.

e substituindo lâmpadas comuns por unidades com tecnologia LED. Desde o início do programa até junho deste ano foram 69 hospitais beneficiados no RS, somando R\$ 33,5 milhões investidos. Outras 62 obras estão em andamento e devem ser concluídas em breve.

Este e outros serviços fazem parte do pilar Soluções Inteligentes do

Canais de atendimento ao consumidor

O posto da RGE em Canoas fica na Avenida Boqueirão, 1385, no Bairro Igara. O atendimento acontece de segunda a sexta-feira, das 8h às 16h.

Quem preferir, pode ligar gratuitamente para 0800 970 0900 ou acessar o site www.rge-rs.com.br. Além disso, também existe um aplicativo para smartphone, o CPFL Energia, onde 30 serviços como segunda via de conta, notificação de falta de luz e solicitação de nova ligação, estão disponíveis para o consumidor.

Para qualquer uma das opções, tenha em mãos o número de seu documento e da ligação de luz.

Plano de Sustentabilidade da CPFL Energia, que prevê aplicar até 2024 mais de R\$ 1,8 bilhão para impulsionar a transição para uma forma mais sustentável e inteligente de produzir e consumir energia. Dessa forma, vai maximizar os resultados positivos na comunidade e na cadeia de valor, além de reduzir impactos gerados pela empresa.

Campanha pela água leva tintas e cores para os bueiros de Canoas

Pode não parecer, mas um papel de bala ou uma bituca de cigarro deixados no chão fazem diferença. O descarte inadequado de lixo em vias públicas é um problema em vias urbanas de todo o mundo. A obstrução de valas e bueiros impacta ambientalmente córregos, lagos, riachos e o mar.

Mirando conscientizar a população do problema, uma iniciativa está levando tintas e cores a bueiros de toda a cidade de Canoas. A campanha "Água Limpa Começa Aqui" faz parte da 28ª Semana Interamericana e da 21ª Semana da Água do Rio Grande do Sul.

A campanha de pintura de bueiros está sendo promovida pelo Zoológico Municipal de Canoas, Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Limpa Canoas, SOS Mata Atlântica, ABES-RS, Corsan e Diário de Canoas.

Na avaliação da bióloga Renata Gautier, do MiniZoo, a iniciativa vai dar visibilidade para o assunto. Os trabalhos começaram nesta quinta-feira (7), com a pintura de bueiros na entrada do Parque Getúlio Vargas.

"É uma ação simples,



Ação teve início nesta quinta-feira no Getúlio Vargas

mas estamos pintando as tampas de bueiros com avisos 'o rio começa aqui', 'o mar começa aqui', 'não atire lixo', aponta. "A ideia é conscientizar a população sobre os riscos que um simples pedaço de plástico atirado no chão pode causar no nosso manancial de águas".

Presente na abertura dos trabalhos, o Diretor Comercial do Diário de Canoas, Fernando Cesar Anschau, defendeu que, embora simples, a iniciativa pode fazer a diferença.

"Com a campanha, são feitos lembretes importantes sobre o impacto ambiental que um simples gesto pode causar", ressalta. "O mar

está a cerca de 150 quilômetros. Esta iniciativa lembra que, mesmo a distância, cada um pode fazer a diferença daqui mesmo".

Aos 69 anos, Jorge Breier fez sua parte com pincel, tinta e inspiração. Um dos fundadores do zoológico de Canoas, ele aponta que campanhas como esta são fundamentais como alerta para o que ainda pode ser feito pelo meio ambiente.

"Me envolvo em todo o tipo de campanha ambiental que surge", contou o veterano trabalhador do MiniZoo. "Penso que é a consciência de alguns que serve para abrir os olhos daqueles que parecem não dar bola para nada".

Grupo Sinos comunica

Horário de fechamento comercial das edições em virtude do feriado de Nossa Senhora Aparecida, 12 de outubro.

EDIÇÃO DE TERÇA, DIA 12/10/2021

NOTICIÁRIO Reservas até às 17h de sexta-feira, dia 08/10/2021 e entrega de materiais até às 18h de segunda-feira, dia 11/10/2021.
CLASSIFICADOS Reservas até às 17h de sexta-feira, dia 08/10/2021 e entrega de materiais até às 11h30 de segunda-feira, dia 11/10/2021.

EDIÇÃO DE QUARTA, DIA 13/10/2021

NOTICIÁRIO Reservas até às 16h de segunda-feira, dia 11/10/2021 e entrega de materiais até às 18h de segunda-feira, dia 11/10/2021.
CLASSIFICADOS Reservas até às 11h de segunda-feira, dia 11/10/2021 e entrega de materiais até às 16h30 de segunda-feira, dia 11/10/2021.

EDIÇÃO DE QUINTA, DIA 14/10/2021

NOTICIÁRIO Reservas até às 17h de segunda-feira, dia 11/10/2021.
CLASSIFICADOS Reservas até às 17h de segunda-feira, dia 11/10/2021.



CANOAS

Corujas são devolvidas à natureza após reabilitação

JHULLY COSTA

jhully.pinto@zerohora.com.br

Duas corujas suindaras, popularmente conhecidas como corujas-das-torres, retornaram à natureza na tarde de ontem, após passarem por uma reabilitação no Zoológico Municipal de Canoas, na Região Metropolitana. Retirados do ninho ainda filhotes, os animais silvestres foram encontrados em uma escola de Cerro Grande do Sul e encaminhados ao zoo pela Secretaria da Agricultura e Meio Ambiente do município.

A soltura das corujas Rafael e Leonardo ocorreu às 16h30min, na Fazenda Guajuviras, também em Canoas. Apesar dos nomes, o veterinário do zoológico Daniel Vasconcellos explica que não foi possível descobrir se os dois animais da espécie *Tyto furcata* são realmente machos.

Chegada

As aves chegaram ao local em 25 de agosto deste ano, com cerca de 30 dias de vida. Renata Gautier, educadora ambiental e bióloga do zoo, diz que elas foram “sequestradas” do ninho porque muitas pessoas ainda têm a crença de que corujas trazem mau agouro. Desta forma, os animais estavam correndo risco de vida – motivo pelo qual foi recomendado o encaminhamento para o zoológico de Canoas, que recebe espécies silvestres que estejam em conflito com o meio urbano para tratar, reabilitar e devolver à natureza.

No zoo, Rafael e Leonardo passaram por avaliação de veterinários e biólogos. Os especialistas precisaram implementar um processo de reabilitação muito delicado, já que elas não poderiam ser devolvidas à natureza ainda filhotes porque, sem os pais,

acabariam morrendo de fome.

– Os filhotes são mais suscetíveis ao imprinting, que é quando eles se acostumam com a imagem do ser humano, e aí associam as pessoas ao alimento, à proteção e ao abrigo. Isso não pode acontecer – explica Vasconcellos.

Após dois meses de cuidados, as aves estavam prontas para retornar ao seu habitat natural. O veterinário destaca que o papel do zoológico é justamente dar o suporte da reabilitação para reintroduzir os animais na natureza já adultos, quando já conseguem voar e se alimentar por conta própria.

Readaptação

Segundo Daniel Vasconcellos, veterinário do Zoológico Municipal de Canoas, o processo de reabilitação requer muito cuidado para evitar ao máximo o contato com os animais. No início, a alimentação é assistida, ou seja, os cuidadores fornecem o alimento às aves. Em seguida, começam a estimular que eles se alimentem sozinhos, fazendo com que procurem a comida no recinto onde estão. Depois são oferecidas presas inteiras, como roedores e pequenas aves – obtidas a partir de abatedouros legalizados.

– Quando percebemos que elas estão conseguindo se alimentar de presas inteiras, começamos um processo de reabilitar e treinar a capacidade de voo – afirma Vasconcellos.

A soltura depende justamente desses fatores: se o animal consegue se alimentar sozinho de presa inteira e se está com boa capacidade de voo.

Além disso, a condição de saúde é avaliada. Por isso, os animais passam por diversos exames para verificar se não há nenhuma alteração morfológica ou doença infecciosa.



Soltura das aves foi realizada ontem à tarde, na Fazenda Guajuviras

GILMAR FRAGA

gilmar.fraga@zerohora.com.br

VOTAÇÃO PARALELA...



CHAMOU ATENÇÃO

Tamanduá-mirim em Canoas



Filhote chegou ao MiniZoo na quarta-feira e objetivo é devolvê-lo para a natureza

GUSTAVO GOSSEN

gustavo.gossen@rdgaucha.com.br

Um filhote de tamanduá-mirim começou a receber cuidados da equipe do Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo), na Região Metropolitana. Uma estrutura especial foi montada para acolher o animalzinho, que chegou ao local na última quarta-feira.

Antes de ser levado a Canoas, o filhote, macho, estava sob cuidados do grupo do projeto

Preservas, da UFRGS, onde foi atendido e recebeu tratamento inicial. Ele havia sido achado em Santo Antônio da Patrulha, ao lado da mãe, que estava morta por atropelamento.

A partir de agora, o objetivo é verificar a possibilidade de ele ser devolvido à natureza. A equipe do MiniZoo adaptou estrutura resistente e aquecida. As adaptações foram necessárias em razão das

garras grandes e para que não passe frio durante o inverno.

O tamanduá-mirim é uma das três espécies de tamanduá que existem no Brasil.

Eles vivem preferivelmente em florestas, porém podem também se deslocar em áreas de campo. Atropelamentos, incêndios, caça ilegal e destruição de habitats são as principais ameaças aos animais da espécie.

GZH

Veja mais fotos
do animal
em [gzh.rs/
tamcan](http://gzh.rs/tamcan)

O espaço ecológico mais querido de Canoas reabriu

Após quase seis meses fechado, MiniZoo agora funciona normalmente

Leandro Domingos

leandro.domingos@gruposinos.com.br

Canoas - O espaço ecológico mais querido pelos canoenses está novamente aberto ao público. Após quase seis meses fechado devido à microexplosão climática que levou abaixo parte de sua estrutura, o MiniZoo foi reaberto na manhã desta quarta-feira (1º) para visitação.

A reabertura ocorreu acompanhada de uma solenidade contando com a participação de autoridades e do público, com destaque especial para a presença das crianças. Eram dezenas esperando a liberação, na entrada do zoológico, para ver os animaizinhos.

Michel Leal, 37 anos, resolveu aproveitar as férias e levar o filho Augusto, 9, na reabertura. "Eu sempre frequentei o parque, mas depois do temporal, e com o fechamento do zoológico, fiquei um tempo sem vir. Achei que a reabertura era um bom motivo para voltar", explicou. Augusto adorou a ideia. "Eu quero ver os macacos".

É justamente esse carinho da população que foi a força motriz dos trabalhos durante os últimos meses, segundo o secretário do Meio Ambiente, Paulo Ritter. "O que mais me perguntaram nos últimos meses foi 'quando é que o MiniZoo vai abrir'", comentou. "As pessoas têm uma relação de proximidade e um carinho muito grande por esse espaço. E isso é estimulante".

Também entusiasmado estava o prefeito em exercício, Nedy de Vargas Marques. Nedy apontou que somente agora Canoas começa a respirar após o vento que destruiu parte da cidade. "Todos sofreram", lembrou. "Vimos pessoas que perderam suas casas e economias por causa dessa microexplosão, mas o pior já passou".

Foi com alegria que o prefeito cortou a fita de reabertura e liberou a passagem do público presente à visitação. "A área foi limpa, estruturas foram reconstruídas e nossos animaizinhos estão protegidos", afirmou Nedy. "Está tudo de volta ao normal".



Prefeito Nedy de Vargas Marques, ao centro, comemorou a reabertura do MiniZoo

Natureza ensinando

Entre os investimentos necessários para retomar o funcionamento, estão 13 novos viveiros e dois novos ambulatorios. Paulo Ritter destaca que foram investidos R\$ 810 mil, captados junto ao Conselho Municipal do Meio Ambiente.

Além do montante citado acima, o MiniZoo recebeu também um investimento adicional de R\$ 195 mil. Esse valor foi destinado por uma empresa privada, em caráter de política compensatória, e viabilizou os ambulatorios.

"A gente aprendeu com a natureza", disse o secretário Paulo Ritter. "Aguardamos de maneira integrada, como um time, para recuperar o MiniZoo e entregá-lo de volta aos canoenses. É um orgulho muito grande ver este espaço aberto novamente".



Paulo Ritter

O MiniZoo fica junto ao Parque Municipal Getúlio Vargas (o popular Capão do Corvo), na Avenida Dr. Sezefredo Azambuja Vieira 900. A visitação é gratuita de terça-feira a domingo, das 10 às 16 horas.



Macaco em jaula do MiniZoo

Referência constante no acolhimento de animais

O MiniZoo terminou o ano passado com 1.296 animais recebidos e 389 reabilitados e devolvidos à natureza, segundo a Secretaria do Meio Ambiente. Não à toa, é referência no Estado na reabilitação de animais silvestres.

Presente durante a solenidade, a bióloga Gisele Pavão lembrou que, em 1998, quando trabalhava como estagiária do parque, a construção do zoológico ainda era um sonho. Hoje ele é modelo no Rio Grande do Sul. "O MiniZoo recebe animais para passar por recuperação vindos de lugares distantes e se tornou referência no acolhimento, motivo pelo qual há também estagiários que vem de longe só para trabalhar aqui".

Gisele aponta que é por essa razão que o Município já trabalha em um projeto para criar um centro de educação ambiental no local. "Isso é outro sonho que a gente tem".



Dupla de irmãos felinos aguarda por adoção responsável

Gatos resgatados em tubulação procuram um lar

Taís Forgearini

tais.forgearini@gruposinos.com.br

Canoas - Os irmãos felinos Irineu e Carvalho, de cerca de dois meses de vida, estão recuperados de saúde e disponíveis para adoção responsável na Secretaria Especial de Bem-Estar Animal (Sebea) de Canoas.

A dupla de gatinhos foi resgatada no início de janeiro em uma tubulação da rede pluvial na Av. Eng. Irineu Carvalho Braga. Eles receberam os nomes em homenagem à avenida onde foram encontrados.

"Depois que foram salvos, eles estavam muito debilitados e precisaram ficar internados quase uma semana em uma clínica que a Sebea tem parceria", relembra a assessora da Sebea, Elisa Zorn. Nas últimas semanas, os irmãos ficaram em observação e passaram por exames, tratamento nos olhos e receberam vacinas contra doenças.

Os filhotes são descritos como docéis e apegados um com o outro. "A história deles demonstra o carinho entre eles. Foram abandonados, mas não abandonaram um ao outro. Permaneceram juntos mesmo quando a tubulação era crítica", ressalta Elisa.

De acordo com a assessora, a preferência para adoção é para que seja em dupla. "Estamos tentando para que possam continuar vivendo juntos, mas agora ao lado de uma família que possa cuidar e dar todo o amor que eles merecem", evidencia a também protetora de animais.

Embora sejam praticamente idênticos fisicamente, os filhotes têm personalidades distintas. Enquanto Irineu (menor de tamanho) é mais quieto e calmo, Carvalho é mais brincalhão. "O Carvalho está sempre na volta do irmão querendo brincar. É bonito de ver", destaca Elisa.

Interessados em adotar a dupla podem entrar em contato por meio WhatsApp da Sebea - (51) 9-9138-5613 - ou ir pessoalmente na sede localizada na Av. Boqueirão, 1986, Estância Velha. "Fazemos uma entrevista, a pessoa apresenta documento oficial com foto. É necessário se tenha tela na residência e quando for buscar o animal traga caixa de transporte".

Relembre o caso

O resgate dos felinos ocorreu no dia 10 de janeiro após uma denúncia feita por populares. A equipe da Sebea atuou em conjunto com uma equipe do Corpo de Bombeiros de Canoas e da Subprefeitura Sudoeste do município.

Os filhotes ficaram cerca de três dias presos

na tubulação pluvial. O final feliz ocorreu após utilizarem uma retroescavadeira para retirar o concreto para acessar a tubulação em que a dupla de gatinhos estava.

Até o momento, ninguém foi identificado como autor do abandono dos irmãos que aguarda por uma segunda chance.

MEIO AMBIENTE

MiniZoo conta com novo ambulatório para reabilitação de animais silvestres

GUILHERME PEREIRA



GUSTAVO CAPELINO

Uma nova estrutura instalada no Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo) qualifica o atendimento aos animais resgatados ou feridos e que estão em tratamento. Instalado em Canoas, o ambulatório atende os bichos que vivem no local e aqueles livres na natureza, mas que chegam com alguma emergência. A estrutura física está no local desde sexta-feira (19) e serve para avaliação, exames e quarentena. O serviço das equipes do MiniZoo vinha sendo prestado em uma estrutura improvisada.

ANTIGO AMBULATÓRIO

Em novembro de 2021, o prédio do ambulatório do MiniZoo foi destruído

por conta da queda de uma árvore. Durante a reconstrução, a obra teve estragos pela tempestade que atingiu a cidade em agosto do ano passado. Os contêineres foram comprados pelo valor de R\$ 194.307 mil, por meio de Termo de Compensação Vegetal (TVC) firmado com uma empresa privada. A Prefeitura não teve gastos com a aquisição.

SERVIÇO

O MiniZoo fica junto ao Parque Getúlio Vargas (Av. Sezefredo Azambuja Vieira, 700, Marechal Rondon). O horário de funcionamento é de terça-feira a domingo, das 10h às 16h. A equipe pode ser acionada pelo telefone/Whatsapp: (51) 99787-1078.



TUCANO RESGATADO

Um tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*) recebe tratamento no MiniZoo. A ave resgatada pelo Grupo de Defesa Ambiental Ipson Pavani, em

São Leopoldo, no sábado (20), apresentava dificuldades de voo. A suspeita é que ela tenha escapado de um cativeiro ilegal. O animal permanece no local, onde passará por tratamento e reabilitação até estar apto a voltar à natureza.

TELEFONES ÚTEIS

Central de Atendimento ao Cidadão
0800 510 1234

Defesa Civil (24h)
(51) 3476.3400
(51) 99322.5764

Guarda Municipal
153

Disk Mulher (24h)
(51) 99275.8146

Ecopontos
0800 510 1234
ou 153

SUBPREFEITURAS

Centro
(51) 3428.3327

Nordeste
(51) 3236.3502

Noroeste
(51) 3466.1660
(51) 3477.4142

Sudeste
(51) 3475.2525

Sudoeste
(51) 3472.0454
(51) 3472.0436

OUTROS CONTATOS

Delegacia da Mulher
(51) 3426.6700

Samu
192

Conselho Tutelar
(Plantão diário)
(51) 99327.5389



TERÇA-FEIRA
18/Julho/2023
www.diariodecanoas.com.br

PARA ASSINAR Whats (51) 99202-6770 - 3553-2020 | ATENDIMENTO AO ASSINANTE de segunda a se-
4000 ou através do e-mail centraldoassinante@gruposinos.com.br. Feriados somente via Whats (51) 3553-2
com.br | ANÚNCIOS DE FALECIMENTOS E MISSAS Whats (51) 3065-8036 | REDAÇÃO (51) 3553-2040

Visitação é bem-vinda, mas não pode estressar os bichos

Equipe do MiniZoo faz apelo aos visitantes durante as férias escolares

Canoas - No fim de semana, depois de uma semana atribulada, famílias canoenses buscam paz, diversão e tranquilidade, quando vão ao MiniZoo do Capão do Corvo. É um momento de ter um contato mais próximo com a natureza e de ensinar para os pequenos sobre a fauna da região. Mas isso por vezes significa estresse aos animais.

Os visitantes, por não cumprirem a etiqueta em relação aos animais, por vezes, deixam os bichos mais estressados. O que era um desconforto da equipe local virou necessidade de alerta público por parte do município.

A situação fica mais difícil agora, com o aumento do público em decorrência das férias escolares e o grande número de pessoas nos finais de semana. É importante que a população siga as orientações, evitando, principalmente, alimentar, jogar objetos e perturbar os animais.

"Sempre reforçamos al-



Além de alimentar, tem gente que joga objetos nos recintos

gumas regras, principalmente com as crianças, mas é importante que o público se atente, ainda mais nesse período de férias, que vai ter um movimento maior de jovens", explica a bióloga Renata Gautier.

"Seguidamente temos problemas com pessoas alimentando os animais, jogando coisas ou fazendo tumultos, o que é muito prejudicial e estressante para os nossos bichos."

O MiniZoo de Canoas prioriza a reabilitação e a devolução dos animais silvestres para a natureza.

Muitas vezes, esses animais não têm condições de retornar para seu habitat natural, tendo que permanecer no espaço. Em 2023, o serviço completou 18 anos, contabilizando mais de dez mil animais atendidos. Mas o público visitante também tem que fazer sua parte neste processo.

É hora de aquecer os bichinhos neste inverno; você sabe como pode ajudar?

Pode parecer um tanto óbvio. O problema é que nem sempre essas regras têm sido respeitadas, por isso, a necessidade de se repetir o óbvio.

A equipe do MiniZoo destaca: é proibido fumar; não é permitido andar de bicicleta; é proibido alimentar os animais; não é permitido correr, gritar ou perturbar os animais; é proibido jogar pedras e demais objetos nos recintos; não é permitida a entrada de animais domésticos.

Em vez de estressar o ambiente, o visitante pode investir na solidariedade e doar jornais, papelão, panos e cobertorzinhos. Casinhas e caminhas também são bem-vindas para ajudar a esquentar os bichinhos no inverno.

Os bichinhos residentes do MiniZoo, assim como os pets que convivem com nossas famílias diariamente, também precisam de cuidados para enfrentar as temperaturas mais frias desta época do ano. Foram realizadas adaptações necessárias nos espaços destinados à vida animal.

O reforço da alimentação de algumas espécies também é necessário, além do aquecimento.



Atenção à capacidade máxima

O Zoológico Municipal de Canoas está localizado junto ao Parque Getúlio Vargas (Capão do Corvo), na avenida Sezefredo Azambuja Vieira, 700, no bairro Marechal Rondon.

O horário de funcionamento é de terça-feira a domingo, das 10 às 16 horas. A

capacidade máxima é de 150 visitantes. Caso esse limite seja ultrapassado, a equipe fará um controle de entrada do público.

Para mais informações, entre em contato com a equipe do MiniZoo pelo fone/Whatsapp: (51) 99787-1078.

De acordo com

especialistas, o estresse crônico pode levar os animais a apresentar comportamentos anormais tais como movimentos estereotipados, danos reprodutivos, úlceras gástricas, imunossupressão, agressividade, automutilação e morte.

Craque ta Rita

al Bianca e Jeferson

**Argentinos não
podem registrar
o nome do ídolo
albiceleste**

Questionada a respeito de como o pequeno será chamado por todos, Bianca foi rápida. "Lionel Messi mesmo. O Jeferson chama assim, não vai ser apenas Lionel", reitera. Se no Brasil é assim, podemos imaginar que na terra da "Pulga" não seria diferente. No entanto, ao contrário da facilidade que Bianca e Jeferson, os hermanitos não podem batizar seus filhos com o nome do camisa 10 da albiceleste. Os cartórios da cidade natal do craque, Rosário, proibiram os pais de registrarem novos jovens com a alcunha de Messi.

Essa medida foi tomada após a Copa do Mundo. Acontece que na Argentina, Messi é um sobrenome, assim como Cuccittini. O nome do camisa 10 é Lionel Andrés, esse sim, segue permitido para registros. No Brasil outros craques argentinos já viraram inspiração. Juan Roman Riquelme e Diego Armando Maradona foram homenageados. O ex-colorado Andrés D'Alessandro já foi homenageado. No lado gremista, Pedro Geromel também ganhou destaque na hora de batizar os filhos.

os de Ciclismo

isse ou na área rural, na busca



Urubu-de-cabeça-preta sofreu uma lesão na asa direita.

Urubu resgatado se recupera no MiniZoo de Canoas

Taís Forgearini

tais.forgearini@gruposinos.com.br

Canoas - O Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo) está com um novo hóspede temporário, o urubu-de-cabeça-preta. O animal de vida livre foi encaminhado pela Guarda Municipal de São Leopoldo, com uma lesão na asa direita em decorrência de uma possível colisão com fios da rede elétrica. A ave está em tratamento desde terça-feira da semana passada.

Segundo a veterinária do MiniZoo Isadora Favreto, não é possível afirmar

o motivo exato do deslocamento do ombro direito do urubu. "O raio-x constatou a lesão, o mais plausível é que tenha sido devido a uma batida em fios de alta tensão. Também foi constatado um tiro de chumbinho alojado em

um dos ossos frontais. Essa descoberta não tem relação com o ferimento atual. Provavelmente, é uma situação antiga que o urubu sofreu", acrescenta.

Pesando dois quilos, a ave adulta está em processo de recuperação. "A resposta ao tratamento é positiva. As medicações para a dor não são mais necessárias. No momento, estamos fazendo o intervalo

de tala, estamos deixando literalmente a asa retornar para o lugar. Daqui a 10 dias faremos um novo raio-x para definir o próximo protocolo", destaca.



Isadora Favreto

A previsão de duração do tratamento é incerta. "Pode levar dias, semanas ou mais. Quando a utilização da tala não for mais necessária, começaremos o treino de voo. Após a recuperação, a soltura será feita na natureza", diz.



Maus-tratos e caça

A veterinária do MiniZoo alerta para a prática criminosa de

do chumbinho alojado nos ossos frontais do urubu. "Estamos

Mudança de clima altera rotina no MiniZoo

Animais que residem no Zoológico Municipal de Canoas ganham cuidados especiais durante o inverno

Tals Forgearini

talsforgearini@grupomedia.com.br

Canoas - A variação de temperatura também afeta os animais. No Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo), as diferentes espécies residentes no local recebem tratamento especial para enfrentar as mudanças climáticas durante o ano.

No período de inverno, as chamadas casinhas são um dos recursos mais utilizados para combater o frio. Em dias quentes, o uso varia conforme a espécie e a adaptação com o abrigo, explica a veterinária do MiniZoo, Isadora Favreto.

"Por exemplo, para os répteis que temos no MiniZoo [jabutis e tartarugas-tigre-d'água], as casinhas são fixas, elas possuem um sistema de temperatura constante, ou seja, é possível aquecer ou resfriar o

ambiente conforme a necessidade. O mesmo tipo de abrigo é utilizado para a tamanduá [mamífero]", revela.

Para os dias mais frios, redes feitas de panos são colocadas para os primatas. No inverno, o MiniZoo também aumenta a quantidade de casinhas (de madeira) temporárias para os animais. "Geralmente, elas são forradas com algum substrato natural, o feno é bastante usado. Telhas e sombrites também são materiais que auxiliam na proteção de chuva e vento", diz.

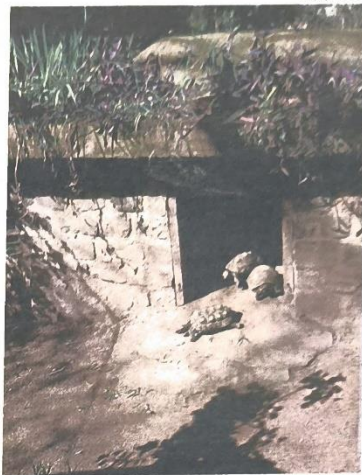
Alimentação

Para combater as baixas temperaturas, os felinos e as aves necessitam de uma dieta mais calórica. O cardápio é readequado conforme cada espécie. "Para os papagaios e as araras introduzimos a polenta nas refeições.

O cuidado com a alimentação é essencial porque os animais podem ficar um pouco mais dispersos durante o inverno, alguns podem querer comer menos e dormir mais. Redobramos a atenção nesse período", enfatiza.

É importante que a rotina dos bichos seja pouco alterada, destaca a veterinária. "Não podemos interferir demais na forma como o animal se comporta. Estimular a ir até o prato [de refeição] é necessário, outras ações mais invasivas, não", salienta.

Os répteis são a espécie que mais inspira cuidados nos dias de frio. "Mamíferos e aves são endotérmicos, ou seja, possuem uma temperatura constante. Os répteis são ectotérmicos, a temperatura deles varia conforme o ambiente. O frio deixa eles mais propensos a doenças".



Jabutis têm casinhas aquecidas na estação mais fria do ano

Região e saúdis

Os macacos saúdis (da família Callitrichidae) não são nativos da região sul. "Eles estão mais acostumados com o calor do sudeste e nordeste. Por não serem adaptados ao frio, o manejo com esses animais requer cuidados especiais. Infelizmente, os cinco que temos aqui no MiniZoo são oriundos do tráfico, no caso deles, não poderão mais retornar para a vida livre na natureza", lamenta Isadora.

A veterinária explica que os animais (todos adultos) ficaram com diversas alterações biológicas por conta do manejo incorreto que sofreram em cativeiro. Em média, um saúdi vive de 10 a 15 anos.

08

JORNAL DA PREFEITURA DE CANOAS

Edição 112 | Ano 3 | 12 a 18 de setembro de 2023

www.canoas.rs.gov.br

SEM-ESTAR ANIMAL

ESPORTE

MiniZoo de Canoas recebe filhotes de coruja-suindara

Animais foram encaminhados após caírem do ninho em um silo de grãos

QUILBERNE PEREIRA/PMC



Na última semana, dois filhotes de coruja-suindara (Tyto furcata) chegaram ao Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo). Os animais caíram do ninho em um silo de grãos de uma empresa. Como o ninho ficava em um local muito alto, os funcionários não conseguiram devolvê-los para os pais. Ao chegar no Zoo, eles passaram por avaliação médico-veteri-

nária, que não identificou qualquer ferimento.

Os filhotes serão alimentados e cuidados até que possam ser devolvidos à natureza. "Temos uma preocupação muito grande em não estabelecer relações afetivas com os animais que estão em processo de reabilitação, para não comprometer o seu comportamento futuro e, assim, aumentar a chance de soltura", explica a bió-

loga do MiniZoo, Renata Gautier.

O Zoológico Municipal de Canoas, vinculado à Secretaria Municipal de Meio Ambiente, prioriza a reabilitação e a devolução dos animais silvestres para a natureza. No caso de encontrar animais perdidos ou machucados, contate a equipe do MiniZoo para mais orientações, pelo fone/WhatsApp (51) 99787-1078.

SOBRE A ESPÉCIE

A coruja-suindara é uma ave de rapina popularmente conhecida no Brasil como Coruja-da-igreja ou Coruja-das-torres, por sua característica de criar ninhos no alto de prédios em ambiente urbano. Alimenta-se principalmente de pequenos mamíferos, anfíbios, répteis, aves e alguns invertebrados. A espécie cumpre um importante papel de controle da população de ratos e insetos.

Prefeitura lança editais de auxílio financeiro na área do esporte

A Prefeitura de Canoas, através da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL), lançou dois editais para atletas, entidades e ligas esportivas obterem auxílio financeiro para participação em competições esportivas oficiais e realização de eventos esportivos oficiais. Ambos ficarão abertos até às 18h do dia 15 de setembro. Os interessados devem realizar a inscrição na Central de Atendimento ao Cidadão (CAC), localizada na rua Ipiranga, 120, no Centro, de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h. Os responsáveis devem portar toda a documentação descrita nos editais. No total, a iniciativa vai destinar R\$ 400 mil. A divulgação preliminar dos selecionados de ambos os editais ocorrerá em 21 de setembro.

Informações e esclarecimentos poderão ser solicitados pelos telefones (51) 3236-1907 e (51) 3236-1901 ou, presencialmente, na sede da SMEL, que fica na rua Quinze de Janeiro, 193, salas 901/902, no Centro, de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h.

BEM-ESTAR ANIMAL

MiniZoo de Canoas realiza soltura de corujas

O Zoológico Municipal de Canoas (MiniZoo) realizou na última semana a soltura de quatro corujas-suindara (*Tyto furcata*), que estavam desde o mês de setembro sob cuidados no local, onde passaram por reabilitação. Após avaliação médico-veterinária,

que não identificou qualquer ferimento, os filhotes passaram por tratamento e cuidados, até que pudessem ser reintroduzidos em seu habitat.

Para garantir a plena recuperação dos animais em reabilitação, a equipe do Zoo utiliza algumas técnicas, como cobrir os

próprios rostos ao alimentar os bichinhos, para que eles não tenham contato com conversas e músicas. No caso dos filhotes, os momentos de contato ocorrem apenas em horários de limpeza, alimentação e avaliação clínica, a fim de evitar a criação de qualquer laço afetivo.

ANIMAIS SILVESTRES

Caso você encontre animais perdidos ou machucados, entre em contato com a equipe técnica do Zoológico Municipal de Canoas para informações e orientações, pelo telefone ou WhatsApp (51) 99787-1078.

SOBRE A ESPÉCIE

A coruja-suindara é uma ave de rapina popularmente conhecida no Brasil como coruja-da-igreja ou coruja-das-torres, por sua característica de criar ninhos no alto de prédios em ambiente urbano. A ave é uma excelente caçadora, de hábitos noturnos, que se alimenta principalmente de pequenos mamíferos, anfíbios, répteis, aves e alguns invertebrados. A espécie cumpre um importante papel de controle da população de ratos e insetos.

HALLOWEEN NO ZOO DESVENDA MITOS SOBRE OS BICHINHOS

Alusiva ao Halloween (Dia das Bruxas), a Secretaria Municipal de Meio Ambiente preparou uma ação especial, de 28 de outubro até 12 de novembro, no Zoológico Municipal. Foi inaugurado o espaço "EXPO ZOO" dedicado à Educação Ambiental, que conta com a exposição de Halloween intitulada "Desvendando Mitos Sobre os Animais".

Alimentação temática

Os animais do MiniZoo estão recebendo alimentação temática e enriquecimento ambiental, cujo objetivo é estimular os cinco sentidos dos animais e, desta forma, proporcionar o seu bem-estar.



Visitação aberta

O Zoológico Municipal de Canoas localiza-se no Capão do Corvo no Bairro Marechal Rondon. A visitação pode ser realizada de terça a domingo, das 9h às 17 horas. O acesso é gratuito.

Passaporte de vacinação é exigido

Em cumprimento aos decretos Estadual e Municipal de prevenção à Covid-19, o público visitante do Zoológico Municipal de Canoas deve apresentar o passaporte vacinal. Desde o início da pandemia, o MiniZoo adota todos os protocolos sanitários de enfrentamento à Covid-19. Além do passaporte vacinal, é obrigatório o uso de máscaras e a restrição de ocupação é de 50%.

Anexo 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – Entrevista com a Bióloga responsável pelo MiniZoo

1/3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Senhor(a) está sendo convidado a participar de uma pesquisa acadêmica do Programa de Pós Graduação de Memória Social e Bens Cultural da Universidade La Salle intitulada o Minizoo de Canoas/RS como espaço de preservação, reabilitação de fauna e memória ambiental: Educação e integração na paisagem urbana. O trabalho é realizado pelo doutorando Diego Floriano da Rocha (51 9845-17276) e sob a responsabilidade e orientação da prof. Doutora Cleusa Maria Gomes Graebin (cleusa.graebin@unilasalle.edu.br 51 9322-9558). Para garantir os objetivos da pesquisa o senhor(a) será submetido a responder uma entrevista e os dados obtidos serão utilizados somente para este estudo, sendo os mesmos armazenados pelo(a) pesquisador(a) principal durante 5 (cinco) anos e após totalmente destruídos (conforme preconiza a Resolução 466/12). O risco encontrado nessa pesquisa é o desconforto da gravação de voz e imagem. A sua participação auxiliará a construir o campo da memória social. A sua participação é voluntária e o senhor(a) terá a liberdade de retirar o seu consentimento, a qualquer momento e deixar de participar do estudo, sem que isto traga prejuízo para a sua vida pessoal e nem para o atendimento na instituição (nos casos de pesquisa com profissionais e para sua atuação profissional). Você não será identificado(a) todos os dados de identificação são confidenciais e as informações serão utilizadas somente para fins científicos do presente projeto de pesquisa. O senhor(a) não terá nenhuma despesa e não há compensação financeira relacionada à sua participação. Está garantido o direito de obter atualizações a respeito dos resultados parciais do estudo. Ao assinar este documento, o(a) senhor(a) confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, foram explicados os procedimentos do estudo, teve a oportunidade de fazer perguntas, está satisfeito(a) com as explicações fornecidas e decidiu participar voluntariamente desta pesquisa. Uma via do TCLE ficará em sua posse e outra será arquivada pelo investigador principal.

CANOAS, 20 de Agosto . 2024.

Assinatura

Nome: Flaviana Renata Graebin Bouleart

Digitalizado com CamScanner

Anexo 3 – Transcrição da Entrevista com a Bióloga responsável pelo MiniZoo

920/08/2024

Entrevista

A entrevista foi realizada no dia 20/08/2024, com duração de 1 hora e 37 minutos. Posteriormente, os dados foram atualizados com a profissional no dia 15/01/2026. A partir do dia 1º de janeiro de 2026, a Prefeitura de Canoas restringiu temporariamente o recebimento de animais apenas ao município de Canoas, até que o contrato com a empresa responsável pela administração do zoológico seja renovado.

Todas as perguntas foram respondidas pela bióloga responsável pelo Núcleo de Educação Ambiental do MiniZoo. A seguir, apresentam-se os questionamentos realizados à mesma durante o levantamento de dados da pesquisa.

Existe algum pilar que norteia o funcionamento do MiniZoo de Canoas?

Sim, são eles:

Bem-estar dos animais cativos;
Reabilitação e soltura de animais silvestres;
Educação Ambiental;
Conservação da biodiversidade;
Pesquisa e disseminação de conhecimento.

Quantos animais residem no minizoo?

110 animais;
40 espécies diferentes.

Destes animais, quantos estão expostos ao público?

Aproximadamente 70 animais estão expostos aos visitantes, salientou que os animais expostos, são animais que não podem mais retornar a natureza e apresentam condições comportamentais e de saúde boas para estarem expostos.

Quantos animais estão na área restrita?

Aproximadamente 40 animais, alguns em tratamento para possível soltura no seu habitat e outros impossibilitados de serem expostos por questões de estresse ou de saúde.

Quantos animais foram recebidos desde o início dos registros?

2018 - 447 animais (76 espécies diferentes);
2019 - 733 animais (79 espécies diferentes);
2020 - 766 animais (105 espécies diferentes);
2021 - 1322 animais (117 espécies diferentes);
2022 - 1296 animais;
2023 - 1666 animais;
2024 - 2059 animais;
2025 - 3549 animais;
Cerca de 68% dos animais recebidos são de Canoas e 32% vêm de mais de 25 outros municípios.

Quantas solturas foram realizadas desde o início dos registros?

2018 - 144 solturas;

2019 - 186 solturas;

2020 - 192 solturas;

2021 - 296 solturas;

2022 - 355 solturas;

2023 - 590 solturas;

2024 - 710 solturas;

2025 - 817 solturas;

Como funciona a triagem dos animais recebidos?

Os animais chegam no zoológico, é preenchida uma ficha com o máximo de informações possíveis com o histórico do animal, após ele passa por uma consulta com o veterinário, para realizar a avaliação do estudo de saúde, realização de exames, tratamento e após vai para o processo de reabilitação.

Como funciona o processo de reabilitação?

A reabilitação é um processo técnico e individualizado, com duração variável entre uma

semana e mais de um ano, dependendo da necessidade de cada animal recuperar a saúde e reaprender funções vitais, como caçar e voar. O objetivo central é preparar o indivíduo para o retorno seguro à natureza, monitorando-se rigorosamente o tempo de cativeiro para evitar a habituação humana, fator que influencia diretamente o sucesso da soltura e a preservação dos instintos selvagens.

A expertise da equipe viabiliza procedimentos de alta complexidade, como cirurgias especializadas e a técnica de implante de penas, que atuam como aceleradores fundamentais da reabilitação. Esses diferenciais técnicos permitem a recuperação estética e funcional dos animais em tempo recorde, minimizando o período de cativeiro e elevando drasticamente os índices de sucesso na soltura e no retorno à vida selvagem.

O que seria o setor extra?

É uma parte extra do plantel, extra do zoológico, extra de visitação, serve para animais que estão sob tratamento, ele é retirado do recinto e vai para o extra com o objetivo de ser tratado. Quando o animal chega para o plantel, ele é direcionado para o extra, onde passa por uma quarentena até se adaptar e após este período ele passa a integrar o plantel na área de visitação.

Vocês realizam atendimentos à comunidade?

Sim, realizamos atendimentos e suporte a comunidade, no que diz respeito à fauna silvestre em conflito com a malha urbana, porém apenas dentro da cidade de Canoas, com avaliação técnica.

2021 - 135 resgates;

2022 - 134 resgates;
2023 - 199 resgates; 84 - retiradas de enxames (abelhas, vespas e marimbondos);
2024 - 223 resgates; 61 - retiradas de enxames (abelhas, vespas e marimbondos);
2025 - 185 resgates; 97 - retiradas de enxames (abelhas, vespas e marimbondos).

Vocês realizam ações de educação ambiental, tem noção de quantas por ano?

Sim, realizamos diversas ações de educação ambiental durante o ano e possuímos registro de todas.

2023

2910 alunos - visitas guiadas;
2121 pessoas - palestras, minicursos e seminários;
6872 atendimentos a comunidade – conversa direta
TOTAL de 11.903 pessoas participaram das nossas atividades.

2024

2665 alunos - visitas guiadas;
1826 pessoas - palestras, minicursos e seminários;
6775 atendimentos a comunidade – conversa direta
TOTAL de 11.266 pessoas participaram das nossas atividades.

Ano da enchente

2025

1927 alunos - visitas guiadas;
2132 pessoas - palestras, minicursos e seminários;
9565 atendimentos a comunidade – conversa direta
TOTAL de 13.624 pessoas participaram das nossas atividades.

Vocês realizam enriquecimento ambiental no recinto dos animais expostos e na área restrita?

Sim, o enriquecimento ambiental é realizado de forma aleatória, para que os animais não fiquem estressados, acontecendo pelo menos um episódio de enriquecimento ambiental na semana. O enriquecimento ambiental também atua como uma ferramenta de educação ambiental, pois quando realizado há interação com o público e a explicação justificando o porquê da ação. Em datas comemorativas como Carnaval, dia dos pais, dia das mães, natal e hallowenn também são realizadas ações de enriquecimento ambiental com foco nestas datas, porém também atuando como educação ambiental, pois há a interação com o público.

É observado algum período em que aumenta o recebimento de animais no MiniZoo?

Sim, durante a primavera e o verão acabamos recebendo e resgatando mais animais, chegando ao número aproximado de 200 animais na área de reprodução. No ano de 2025, em apenas um dia foi recebido aproximadamente 100 animais.

Como funciona a triagem de animais recebidos no zoo?

Os animais são recebidos, triados e acomodados no setor extra que é onde ficam os animais em tratamento ou para a manutenção dos recintos. No local existem recintos temporários destinados aos animais “aposentados”, pois não podem mais ser expostos.

A equipe do MiniZoo é formada por quantos profissionais?

A equipe é composta por 3 biólogos, 3 veterinários, 1 encarregado, 4 auxiliares e 10 tratadores.

Vocês recebem estagiários para atuarem no MiniZoo? Tem uma ideia do número de estagiários?

Sim, recebemos estagiários de diversas instituições.

2018 - 09 estagiários

2019 - 26 estagiários

2020 - 29 estagiários

2021 - 77 estagiários

2022 - 68 estagiários

2023 - 70 estagiários

2024 - 29 estagiários

2025 - 39 estagiários

Estudantes de Ciências Biológicas, Medicina Veterinária e Zootecnia.

Temos mais de 25 universidades parceiras.

Foram realizadas reformas ou melhorias ao longo dos anos no MiniZoo?

Entre 2018 e 2025, modernizamos nossa estrutura com novo pátio, novos recintos, ambulatório, internação, quarentena, depósito, necropsia e biotério. Essa evolução garante o bem estar animal e oferece suporte de alta complexidade para o ensino prático e a medicina veterinária.